



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Renata Lucia Baptista Flores

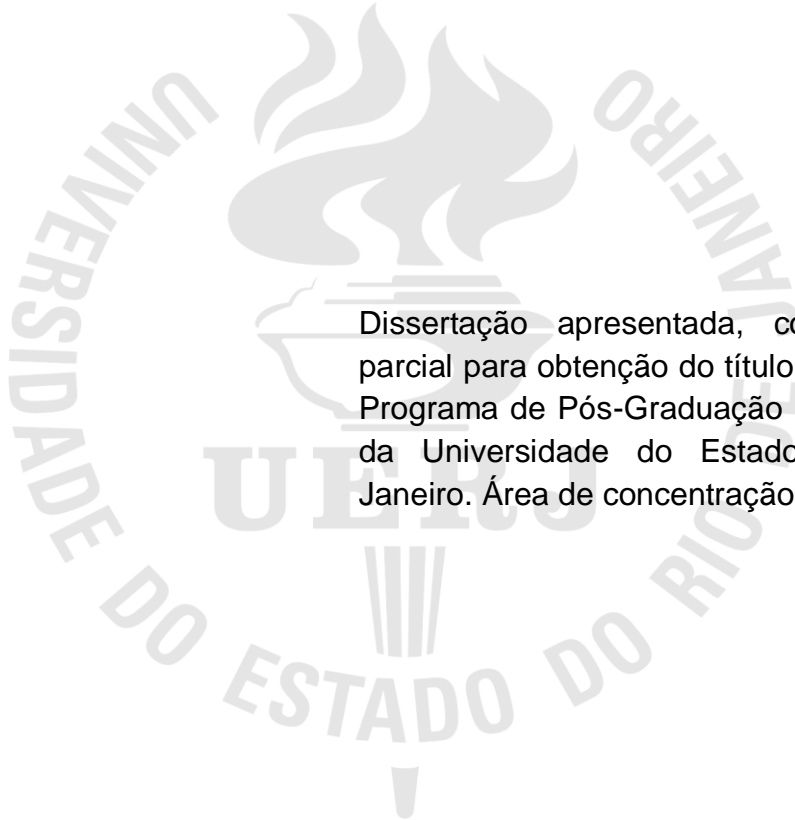
A gente se vê por aqui?
Percepções de espectadores infantis sobre crianças na televisão

Rio de Janeiro
2011

Renata Lucia Baptista Flores

A gente se vê por aqui?

Percepções de espectadores infantis sobre crianças na televisão



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Marisa Ribes Pereira

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

F634 Flores, Renata Lucia Baptista.
A gente se vê por aqui? Percepções de espectadores infantis sobre
crianças na televisão / Renata Lucia Baptista Flores. – 2012.
174 f.

Orientadora: Rita Marisa Ribes Pereira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Televisão e crianças – Teses. 2. Crianças – Brasil – Condições
sociais – Séc. XXI – Teses. 3. Comunicação de massa – Aspectos
sociais – Teses. I. Pereira, Rita Marisa Ribes. II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

nt

CDU 371.687-053.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou
parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Renata Lucia Baptista Flores

A gente se vê por aqui?

Percepções de espectadores infantis sobre crianças na televisão

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 11 de agosto de 2011.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rita Marisa Ribes Pereira (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

Prof. Dr. Maria Luiza Oswald
Faculdade de Educação da UERJ

Prof. Dr. Lucia Rabello de Castro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2011

DEDICATÓRIA

A meu pai.

AGRADECIMENTOS

“**OBRIGADA** é uma frase que pretende ser um beijo.”

(Adriana Falcão)

Penso que as palavras geralmente são limitadas demais para expressar sentimentos como é, por exemplo, o de agradecimento. Assim, opto por tomar a poesia de uma de minhas escritoras favoritas – e fazer nela uma pequena alteração (no original “Mania de Explicação”, de 2001, quem pretende ser um beijo é o pedido de desculpa...) – para singelamente expressar a todas e a cada uma das pessoas que aparecerão logo abaixo não só minha gratidão como minha alegria em tê-las por perto!

RITINHA... RITÍSSIMA! Esse trabalho, do jeitinho que está, nasceu por conta de sua orientação atenta, cuidadosa, parceira. Obrigada por cada palavra dita, por cada olhar, por tudo o que calou também. Na ciência e na vida. Obrigada por ser exatamente assim como você é! Seu ‘acabamento’ faz toda a diferença ainda mais comigo sabendo que posso contar com ele!

Minha mãe, VERA... Obrigada pelo apoio incondicional, pela certeza de que eu chegaria nesse momento, por tantos olhares orgulhosos, por tantas vezes “salvar minha vida”. Obrigada por tudo!

Minhas irmãs e famílias... EMILIA, obrigada pela disponibilidade, pela revisão pontualíssima do abstract; CELIA, obrigada pelo interesse, pela partilha de pedaços deste trabalho e da vida; AZUL, ELTON e MIGUEL, obrigada pela presença nos momentos mais importantes, pela alegria proporcionada com tanta frequência. Aos cinco: obrigada por serem porto seguro, por entenderem a chatice de quem passa pelo processo da escrita estando sempre por perto!

Minha família mineira, em especial, MARCIUS E MARILDA... Obrigada pelo acolhimento de sempre, pela torcida que apesar de distante se faz tão presente!

GPIME... Obrigada pelos incomensuráveis momentos de crescimento e aprendizagem, de leveza e risadas, de seriedade e trabalho. LUCIANA, KÁTIA, SÔNIA, PAULINHA, VÂNIA, FERNANDA, IVANA e JOÃO, obrigada pela parceria; JOANA, pela parceria que se estendeu ao espaço de trabalho; REGINA, obrigada pelas palavras que acalmam, pelo ombro disposto e acolhedor; NÉLIA e NÚBIA, obrigada pela amizade que transborda! Pela partilha que vai além da Academia, mas que passa por ela de modo tão intenso também! Quando crescer quero ser como vocês duas!

Todos os professores do ProPEd/UERJ, mas em especial MARIA LUIZA OSWALD... Obrigada pelas palavras sempre generosas, pelos encontros enriquecedores e divertidos.

Meus sinceros agradecimentos também às escolas que abriram suas portas para as atividades da pesquisa de campo. CLÁUDIA RUAS, por sua disponibilidade e pronto encaminhamento de minha demanda, muito obrigada.

Obrigada a cada uma das crianças que topou fazer uso de um tempo seu na escola para estar em diálogo comigo. Vocês me fizeram pensar muito e esse trabalho não seria nunca o que ele se tornou sem a interlocução vivida junto de vocês.

Os companheiros de minha jornada como educadora, fontes de muita aprendizagem sempre! Toda Equipe da OGA MITÁ, em especial os companheiros da MAXWELL, que acompanharam com entusiasmo minha entrada no Mestrado e que depois de anos de convívio sei que torcem por mim mais de longe; Equipe do Setor MULTIDISCIPLINAR do CAP/UFRJ, que me recebeu em meio à empreitada desta escrita e que se fez parceira compreensiva diante de ausências que a demanda deste trabalho me apresentava. Obrigada! Não tenham dúvidas de que vocês contribuem constantemente para que me acompanhe como quem sou.

Os amigos da vida, que entenderam cada “não posso” e “não vai dar” ou “vai ter que ser rapidinho”, mas que também me levaram “pro mau caminho” em algumas ocasiões. Obrigada, PETRÔ, LELÊ e DAVI com FRANCISCO, DANI, FLAVINHA, JANA e FÁBIO com SOFIA e THOMAZ, CLAUDINHA e GABRIEL com JANÔ. Que sorte eu tive quando a vida colocou vocês no meu caminho!

CLÁUDIO... Ah! Nem sei por onde começar... Nesse caso dizer que as palavras são insuficientes é pouco, muito pouco! Além da partilha da vida, obrigada pela primeira leitura de vários dos capítulos que aqui estão, pelos colos, pelos “pitos”... Obrigada por ser parte tão imprescindível na ciência, na arte, no vídeo game... na minha vida! Te amo pra sempre!

Sintam-se beijados com todo o afeto.

Do lado esquerdo carrego meus mortos.
Por isso caminho um pouco de banda.

Carlos Drummond de Andrade

A televisão/1

Era um pulgueiro dos subúrbios, o mais barato que havia em Santa Fé e em toda a República Argentina, um galpão mambembe que caía aos pedaços, mas Fernando Birri não perdia nenhum filme ou cerimônia que era celebrada na escuridão daquele grandioso templo da infância.

Nesse cinema, o cinema Doré, Fernando viu uma vez uns episódios sobre os mistérios do Egito Antigo. Havia um faraó, sentado em seu trono na frente de um poço. O faraó parecia adormecido, mas com um dedo enroscava a barba. Nisso, abria os olhos e fazia um sinal. Então o mago do reino pronunciava um esconjuro e as águas do poço se alvorotavam e se incendiavam. Quando as chamas se apagavam e as águas serenavam, o faraó se inclinava sobre o poço. Ali, nas águas transparentes, ele via tudo o que naquele momento estava acontecendo no Egito e no mundo.

Meio século depois, evocando o faraó de sua infância, Fernando teve uma certeza: aquele poço mágico, onde se via tudo o que acontecia, era um aparelho de televisão.

Eduardo Galeano

RESUMO

FLORES, Renata Lucia Baptista. ***A gente se vê por aqui? Percepções de espectadores infantis sobre crianças na televisão.*** 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

Esta dissertação teve por objetivo conhecer as perspectivas infantis sobre as crianças que atuam na televisão brasileira. O estudo parte do entendimento de que na contemporaneidade o contato de crianças com diferentes mídias é intenso e que isto, aliado a outras experiências, proporciona a estruturação de modos de ser e estar no mundo. Interessada em aproximar-se desses modos de ser e estar, a pesquisa organizou-se no sentido de travar um contato direto com as crianças espectadoras através da dinâmica dos Grupos de Discussão, numa abordagem de Pesquisa-Intervenção. Além de traçar uma abordagem histórica da televisão no Brasil e da relação desta mídia com as crianças neste país, o trabalho aponta possibilidades de reflexão sobre processos de subjetivação e significação do mundo por parte dos meninos e meninas interlocutores da pesquisa. Noções de recepção, de fama e beleza, de trabalho etc. são discutidas com e a partir do que as crianças formulam e enunciam. Os principais autores que fundamentaram a pesquisa são Mikhail Bakhtin, Lucia Rabello de Castro e Solange Jobim e Souza.

Palavras-chave: Televisão. Telespectadores Infantis. Infâncias Contemporâneas. Alteridade. Pesquisa-Intervenção.

ABSTRACT

The main goal of this work is to propose an approach and knowledge on childhood's perceptions about children's performance on television programs. Understanding that to be in the world nowadays it means an inevitable and intense contact with media vehicles, this paper also intends to promote reflections about one of them: the television. In this way, and believing that children are active human beings and that each individual can make his/her own history, this work opts for the Intervention-Research as the methodological way. During the research, children were heard, in Groups of Discussion, and many dialogues were built. Notions about TV reception, fame and beauty, work etc. are discussed from and with the pronouncements of the children which opens a view of the contemporary childhood.

Key-Words: Television. Child Spectator. Contemporary Childhood. Alterity. Intervention-Research.

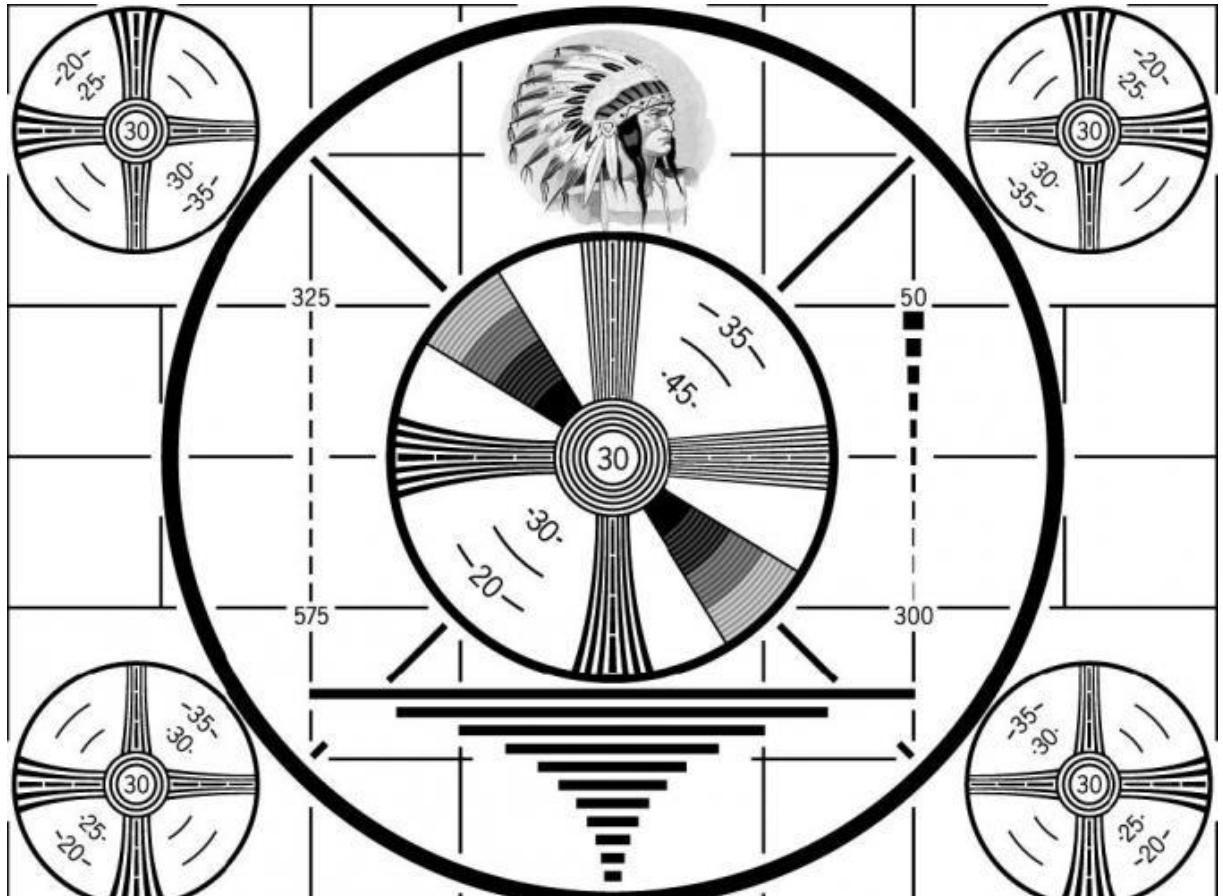
LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Imagem do primeiro interprograma da extinta TV Tupi	14
Figura 2 –	Cartoon de Quino	18
Figura 3 –	Digitalização da Adedanha Televisiva da primeira oficina preenchida por uma criança	44
Figura 4 –	Digitalização da Adedanha Televisiva da segunda oficina preenchida por outra criança	45
Figura 5 –	Imagens digitalizadas de materiais de oficinas	46
Figura 6 –	Cena de Rafaela na novela “Viver a Vida”	47
Figura 7 –	Imagens de Maísa, quando “descoberta” e atualmente	47
Figura 8 –	Imagem de Shirley Temple	48
Figura 9 –	Imagem de Os Simpsons	55
Figura 10 –	Epígrafe: Tira da Mafalda	56
Figura 11 –	“Carrocel”, cartoon de Moa	86
Figura 12 –	Logomarca da extinta TV Tupi	90
Figura 13 –	Logomarca da extinta TV Excelsior	92
Figura 14 –	Imagem de interprograma da TV Tupi	93
Figura 15 –	Imagem de chamada de programa da TV Tupi	94
Figura 16 –	Imagem da página inicial do <i>site</i> do Cartoon Network	103
Figura 17 –	Imagem da página inicial do <i>site</i> do Discovery Kids	104
Figura 18 –	Imagem da página inicial do <i>site</i> do Disney Channel	104
Figura 19 –	Imagem da página inicial do <i>site</i> do Nickelodeon	105
Figura 20 –	Imagem de cena da animação “Os Jetsons”	106
Figura 21 –	Imagem de cena da animação “Os Flintstones”	107
Figura 22 –	Imagens de cenas das animações “O fantástico mundo de Bobby”, “Meninas super-poderosas” e “Três espíãs demais”	107
Figura 23 –	Imagens de divulgação dos seriados “Jonas”, “Hannah Montana” e “High School Musical”	109
Figura 24 –	Imagem de tirinha da Mafalda, de Quino	114
Figura 25 –	Imagens digitalizadas de material da oficina do jogo dos dados	140/141
Figura 26 –	Imagem de Suzy Lee	155

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	PESQUISA COM CRIANÇAS: O CANAL DO CONHECIMENTO?	19
1.1	Referencial essencial: concepções de infâncias	21
1.1.1	<u>Um pouco sobre os adultos (ou ainda sobre as crianças?)</u>	26
1.1.2	<u>Sujeito criança</u>	27
1.2	A pesquisa: uma perspectiva bakhtiniana	30
1.3	O campo, o que vem antes e o que vem depois dele	32
1.3.1	<u>Um Norte: o encontro de alteridades distintas</u>	33
1.3.2	<u>Um Oeste: enunciações orais ou escritas como traduções, perspectivas</u>	34
1.3.3	<u>Um Leste: encontros de campo como acontecimentos</u>	36
1.3.4	<u>Um Sul: Questões eminentemente éticas</u>	37
1.4	O campo deste trabalho: pesquisa-intervenção como roteiro	40
1.4.1	<u>As estratégias do campo</u>	41
1.4.1.1	À guisa de detalhamento: as oficinas	44
1.4.2	<u>Que é o campo?</u>	49
2	A TV QUE TODO MUNDO VÊ?	56
2.1	Um pouco de História	59
2.1.1	<u>Quando nasce a tevê nasce também um novo homem: o telespectador</u>	63
2.2	E o negócio prosperou	65
2.3	A televisão como veículo de massa	68

2.3.1	<u>Cultura de massa e suas implicações sócio-históricas</u>	69
2.3.1.1	O caso do Brasil	71
2.3.2	<u>Os sujeitos da/na cultura de massa</u>	75
2.4	Veículo de massa crescentemente individualizante	78
2.5	Na dinâmica produção-recepção, a tevê de hoje	81
3	CRIANÇA E TV, TUDO A VER?	87
3.1	Crianças e televisão: uma História de proximidade	90
3.2	O infantil na TV segmentada	95
3.2.1	<u>As crianças na televisão</u>	105
4	QUEM PROCURA, ACHA AQUI?	115
4.1	Elas por elas	117
4.2	Ser criança na atualidade	122
4.3	Beleza e fama como paradigmas da contemporaneidade	130
4.3.1	<u>Dinheiro: a chave para o que quer que se queira</u>	139
4.4	Fama, beleza, dinheiro e... trabalho?!	146
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS – ENTRE O VER E O SER VISTO: ESPECTADORES INFANTIS E SUA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS NA TELEVISÃO	156
	REFERÊNCIAS	160
	ANEXO A – modelos de materiais usados nas oficinas	168
	ANEXO B – modelos das autorizações entregues às crianças interessadas em participar dos Grupos de Discussão	172



Primeiro "interprograma", TV Tupi

INTRODUÇÃO

E tudo em mim – cada movimento, cada gesto, cada experiência vivida,
cada pensamento, cada sentimento – deve ser um ato responsável;
é somente sob esta condição que eu realmente vivo,
não me separo das raízes ontológicas do existir real.
Eu existo no mundo da realidade inelutável,
não naquele da possibilidade fortuita.

Mikhail Bakhtin

Os caminhos percorridos para a chegada a um tema de pesquisa são tão diversos quanto o número de pessoas que existem no mundo. Não. Os caminhos potencialmente existem em maior quantidade, com certeza.

O percurso que fiz para chegar a esse tema e a esse trabalho foi trilhado de modo complexo, entrelaçando, bakhtinianamente, ciência e vida...

Quando penso na minha infância, na casa de meus pais, na minha rotina de criança, me indago: como seria possível alguém no mundo não ter um aparelho de televisão?!

Na minha casa, desde que me recordo, eram inicialmente 4 (quatro!) e logo em seguida 5 (cinco!) televisores. Sim, num apartamento de três quartos – um de meus pais, outro de minha irmã mais velha e o terceiro “das gêmeas” (eu e Celia) – havia um aparelho em cada um, mais o da sala e, algum tempo depois, mais um na cozinha!

Como este fato em si já pode deixar claro, sim, cresci vendo televisão. Uma assistência natural, com algumas regras e muito de opção minha. Ia para a escola pela manhã; na volta, banho e almoço com a TV ligada: He-man, o último desenho que passava no programa diário da Xuxa, normalmente era a atração inicial. Depois do almoço, era hora do ‘dever de casa’ e aí a companhia televisiva era totalmente proibida! Terminadas as tarefas escolares podia escolher entre voltar a assistir TV ou ir pro ‘play’ e, tendo colegas “lá em baixo” – o que quase sempre tinha –, escolhia os piques, as bonecas etc. em detrimento da programação audiovisual. Mas tinha hora pra ‘subir’ então, à noite, minha audiência era novamente certa. Aliás, cresci ‘ninada’ pelos sons da tevê: dormia com a mesma ligada – só conseguia dormir assim – num tempo em que *sleep time* não existia, aliás, nem os controles remotos

existiam ainda¹ – em verdade, não em minha casa! Mamãe e papai, atentos à nossa rotina de não dormir tarde em função da escola cedinho no dia seguinte, passavam pelo quarto e quando de fato já dormíamos desligavam o aparelho.

Os anos se passaram e muita coisa na minha vida mudou, claro, mas minha relação com a televisão ainda é intensa e meu tempo de audiência não é pouco extenso. Claro que não estou em casa com a frequência que ficava na infância, mas se estou em casa (e não estou me dedicando a algum trabalho acadêmico) ela está ligada.

Engraçado pensar nisso agora. Parece que tinha me esquecido de minha própria história...

É que me tornei professora. Cresci, estudei um tanto mais e da Escola Normal à Faculdade de Pedagogia foi ‘um pulo’. Daí, como educadora, quase que sem perceber e certamente sem estabelecer grandes relações entre a vida e o trabalho, passei a ‘torcer o nariz’ para a televisão... De certo modo adotara o discurso de que tevê não é coisa boa e, sempre que possível, a contraindicava. Embora na vida, em casa, seguisse telespectadora...

E enquanto isso percebia a crescente interação dos meninos e meninas com os quais convivia com conteúdos advindos de sua assistência televisiva. Relação que se fazia notória através dos materiais que portavam, das conversas que travavam, de algumas das preferências que denotavam. Por mais que contraindicássemos!

Além disso, passei a me indagar acerca desse antagonismo distanciado de uma prática coerente em minha vida: se a tevê é ruim para as crianças não o seria para mim também? Ou não é uma questão de qualidade? Seria afinal a superficialidade com a qual me detinha ao tema uma questão?

Enfim, a televisão se faz poderoso veículo de informações e preenche nosso cotidiano – de adultos e de crianças – de forma intensa. E é nessa complexidade de envolvimento que proponho – propus a mim primeiramente – um mergulho intencional e reflexivo acerca das relações que são estabelecidas na contemporaneidade entre crianças e televisão, dedicando atenção a cada uma das nuances desse conjunto e sabendo que entre elas estaria também a visada do adulto que sou.

¹ “A novidade [controle remoto] chegou ao nosso país às vésperas do Natal de 1962, transformando-se em artigo exclusivo dos televisores mais caros e sofisticados.” (BRAUNE e RIXA, 2007, p. 20)

Assim nasceu ***A gente se vê por aqui? Percepções de espectadores infantis sobre crianças na televisão.*** O trabalho tem a intenção de problematizar a percepção que as crianças contemporâneas, espectadoras de televisão, têm das crianças que atuam na TV: quem são as crianças (atores, atrizes, apresentadores etc.) que emergem dessa assistência e, junto com elas, que impressões são construídas?

Intentando instaurar, sobretudo, escutas às perspectivas infantis, meandros dessa temática vão se imbricando e compondo os diferentes capítulos deste trabalho.

No capítulo 1, *Pesquisa com crianças: o canal do conhecimento?*, procuro elucidar as perspectivas que organizam minhas acepções teórico-metodológicas. Entendendo que teoria e prática se interpenetram de modo irremediável e apostando nesse fértil entrelaçamento, concepções de trabalho científico, infâncias e pesquisa de campo são abordados nesse início.

No capítulo 2, *A TV que todo mundo vê?*, priorizo a revisão histórica da inserção do veículo midiático no Brasil, recorrendo intensamente ao diálogo com autores do campo da Comunicação, mas sempre relacionando esse advento às relações e impactos com o entorno sócio-histórico que o circunda.

Já no terceiro capítulo, *Criança e TV, tudo a ver?*, estreito um tanto mais o foco na análise da televisão pensando-a na sua relação com as crianças. O percurso histórico também é ensejado nessa parte do trabalho, mas chego a perspectivas contemporâneas dessa relação contando desde aqui com a interlocução construída no campo, no contato com meninos e meninas da atualidade.

No capítulo 4, *Quem procura, acha aqui?*, partilho privilegiadamente as reflexões que puderam ser empreendidas a partir das análises dos diálogos construídos nos encontros de pesquisa de campo.

Lançando mão de slogans de canais televisivos, transformando-os em questões, enfim, discorro teórica e reflexivamente sobre televisão e crianças, abordando questões que são importantes na discussão contemporânea desses temas como 'objetos' de pesquisa: convergência de mídias, segmentação de canais e públicos, concepções de recepção, alteridade, dialogismo...



1 PESQUISA COM CRIANÇAS: O CANAL DO CONHECIMENTO?

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Cecília Meireles

Há muitas formas de se encaminhar uma pesquisa acadêmica. Do mesmo modo que há muitas maneiras de se encaminhar uma pesquisa acadêmica que envolva crianças. Assim, quando pesquisamos estamos certamente fazendo escolhas, a cada momento, desde quando elegemos os teóricos e as teorias que nos ‘acompanharão’ até quando lidamos com os “dados” que emergiram do trabalho de campo. E estamos fazendo escolhas mesmo quando não nos apercebemos disto, é importante ressaltar! Quando seguimos num rumo, mesmo que não consigamos ver outros, estamos optando por este em detrimento de outros.

A complexidade da escolha é grande, sobretudo porque os caminhos que se colocam não são assim tão simplesmente duais como a poesia pode sugerir. Entre o isto ou aquilo estão os ‘meios dos caminhos’ – nem tão isso nem tão aquilo! – que levam a outras estradas, a percursos diversos e múltiplos que se tecem na rede de relações que vão se estabelecendo durante todo o processo. Se falamos de pesquisa em Ciências Humanas, então, em que o ‘objeto de estudo’ não é um objeto, mas ser humano, como é o caso aqui, vejo menos ainda como desprezar a multiplicidade de possibilidades que se apresentam. Isto porque, como Bakhtin (2006), entendo que “O objeto das ciências humanas é o ser **expressivo e falante**. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado.” (p. 395. **Grifo do autor**)

Justamente por pensar assim intento deixar explícito desde cedo que este trabalho se encaminhou no sentido de um entendimento abrangente do que seja pesquisa: da leitura dos livros, no campo, e ainda também depois deste. A percepção que aqui se organiza é a de que são essas as três bases sobre as quais se estrutura o trabalho em si. É claro que a revisão bibliográfica se fez importante:

aprofundar leituras em diferentes aspectos teóricos das distintas nuances que acompanham meu tema foi fundamental. Mas para além da leitura da bibliografia, soube desde cedo que o encontro com os seres “*expressivos e falantes*” seria determinante nesta empreitada. Portanto, sim, fiz a opção por um estudo que contemplasse uma Pesquisa de Campo. E do mesmo modo, no retorno ao trabalho de escrita, a busca por uma tessitura – não corriqueira, mas intencionalmente – dialógica e polifônica sustentam o que aqui nasce de texto e reflexão.

Preciso destacar que entendendo que o objetivo de um trabalho acadêmico, de uma pesquisa, seja a produção de conhecimentos acerca de um objeto, e percebendo as crianças – e mais especificamente as crianças espectadoras de televisão – como “objetos-sujeitos” de meu estudo, não vejo canal que suprima este do encontro **com** esses sujeitos.

Mas o fato é que tendo feito esta opção não está tudo resolvido: com ela o caminho só se inicia e volta-se para a questão original, já que múltiplas são as possibilidades de organização e dinâmica de encontro com os meninos e meninas. Mais uma vez o percurso das escolhas se coloca adiante.

E essa trilha das escolhas, importantíssimo ressaltar, revela muito mais do que, topicamente, ações concretas e estratégias de atuação. Quando opto por isso e não por aquilo, o faço com base numa série de outras questões – impressões, acepções, filiações etc. – que me constituem e que também constituirão as informações e reflexões que vierem a ser empreendidas.

Deste modo, me parece primordial buscar construir meus ‘mapas’ para esta jornada, ‘instrumentos’ que me organizem e me orientem para minhas escolhas. Realmente percebo ser de grande importância a tomada de consciência para cada uma de minhas opções, sejam as teóricas, sejam as metodológicas.

Esse capítulo nasce, portanto, no registro do exercício desta busca; do desejo de construir um caminho consciente, coerente. Neste ‘escrito-mapa’, debruço-me sobre as principais questões teórico-metodológicas que sedimentam o trabalho, que expõem e dão sentido ao que elegi, ao que escolhi fazer.

Bakhtin (2006) tem um enunciado célebre o qual tomo a liberdade de parafrasear fazendo certa alteração e concluindo, de início, minhas intenções:

Ciência e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade².

1.1 Referencial essencial: concepções de infânciaS

Porque se a gente fala a partir de ser criança,
a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha,
de uma tarde e suas garças, de um pássaro e suas árvores.
Então, eu trago de minhas raízes crianceiras
a visão comungante e oblíqua das coisas.

Manoel de Barros

Em sua poesia Manoel de Barros referencia a infância em muitos momentos. Fala de ser criança, de sua experiência, de suas impressões, de seu encantamento. Mas para além de falar disso, revela boa parte de suas acepções acerca deste grupo ao dizer, simplesmente por dizer de um modo e não de outro. Assim como o poeta, o pesquisador da infância, em seus escritos e atitudes, fala do ser criança – quer saiba, quer não – revelando também suas percepções e filiações.

Na essência da estruturação de uma pesquisa em que se declara intentar a produção de conhecimentos com crianças me parece ser imprescindível, assim, explicitar com clareza os fundamentos de percepção dessa categoria. Trazer à tona as concepções de infância que vêm permeando as relações entre adultos e crianças assim como pontuar as percepções que elejo para me acompanhar na vivência com elas me parece ser a estruturação de referencial essencial para esta jornada.

Ao longo do tempo, muito tem sido vivido e dito – academicamente inclusive – acerca das crianças e da infância. Começamos fazendo uma breve revisão do que nos apontam alguns autores, já que partilho do “[...] consenso crescente de que a história da infância é essencial para compreendermos a infância hoje.” (CASTRO, p. 23).

² De fato a frase de Bakhtin é “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade”. É encontrada no texto “Arte e responsabilidade”, Idem, p. XXXIV.

Não parece ser novidade que Philippe Ariès é praticamente o precursor dos estudos e reflexões acerca deste tema. Com sua obra, *“História social da criança e da família”*, de 1961, o autor aponta importante pesquisa através da qual marca questões bastante relevantes da relação da criança com seu entorno (e vice-versa), como a percepção de sua inserção na Idade Média. Deixando claro que neste tempo o conceito *infância* era inexistente do modo como hoje é percebido, ressalta aquilo que em pinturas, por exemplo, pode ser observado sem maiores esforços: crianças vestiam-se como adultos, viviam experiências conjuntamente com eles; eram, enfim, como adultos pequenos, como homúnculos. Nesta lógica, não se admite especificidades deste grupo; estabelecem-se relações indiferenciadas entre as pessoas maiores e as menores.

É apenas no século XVIII, com o surgimento da família burguesa, que o conceito de *infância* se estrutura. E, junto com ele, o surgimento da escola se dá.

Daí uma série de novidades. No século XVIII, Erasmo de Roterdã recomendou que as vestes das crianças fossem diferentes das dos adultos; no século XIX, as crianças foram especialmente protegidas da crueldade... A noção de educação passou a ser tema importante, as escolas organizaram-se e, por fim, notou-se que as crianças não deveriam estar sob as mesmas influências dos adultos. Nem todas as discussões seriam apropriadas à infância. Nem todos os temas seriam adequados às crianças. Nascia a diferença de obrigações, costumes, jogos e roupas entre crianças e adultos. (p. 07-08)

Estrutura-se pela primeira vez uma percepção de particularidades entre os mundos destes diferentes grupos, em especial, particularidades das crianças.

É certo que, se observarmos bem, veremos que essa diferenciação traz consigo todo um caráter valorativo. Seu surgimento junto com a estruturação da família burguesa, conforme já apontado, cunha de pronto uma intenção protetora do mundo adulto em relação ao infantil. Seu aparecimento relacionado à invenção da escola aponta para a crescente percepção da responsabilização dos adultos em relação às crianças, neste ponto também em relação à moralidade e ao conhecimento formalizado.

O conceito moderno de *infância* nasce, assim, subentendendo uma série de aspectos que precisam ser destacados para que se tornem mais visíveis e, conseqüentemente, melhor compreendidos. Se por um lado abrem-se possibilidades para uma inserção mais ‘especial’ das crianças dentro de seu grupo social, por outro se define claramente por qual viés essa ‘especialidade’ se dará. Não é radicalismo afirmar que o viés é o da inferioridade!

Por mais que quase sempre a intenção pareça bastante positiva – porque zelosa, protetora –, a superioridade do mundo adulto em relação ao infantil é frequentemente marcada e isso pode não ser assim tão positivo.

Se dermos uma breve revisada na abordagem da infância por parte de diferentes áreas do conhecimento poderemos reiterar tal afirmação, além de agregar novos elementos a esta reflexão. Sarmiento (2008) é o primeiro que trago para contribuir nesta discussão com a perspectiva sociológica:

[...] com efeito, as crianças, durante séculos, foram representadas prioritariamente como 'homúnculos', seres humanos miniaturizados que só valia a pena estudar e cuidar pela sua incompletude e imperfeição. Estes seres sociais 'em trânsito' para a vida adulta foram, deste modo, analisados prioritariamente como objeto do cuidado dos adultos [...] Esta imagem dominante da infância remete as crianças para um estatuto pré-social: as crianças são "invisíveis" porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. (p. 19)

Para além da intenção do cuidado, percebe-se que se atrela ao conceito de infância a noção de invisibilidade na ação social. Aos poucos se desvela o contraponto desse olhar zeloso...

Essa noção de invisibilidade social, aliás, ganha contorno ainda mais procedente com a contribuição de Kohan (2008) que estrutura um artigo pensando sobre o termo infância em sua origem epistemológica. Trazendo a fala de Castello e Márcico³ esclarece que:

[...] podemos entender que *infans* não remete especificamente à criança pequena que não adquiriu ainda a capacidade de falar, mas se refere aos que, por sua minoridade, não estão ainda habilitados para testemunhar nos tribunais: *infans* é assim 'o que não pode se valer de sua palavra para dar testemunho. (p. 41)

E este autor segue sua análise elucidando o impacto de tal origem à categoria da qual temos tratado quando propõe que:

Percebamos então que a etimologia latina da palavra 'infância' reúne as crianças aos não habilitados, aos incapazes, aos deficientes, ou seja, a toda uma série de categorias que encaixadas na perspectiva do que elas 'não têm' são excluídas da ordem social. De maneira que a infância está marcada desde a sua etimologia por uma falta não menor, uma falta que não pode faltar, uma ausência julgada inadmissível, a partir da qual uma linguagem, um direito e uma política dominantes consagram uma exclusão. (KOHAN, 2008, p. 41)

³ Luis Angel Castello & Claudia Márcico têm parte de seu escrito citado no texto de Kohan. Referência completa: CASTELLO, Luis Angel e MÁRCICO, Claudia. Oculto nas palavras. Dicionário etimológico de termos usuais na práxis docente, Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Não diferentemente dos percursos sociológicos e filosóficos, quando nos voltamos à Antropologia nos deparamos com autores que percebem o tema a partir do mesmo viés de abordagem. Em artigo de Gomes (2008) temos contato com a pontuação de Brandão⁴ de que:

Em toda a bibliografia clássica da Antropologia, a criança é um ser ausente da cultura, aparece nela esporadicamente, ou então, quando surge de modo significativo, é através da análise de situações rituais onde o processo cultural do rito importa muito mais do que o seu efeito psicológico sobre o sujeito. (p. 83)

É mais uma vez a perspectiva da invisibilidade, o entendimento da não potencialidade que se revela no olhar para a criança.

As contribuições da Psicologia vão ainda atingir mais assertivamente essas questões e argumentações ora desveladas. Propondo uma análise das primeiras observações sistemáticas do desenvolvimento infantil, Vasconcelos (2008) nos aponta a origem da observação científica sobre a infância destacando sua essência biológica e evolucionista, fortemente alicerçada nos estudos darwinianos:

Tais estudos, baseados nas teorias biológicas e evolucionistas, acabaram por dar origem às análises do que era considerado o desenvolvimento “normal” de crianças. Nessa perspectiva, o desenvolvimento seria resultante de processos maturacionais de características da espécie humana, visando a adaptação ao meio ambiente... A pouca ênfase à infância e às crianças nos estudos científicos existentes até o final do século XIX foi seguida pela concepção do desenvolvimento que enfatiza a maturação orgânica. (p. 63)

Somada às ideias até então elucidadas, a questão do olhar desenvolvimentista explicita novamente a perspectiva da formação, da incompletude; por este ângulo de visão, mais uma vez destaca-se a necessidade de crescimento para aquisição daquilo que está em falta.

Não é demais ressaltar que ao pesquisar esse histórico buscando diferentes campos de conhecimento nos deparamos quase que unanimemente com o desenvolvimento tardio de estudos nesse tema. A criança e as relações com ela travadas demoraram a começar a ser investigadas, especialmente na sociologia e na antropologia.

A partir desta breve revisão, enfim, podemos perceber que por trás dos discursos do cuidado e da proteção, de maneira geral são as noções de

⁴ Carlos R. Brandão tem parte de seu texto citado por Gomes. Referência completa: BRANDÃO, Carlos R. A criança que cria: conhecer o seu mundo. In: A educação como cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

incompletude e de vir a ser que estão constantemente relacionadas à infância, ou seja, às crianças.

E a partir dela se instaura uma sensação de contradição ao se pensar na temática desta dissertação, que refere à existência de crianças na televisão: que invisibilidade toda é essa quando tantas crianças são as protagonistas das atuais séries de televisão? Em quais circunstâncias as crianças contemporâneas são invisibilizadas e em quais circunstâncias são colocadas em lugar de exposição?

É neste ponto que penso que devemos relativizar nossas informações e apurar nossas percepções: será que a superexposição de imagens infantis por um veículo de comunicação de grande inserção social garante por si só a revisão de todo um ideário acerca de um grupo?

Particularmente avalio que não há dúvidas de que há avanços na relação de adultos e crianças. Contudo, percebo que o protagonismo – sobre o qual falarei mais detidamente num próximo capítulo –, mesmo com a exposição midiática, muitas vezes não garante por si a visibilidade da criança ou da sua infância. Como já disse, somos nós adultos, entre nós apenas, que seguimos tratando das questões que a envolvem. Nós pensamos, nós debatemos, nós postulamos.

Então me pergunto, como pesquisadora, como temos nos posicionado em relação a essa prática discursiva acerca da infância... E fazendo – também a mim mesma – tal questionamento me remeto a Bakhtin (2009) quando postula que:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (p. 95)

Movida pelas ressonâncias despertadas em mim com relação ao que se diz da infância e das crianças, formulo outras questões, tais como: se é a noção do vir a ser que envolve o olhar de muitos para as crianças, entende-se que elas hoje **não são**? Mas elas **são**, não? Existem, falam, pensam, interagem... E, afinal, estou aqui falando somente sobre a criança? Ou será que também disserto sobre o adulto, já que é este quem eminentemente tem lançado todos esses olhares até então descritos?

1.1.1 Um pouco sobre os adultos (ou ainda sobre as crianças?)

Neste ponto penso ser importante fazer uma espécie de parêntese – inclusive para excluirmos os parênteses dos subtítulos deste capítulo! –, no qual penso que a contribuição de Bakhtin (2006), novamente, é imprescindível.

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (p. 373-374)

É impossível não aliar esse entendimento ao fato de que praticamente tudo o que se tem dito de criança e, assim, de infância, até hoje, foi pensado, estudado, pesquisado e registrado por adultos. Se independentemente de qualquer outra coisa entendemos que é o outro que começa a nos dar forma, no que compartilho da perspectiva de Bakhtin, como ignorar que o que se formulou sobre esse período de tempo da vida humana, então, se fez preponderantemente a partir da perspectiva do adulto?

Mas seguindo essa lógica também não há como fugir da recíproca. E essa, claro, não é uma conclusão apenas minha. Nascimento (2009) observa:

É interessante notar que, reciprocamente, à medida que se constrói uma imagem da infância, constrói-se uma imagem correspondente do adulto, como sustenta o sociólogo inglês Chris Jenks no texto “Constituindo a criança”. Neste artigo, ele afirma que “a criança não é imaginada senão em relação a uma concepção de adulto, embora seja impossível criar uma noção precisa da adulez e da sociedade adulta sem primeiro tomar em consideração a criança”. (p. 46)

Deste modo, entendo aqui que é impossível pensar num grupo sem de algum modo ser remetida ao outro. Para além desta breve constatação é válido ressaltar que, entendendo assim, esclareço que desde o início dessa dissertação assumo que trato de adultos e de crianças, de sua interação no mundo contemporâneo.

O exercício aqui, contudo, é o de romper com o movimento que tem sido mais recorrente, o “adultocentrismo”, na busca de relacionar ambos os grupos numa perspectiva de reciprocidade, buscando abrir mão das constituições hierárquicas.

Como se viu, não procurei esconder, muitas das abordagens que se propõem a tratar das crianças em suas infâncias o fazem com base em premissas bastante

discriminatórias⁵, que têm colocado a criança numa relação subalternizada, gerando sua invisibilidade social.

Embora ainda as avalie como dominantes, tais ideias precisam ser repensadas e de fato já começam a sê-lo. Ocorre que já se começou a perceber tal questão e já existe certa mobilização por parte de pesquisadores e estudiosos no sentido de rever essas noções. Deste modo, visitemos um tanto do que já se diz sobre as relações com crianças e infâncias em busca das revisões necessárias!

1.1.2 Sujeito criança

Colombo descobriu a América, mas não os americanos.

*Tzvetan Todorov*⁶

Para que comecemos a pensar sobre as revisões que me parecem importantes de acontecer, tenho que trazer à tona um conceito que vem acompanhando subliminarmente este escrito: a alteridade. E, para além da contribuição *bakhtiniana*, trago a epígrafe de Todorov (2003), que não trata diretamente⁷ da infância, mas da perspectiva do outro de maneira geral.

Neste livro, o autor analisa a conquista da América ressaltando sempre a relação travada – a partir da análise de registros históricos existentes – entre conquistadores e conquistados. E é logo ao final do primeiro capítulo que afere a descoberta das terras, mas não da gente que lá vivia. Chega a tal conclusão apontando a subalternização dos conquistados, a sua invisibilidade enquanto

⁵ De fato, trata-se de abordagens classificatórias. É a partir da perspectiva que assumo, ou seja de meu ponto de vista, que tais abordagens se tornam discriminatórias.

⁶ Sugiro especialmente o Cap. III da obra citada de Tzvetan Todorov para a reflexão sobre esta temática. Referência completa ao fim do trabalho.

⁷ O autor não se propõe a falar diretamente da infância, mas podemos conferir tal interface no seu discurso quando cita o colonizador: “Em prudência como em habilidade, e em virtude como em humanidade, esses bárbaros são tão inferiores aos espanhóis quanto as crianças aos adultos e as mulheres aos homens [...]” (TODOROV, 2003, p. 221)

sujeitos, nas suas práticas e cultura em geral, em função do olhar exclusivo da perspectiva do conquistador.

E é exatamente aí que uma questão aparece forte para mim: até que ponto, assim como Colombo, descobrimos a infância, mas não as crianças? Penso que a analogia nos serve para refletirmos um tanto, à luz do que se elucidou até aqui, sobre a forma como se tem abordado essa categoria.

Achamos que sabemos o que é a infância e agimos de modo a desenvolver estratégias (métodos e afins, inclusive) que visam suprir os seres que pertencem a este grupo daquilo que lhes falta.

[...] os documentos produzidos pelo adulto constituem a principal (ou quase exclusiva) fonte para a escrita da história da infância. Tanto nos textos voltados para a construção de um imaginário sobre a infância, quanto nos documentos para normatização das práticas de cuidado da criança, o adulto projeta uma determinada representação sobre a identidade infantil, sua particularidade, que definiria as estratégias de formação e intervenção. (GOUVÊA, 2008, p. 106)

Subalternizando a infância ao mundo adulto, faz-se tal qual Colombo e tantos outros conquistadores à população indígena local no tempo da conquista: ignora-se o outro em tudo o que tem de seu, subjugando-o àquilo que somos/temos/sabemos. Age-se, em suma, como meros colonizadores.

E na 'empreitada da colonização infantil', buscou-se uma universalização do conceito, descaracterizando-se as possibilidades e particularidades de exercício de ser criança.

O "tempo-lugar" da infância, constituído de forma hegemônica nas práticas sociais do mundo moderno ocidental, enfatiza a linearidade e a cronologia. Contudo, essa visão, embora dominante, não é fixa, absoluta nem imutável, devendo ser aberta à criação de novas manifestações de acordos intersubjetivos e compreensões inovadoras. (PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 33)

Essa talvez seja a revisão que deve preceder as demais necessárias: é preciso que, alteritariamente, reconheçamos a criança como sujeito de sua história.

Tal percepção nos remete ainda ao fato de que não há como universalizar esse conceito já que o 'hoje' não é algo dado, mas construído em cada canto do mundo, em cada realidade, em cada contexto sócio-cultural, como bem aponta Dayrell (2003):

Para efeitos dessa análise, assumi a definição de Charlot (2000, p.33 e 51), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade;

é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido[...]Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo é produzido[...]Nessa perspectiva, o ser humano não é um dado, mas uma construção. (mimeo)

Assim, as infâncias são muitas, podem ser tantas quantas são as crianças e as realidades que no mundo existem. Isso implica concebermos a sócio-historicidade do sujeito-criança, que está, na infância, e desde sempre, aliás, imerso num tempo-espaço contextualizado.

Os estudos sociológicos trazem também uma contribuição interessante dessa possibilidade de mudança de ponto de vista em relação à categoria infância, como observa Nascimento (2009):

[...] foram construídas outras concepções, pautadas por um novo paradigma: a infância deixa de ser vista como um “tempo de passagem” para constituir-se como uma categoria na estrutura social [...] a perspectiva estrutural da infância, desenvolvida por Qvortrup, fundamenta-se em três asserções principais: 1. a infância não é exatamente uma fase da vida, mas uma categoria na estrutura social, que manifesta variações históricas e interculturais; 2. alterações na sociedade afetam as crianças tanto quanto os adultos; 3. as crianças contribuem ativamente na sociedade, embora a natureza de sua contribuição seja diferente em distintas culturas. (p. 48-49)

Neste percurso, urge que percebamos a criança como agente de seu tempo, como pessoa de determinado contexto; que busquemos conhecê-la interessados de fato no que ela tem a partilhar, no que ela tem a nos acrescentar, entendendo que sua participação ativa certamente desvelará aspectos específicos, diferenciados e, por isso mesmo, únicos. Isso implica que falemos menos **delas, sobre elas** ou **para elas**, e mais **com** elas.

Ouvir as experiências [de infância], falar sobre elas e interpretá-las com a ajuda daqueles que dela hoje participam – as crianças – é uma forma de ressignificar as hierarquias institucionalizadas dos papéis sociais estabelecidos culturalmente. Além disso, é deixar emergir a diferença no seu caráter extensivo de alteridade e abertura para novas possibilidades de acordos intersubjetivos. (PEREIRA e SOUZA, 1998, p. 40)

Acredito de fato que é a partir do momento que percebemos as crianças como atores sociais ativos, que lidamos com elas com ouvidos atentos para que suas falas ressoem e ecoem, que damos o principal passo em direção a uma significativa revisão do que se tem encaminhado em relação à infância.

[...] é a constatação de que vivemos numa sociedade marcadamente adultocêntrica, portanto construída e pensada por e para os adultos. Trazer a criança ao palco do diálogo e buscar estabelecer com ela uma parceria implica, de antemão, transgredir com o estabelecido e buscar meios de minimizar – já que é ingênuo achar que conseguimos suplantar – as relações desiguais de poder adulto-criança. (LEITE, 2008, p. 122)

Parece-me que é tempo de rever os conceitos que embasam nossa percepção das crianças, sem dúvida! Mas, para que isso aconteça me parece que é tempo de reelaborarmos o exercício do ser adulto em relação à infância.

Assim, neste trabalho acadêmico, é tempo de nos direcionarmos mais especificamente para a reflexão da prática que se encaminhou em todo o trabalho de pesquisa. Para além das percepções que me embasam na lida com os telespectadores infantis, mobilizam-me as ações nesse percurso.

Entendo que é a revisão da experiência do adulto **junto** da criança que definitivamente marcará a diferença, a transformação neste encaminhamento de relação.

1.2 A pesquisa: uma perspectiva *bakhtiniana*

Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo.
Com os olhos nós olhamos a vida [...]
Os olhos têm raízes pelo corpo inteiro [...]
Com os ouvidos nós escutamos o silêncio do mundo [...]
Os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro [...]
Com o nariz sentimos os cheiros do mundo [...]
O nariz tem raízes pelo corpo inteiro [...]
Com a boca sentimos o sabor das coisas [...]
A boca tem raízes pelo corpo inteiro [...]
Pela pele experimentamos as sensações de calor, frio, dor, prazer [...]
A pele é raiz cobrindo o corpo inteiro.
Em cada sentido moram outros sentidos.

Bartolomeu Campos Queirós

Na unidade da minha responsabilidade não consigo deixar de lado uma ideia já pincelada, por isso a trago para o centro: trabalho na área das Ciências Humanas;

meu objeto de pesquisa são seres humanos. A centralidade desta situação é crucial para boa parte de minhas escolhas, parece-me, já que intento lidar com meu estudo e com as pessoas que dele fazem/farão parte sem perder de vista sua humanidade, sem, portanto, 'coisificar'. E é nesse percurso que encontro teóricos como Mikhail Bakhtin.

Vale ressaltar que este autor não se dedicou a tratar especificamente das questões de pesquisa, mas com seus estudos sobre a linguagem tem sido um referencial relevante para pensar as questões desta, justamente inclusive no que se refere à especificidade das relações humanas: relações que se estabelecem imersas na linguagem, também nas situações de pesquisa desta área de estudo.

Objetivando tratar, sobretudo, das questões que envolviam os estudos linguísticos de seu tempo, Bakhtin aponta um caminho, provavelmente até então insuspeitado, que traz à tona o ser humano e a ideia de que com cada ser vem a rede de sentidos e significados que as relações com o(s) outro(s) inevitavelmente lhe conferem e fazem acompanhar. Para Bakhtin (2006) “[...] o **inter-humano** é **constitutivo do humano.**” (p. XXVI. **Grifo do autor**)

Essa perspectiva de olhar que se funda a partir da teoria de linguagem bakhtiniana me parece de grande relevância para uma área que finca seus estudos na prática discursiva estabelecida no encontro com o outro!

Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um outro, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do outro no texto. Esta questão pode, evidentemente, ser evacuada. Pode-se utilizar métodos ou convenções de escrita que ignorem ou que esqueçam que, do outro lado, há um sujeito que fala e produz tanto texto quanto o pesquisador que o estuda. Pode-se, ao contrário, tentar dar conta dessa presença outra, desse estranho encontrado ou desencontrado na pesquisa. (AMORIM, 2004, p. 16)

Diante do que Amorim postula e de toda a concepção teórica que trago comigo acerca da infância tenho certeza de que meu objetivo refere-se à segunda opção. Assim sendo, a questão da alteridade ganha relevo em minha abordagem, toma parte significativa em minhas ações. Mais uma vez como Amorim (2004), entendo que:

[...] é [...] em torno da questão da alteridade [que] se tece uma grande parte do trabalho do pesquisador. Análise e manejo das relações com o outro constituem, no trabalho de campo e no trabalho de escrita, um dos eixos em torno dos quais se produz o saber. (p. 28)

Mas o que significa exatamente ter uma conduta alteritariamente responsável numa pesquisa acadêmica? Essa é a minha grande questão e em função dela traço algumas estradas possíveis... Com os 'escritos-bússola' de Bakhtin certamente por perto...

1.3 O campo, o que vem antes e o que vem depois dele

Cego é quem vê só aonde a vista alcança
Mandei meu dicionário às favas
Mudo é quem só se comunica com palavras

Candeia

Primeiramente penso ser importante demarcar que a minha concepção é a de que a pesquisa é além do campo, tudo o que vem antes e depois dele. Ao escrever este capítulo – e os que o precederam – estou em pleno exercício de pesquisa; quando visito as escolas e encontro com os grupos estou também em ação de pesquisa; assim como quando volto para casa com o material 'colhido' destes encontros e busco caminhos para escrever, a partir deles e com eles, estou fazendo minha pesquisa. Deste modo entendo que minha responsabilidade orbita igualmente em cada uma dessas etapas de trabalho, exigindo de mim semelhantes níveis de atenção e de cuidados. Mas é claro que cada uma dessas etapas se relaciona com procedimentos distintos que, na prática, remetem a medidas responsivas diversas.

O momento que precede o campo, diria, é basicamente o tempo de estruturação do arcabouço teórico mais significativo para o estudo. O cuidado aí me parece ser o explicitado no início deste capítulo: a atenção mais voltada às relações de coerência entre os escritos, as percepções buscadas e eleitas. Há o encontro com *outros*, sempre há – outros autores, interlocutores... –, mas certamente encontros significativamente distintos dos que permeiam a pesquisa a partir do campo.

[...] as Ciências Humanas, quando não são apenas teóricas, têm como cronotopos principal o campo. O campo é o todo inteligível e concreto pelo qual as relações espaço temporais da pesquisa se definem. Organizado sob a forma de diferenças práticas, o campo oferece ao pesquisador a possibilidade de que o encontro se dê de modo sistemático. Sistemático e não aleatório [...] (AMORIM, 2004, p. 223)

Minha impressão, assim, é a de que é a partir do campo que, imergindo nas falas dos pesquisados, o pesquisador tem a oportunidade de exercer uma ação mais ou menos alteritária, permitindo-se encontrar outros inclusive talvez não buscados. É justamente para possibilitar esse exercício de encontro em meus atos de pesquisa que penso em alguns pressupostos como espécies de 'pontos cardeais' que, vale ressaltar, não pretendem pressupor qualquer tipo de hierarquização. Ao contrário, são diretrizes que se complementam e, mais, se interpenetram. Direções que só têm sentido se vistas como mosaicos, como peças de um mesmo sistema.

1.3.1 Um Norte: o encontro de alteridades distintas

O fato é que numa situação de pesquisa em Ciências Humanas um ser, que é o pesquisador, encontra com um ou mais seres, que é/são o(s) pesquisado(s). Encontro este que, a meu ver, está a serviço da escuta, da percepção. Mas neste ponto fico atenta à ressalva feita por Bakhtin (2006): "Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos." (p.21), que me parece significar que este(s) outro(s) a quem encontro certamente tem mais a me dizer do que eu (e meu mundo) possa ter imaginado ou tentado vir a ouvir.

Esse fato é determinante para a visão de trabalho que construo. Isto em vários aspectos, pois se parto deste princípio entendo que esses dois mundos se interpenetram inevitavelmente; entendo que essa relação se dará de fato **entre** esses mundos. Trata-se de perceber o caráter eminentemente histórico e social da linguagem, instrumento da humanidade, como Bakhtin (2009), que diz que:

Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social. (p.113)

Assim, não há como perder de vista que um pesquisador torna-se, sem dúvida, autor de sua dissertação/tese/relatório, mas ao mesmo tempo propicia

autórias outras daqueles com quem dialoga e que são também autores do que disseram, enunciaram. Esses textos compõem/comporão seus escritos do mesmo modo que o que ele mesmo produziu durante e depois da pesquisa compõe e comporá os pesquisados com os quais se relacionou. Existe uma relação de reciprocidade entre esses personagens, sempre.

Valorizar as identidades e diferenças que permeiam o ato de pesquisa, perceber a interlocução deste modo, parece ser um caminho relevante ao encontro não necessariamente do que se espera, mas daquilo que o outro pode ter a contribuir. Sobre esta perspectiva, Amorim (2004) alerta que:

[...] nosso trabalho responde a toda uma corrente clássica das Ciências Humanas onde a palavra do outro é desprovida de seu caráter enunciativo, enquadrada e depurada a tal ponto pelos questionários, as escalas de medida, etc. que a palavra se torna comportamento e deixa de ser enunciação dirigida a alguém. O que é resposta vira reação e, se seguirmos as indicações de Benveniste, perde-se, nesse momento, a especificidade do que é humano. (p.17)

Assim, um primeiro rumo alteritariamente responsável me parece ser o de tratar meus interlocutores pesquisados como identidades, como seres humanos, complexas estruturas histórica e socialmente organizadas. Do mesmo modo que perceber as enunciações alheias como textos, como respostas, e não como reações.

1.3.2 Um Oeste: enunciações orais ou escritas como traduções, perspectivas

Penso ser relevante destacar aqui que venho aplicando o termo enunciação por ser usado pelo próprio Bakhtin. Com a intenção de esclarecer um tanto mais a opção, cito Brait e Melo (2008):

As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos discursivos nela envolvidos. (p.65)

As enunciações, assim, fazem parte de nossa prática corrente inclusive, e sobretudo, quando nos propomos a fazer uma pesquisa. Também como Lacombe (2004) entendo que “[...] as ciências humanas têm como objeto o homem

mergulhado e constituído no fluxo incessante da linguagem que não conhece caminhos retos e previsíveis.” (p.29)

Deste modo entendo que a lida com o que nos é dito – que é, aliás, boa parte de nosso material de trabalho – é mesmo de grande importância no caminho da pesquisa, não só pelo que ouvimos, mas também pelo que enunciamos a partir do que ouvimos. Isto porque para mim não há dúvida de que as palavras estão carregadas de muito mais do que de sua semântica em si. Bakhtin (2009) postula que: “Na realidade, todo signo ideológico vivo tem [...] duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras.” (p.48)

Ou seja, além do respeito que devo – e que penso que todos devemos – ao outro por sua identidade, creio que perceber as enunciações dele (e também as minhas) como potencialmente dialógicas é também rumo primordial para não enclausurar perspectivas, buscando fazer delas verdades, nesta prática de construção de conhecimentos.

Enunciar e lidar com enunciados, portanto, nesta linha de pensamento, está próximo de traduzir e está a certa distância da postura clássica da ciência que busca a exatidão. Sobre isso, inclusive, Bakhtin (2006) observa: “Nas ciências humanas, a precisão é a superação da alteridade do alheio [...]” (p. 409)

Esse ângulo de visão, que concebe as questões entendendo-as como imersas num contexto histórico não-linear e eminentemente ideológico, só pode perceber o conhecimento como perspectiva. Assim como Foucault (2003), corroborando a posição de Nietzsche, afirma:

Ou seja, o conhecimento é sempre uma certa relação estratégica em que o homem se encontra situado. É essa relação estratégica que vai definir o efeito de conhecimento e por isso seria totalmente contraditório imaginar um conhecimento que não fosse em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo. (p. 25)

Alteritariamente me parece importante observar este caráter perspectivo dos textos e do conhecimento em si. Dos textos dos pesquisados assim como do(s) meu(s). Outro rumo que me parece responsável e alteritariamente possível.

1.3.3 Um Leste: encontros de campo como acontecimentos

Meu trabalho de campo demanda a presença de crianças, isto também é fato. Meu interesse é pela escuta de suas vozes, por suas percepções, entendimentos, interesses. Assim, vejo a escola como espaço potencialmente privilegiado ao encontro com elas e por isso a escolhi como campo. O trabalho de campo aconteceu em duas instituições situadas no Município do Rio de Janeiro. É importante ressaltar que não há intenção alguma de estabelecer qualquer discussão comparativa entre os dados colhidos numa ou outra escola, que a busca por dois espaços apenas indica o desejo de certa ampliação do grupo pesquisado, mas focando também a viabilidade de tempo que o Mestrado permite para tal trabalho. A sistemática de encontros, enfim, foi de atividades semanais com os dois grupos, um de cada escola, propondo discussões através de atividades e dinâmicas disparadoras de interesse e atenção da meninada.

Pois bem, fui para a escola das crianças, tomei parte de seu dia num espaço e tempo já conhecidos por eles, mas posso lidar com tal fato como se ele fosse corriqueiro, habitual? Penso que não.

Trabalhando com essas ideias até então expostas não vejo como escapar da percepção de que o momento do campo é um **acontecimento**. Por mais que a proposta seja a de tomar parte de um contexto já existente, numa rotina regularmente conhecida pelas crianças – que é a rotina escolar –, a simples existência do pesquisador traz a novidade que transforma aquilo tudo num evento de alguma forma.

Entender o momento do campo deste modo certamente contribui com as outras diretrizes já citadas e com a que ainda vou citar. Perceber que é nesse acontecimento-contexto que os discursos serão construídos e tendo a clareza de que para as crianças minha ‘pupila’ de pesquisadora-professora-coordenadora já traz muitos presumidos acerca de mim, que eles pouco conhecem, parece ser chave relevante principalmente quando se entende que:

Parafraseando Bakhtin, [...] um outro índice substancial do enunciado é o fato de dirigir-se a alguém, de estar voltado para o destinatário. Nesse sentido, o enunciado tem autor e necessariamente destinatário. Esse destinatário tem várias faces, vários perfis, várias dimensões [...] Perguntas como “A quem se dirige o enunciado?”, “Como o locutor percebe e imagina seu destinatário?”, “Qual é a força

da influência do destinatário sobre o enunciado?” ajudam, da perspectiva bakhtiniana, a compreender a composição e o estilo dos enunciados [...] (BRAIT, 2008, p. 71-72)

A percepção, enfim, é a de que esses encontros de campo, propostos por mim, são os acontecimentos que propiciaram a formulação dos diálogos, dos textos de boa parte deste trabalho. Foi a partir destes encontros e entre nós que construímos os discursos. Penso que o importante é não esquecer que:

O interlocutor participa portanto da formação do sentido de um enunciado. Nenhum enunciado pode ter seu sentido atribuído apenas ao locutor. Ele produz-se sempre no espaço entre os dois papéis mínimos e, mais amplamente, na situação social complexa que engendra o enunciado. (AMORIM, 2004, p. 123)

E tampouco devo deixar de pensar que “Tomar o que o outro diz sem levar em conta **a quem ele diz** equivale a reduzi-lo à condição de objeto.” (AMORIM, 2004, p. 259. **Grifo do autor**)

Considerar que os textos produzidos no momento de campo são, portanto, textos potencialmente dirigidos ao destinatário-pesquisadora que sou, nesse acontecimento que é o encontro no campo, parece-me mais um rumo indicado.

1.3.4 Um Sul: Questões eminentemente éticas

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
Nos livros estão nomes de reis.
Os reis carregaram pedras?
A cada página, uma vitória.
Quem preparava os banquetes comemorativos?
A cada dez anos, um grande homem.
Quem pagava as contas?
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César derrotou os gauleses.
Não tinha com ele sequer um cozinheiro?

Bertold Brecht

Todas as direções aqui apontadas remetem senão a um posicionamento eminente, aquele que se refere à ética. Estes nada mais são do que pressupostos que nos encaminham a toda uma conduta pensada e dirigida no sentido alteritário, responsável, ético enfim, e esse compromisso também figura como rumo imprescindível nessa busca que empreendo com esta pesquisa.

[...] a percepção efetiva de um todo concreto pressupõe o lugar plenamente definido do contemplador, sua singularidade e possibilidade de encarnação; o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser supostos [...] A contemplação estética e o ato ético não podem abstrair a singularidade concreta do lugar que o sujeito desse ato e da contemplação artística ocupa na existência. (BAKHTIN, 2003, p. 22)

É, portanto, desse meu lugar de pesquisadora, e sem perder isto de vista, que construo os textos que compõem meu estudo buscando uma inter-relação respeitosa com os sujeitos que, além de mim, tomam parte dele. Pois o Mestrado termina com a escrita e defesa da dissertação, que são etapas, como vim explicitando também, robustas em atenção e responsividade. Essa escrita, aliás, figura como o produto final de todo o processo. Importante aspecto a se observar e justamente em função dele penso ser válido estender-me um tanto mais em sua análise.

A escrita é algo que passa pelo registro, que se estrutura com ele, mas que se refere em muito ao que está para além dele. Como sugere o dicionário Houaiss, escrever é: “1 t.d. representar por meio de caracteres ou escrita 2 t.d.,t.i.int. expressar-se por meio de escrita [...]”. Se é representação, forma de expressão, a escrita nasce de algo que é anterior a ela. Ou seja, nasce da necessidade ou da vontade de representar o que se pensa, de se expressar em relação a algo. Escrever é transformar pensamento em linguagem desenhada, em caligrafia; é, assim, colocar-se, posicionar-se; ou como Bakhtin (2009) postula:

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas institucionalizadas que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal [...] Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade [...] Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. (p. 122)

O que escrevo, enuncio então, é algo que contém parte de mim. Pensando deste modo, revela-se aqui um caráter bastante individual do processo de escritura. Penso, elaboro um texto, registro um pensamento por mim estruturado.

Ao mesmo tempo, porém, escrever tem boas doses de coletividade. Para vir a escrever minha dissertação, por exemplo, tenho lido, debatido, estudado bastante; tenho pensado muito e buscado interlocutores para meus pensamentos. Muito disso em função de um tema, o tema que elegi para privilegiar. Um bocado de coisa foi feita antes da escrita e boa parte do que se realizou toma parte, de algum modo, do texto escrito que compõe esta dissertação. Boa parte desse texto, aliás, se fez a partir do (e no) encontro com os pesquisados, que com seus textos passaram a compor-me e vice-versa. Disso já tratei, estou certa!

O fato, enfim, é que há parcela de individualidade e de coletividade no que se escreve, sempre. E não só no que se escreve, mas também no que se faz, no que se enuncia. Isso me parece claro e merece toda atenção, pois é uma clareza que me aproxima do compromisso ético. Como Sobral (2008) propõe:

O sujeito pode e deve, naturalmente, afastar-se de sua própria contingência o suficiente para ver a si mesmo nela, construir-se a si mesmo nela, a partir do concreto e do abstrato, do coletivo (o outro) e do individual (nunca subjetivo), do agir e do refletir sobre o agir, do que há de único em cada ato e do que há de comum a todos os atos. Essa é a posição exotópica (do excedente de visão) preconizada por Bakhtin. (p. 118)

A riqueza desse percurso me parece ser a possibilidade de encontrar o outro inesperado na pesquisa, como já disse, e por vezes esse outro ser a si mesmo!

Portanto, perceber o interlocutor, no caso o pesquisado, como um alguém que pode te levar a ver coisas que não terias como encontrar sem este encontro – coisas inclusive sobre ti mesmo que não tens possibilidade de enxergar por estar na posição em que irremediavelmente estás –; como alguém que te fornece ângulos de ti não captáveis por sua total incapacidade de ver de onde ele vê, me parece que é abrir espaço para descobertas insuspeitadas na sua pesquisa, é potencialmente sair do lugar de quem atesta e figurar entre os que constroem.

E para tal há de se ter ética!

É, portanto, no agir do sujeito, nos planos ético, estético e prático que tem condições de impedir que:
a) o logos (a razão, o discurso) ceda ao mythos (a repetição, o abstrato) e desdenhe a métiis (o prático, o concreto);

- b) o mythos instaure o discurso único, indiscutível (anti-logos) e abstrato (anti-métis);
- c) a métis imponha a singularidade como único critério de valor e sufoque tanto a necessária generalização que o logos propicia em sua dialogicidade como a coesão que o mythos propicia, evitando a queda na luta de todos contra todos. (SOBRAL, 2008, p. 118)

Enfim, estar em campo é indubitavelmente estar na vida! Cercada de toda a tensão que é inerente às relações humanas, que falam das disputas de interesse, de opinião, de entendimento etc. Ser uma pesquisadora alteritariamente responsável me parece ser, portanto, compor minhas ações à luz dessas diretrizes, sem perder de vista nunca que lido com gente, com sujeitos agentes, e não com coisa.

1.4 O campo deste trabalho: pesquisa-intervenção como roteiro

Diante de pressupostos como estes, me deparei com o desafio de organizar um percurso prático coerente e sólido. A abordagem prática de pesquisa escolhida por mim, assim, precisaria apontar para ações a partir das quais uma experiência de estruturação de significações compartilhadas pudesse ser vivenciada. Construir um percurso prático coerente com minhas acepções teóricas, enfim, me parece ser o mínimo de responsividade necessário à atuação de pesquisadores, assim como pontua Castro (2008):

A pesquisa com crianças e jovens está determinada pela concepção que fazemos desses sujeitos [...] Adotar determinada concepção de infância e de juventude convoca o pesquisador a assumir as consequências de tal concepção do ponto de vista da condução do dispositivo de pesquisa, ou seja, articular conseqüentemente teoria (quem é a criança?) com metodologia (como pesquisar crianças e jovens?). (p. 21)

Neste sentido, encontrei a abordagem da pesquisa-intervenção como abordagem teórico-metodológica a me orientar visto que ela abarca compreensões que me são claras e caras.

A pesquisa-intervenção inscreve-se numa preocupação mais ampla que diz respeito à dimensão política da produção do conhecimento e da articulação dessa produção com a realidade social, ou seja, traz para o centro do debate, em última instância, a relação entre pensamento e ação. (PEREIRA, 2008, p. 13)

A condição de impossível neutralidade do pesquisador em relação à sua temática e ao seu “objeto” de estudo me parece ser pressuposto indispensável e a partir do qual este encaminhamento otimiza a problematização das relações entre os implicados no processo de pesquisa. Sob esta abordagem, recusa-se a ignorar as importantes marcas culturais inegavelmente cunhadas nelas, desvelando perspectivas potencialmente mais interessantes porque com maiores chances de tratar das questões de forma mais complexa, plural e abrangente.

A pesquisa-intervenção apresenta-se como instauração de discursividade numa ação que almeja o compartilhamento das questões norteadoras da pesquisa. Tais questões ou os empreendimentos a serem construídos pelo pesquisador em sua tarefa, não se encontram dados *a priori*, mas ganham existência ao longo do processo de pesquisa, em co-autoria com os sujeitos pesquisados. Ou seja, seu ponto de partida, mais que uma questão, é uma intenção de questionamento. Do mesmo modo, seu alvo não é a resposta – aprisionada em sua condição de produto –, mas o processo que permite que um determinado tema adquira, na relação de pesquisa, o *status* de questão. (PEREIRA, 2008, p. 14)

Trata-se de um entendimento, enfim, de que a ação de pesquisa não começa nem se encerra nela mesma, dissociada de um contexto maior. Lido com a ideia de que a atividade pesquisadora tem implicações não só no estudo circunscrito que faço, mas em todo o universo de textos e contextos que permeia a vida; atividade que revela nossas concepções científicas, epistemológicas, político-ideológicas.

Decorrente da visão de que não há uma extemporaneidade do pesquisador em relação ao ato de pesquisar, reconhece-se que todo dispositivo de pesquisa transforma o que se deseja pesquisar, ou seja, nenhuma pesquisa deixa de ser também uma intervenção. (CASTRO, 2008, p. 29)

Assim fui a campo, encontrar com as crianças sabendo que depois dessa experiência nenhum de nós seria mais o mesmo...

1.4.1 As estratégias do campo

Depois desta importante contextualização acerca dos pressupostos teórico-metodológicos que orientam este trabalho, penso ser relevante explicitar claramente as opções práticas eleitas e vividas.

Como já adiantei brevemente, a minha escolha foi a de uma dinâmica de encontros diretos com os grupos de crianças. Entendendo ser primordial garantir o

espaço de enunciação delas, optei pela organização de Grupos de Discussão com Crianças, visto que, como Castro (2008), percebo que:

Por meio desta metodologia, as questões de pesquisa constituem o foco da discussão dos participantes permitindo que todos, pesquisador e crianças, possam se envolver num processo de construção de sentidos. (p.31)

Assim sendo, me pareceu fundamental entrar nesta empreitada me organizando de modo a ter algumas questões em mente – sobre as quais demandaria a discussão do grupo –, mas também não me fechando somente a elas. Neste sentido, fui a campo sem planejar muito e com antecedência, aliás, sem planejar demais afastada das crianças. O fio condutor do trabalho me instigava a não prever muita coisa e sim a também me deixar envolver pelo que emergisse de cada encontro com os grupos pesquisados.

Sem dúvida, há um trabalho importante a ser feito pelo pesquisador no que se refere a re-colocar sua questão de pesquisa no grupo, de modo que crianças/jovens possam se sentir mobilizados a aderir ao trabalho de discussão. Nesse sentido, é necessário planejar como a demanda da pesquisa pode ir de encontro aos interesses dos participantes, considerando, portanto, aspectos como sua experiência cultural, sexo, idade; é importante, também, levar em conta o contexto onde os grupos vão acontecer [...] (CASTRO, 2008, p. 31)

À luz do que Castro (2008) propõe passei a perseguir a criação de um espaço de discussão descontraído, instigante. Percebendo a especificidade do diálogo com crianças, sobretudo nos primeiros encontros nos quais ainda seria uma quase desconhecida, sabia que precisaria de estratégias que cativassem a atuação delas, que de fato as mobilizassem. E em meio a essas reflexões, paralelamente à negociação para garantir o projeto, soube que a condição para que a pesquisa se empreendesse em um dos espaços – optei por aplicar a pesquisa em escolas e especificamente sobre isso tratarei detidamente mais adiante – seria sua realização no horário do recreio das crianças... A partir daí, então, apostei no uso de jogos e brincadeiras também acreditando neles como estratégias, como potenciais disparadores da conversa sobre a temática. Assim sendo, os diálogos se fundaram em encontros-oficinas, ou seja, a partir do *fazer* nasceram *narrativas* sobre a televisão, as crianças que nela atuam e outras nuances – suspeitadas e insuspeitadas!

É importante destacar aqui a influência dos conceitos de Walter Benjamin enredada neste encaminhamento. Percebendo as escolas como espaços que

privilegiam as *informações* e que, por isso mesmo, carecem do exercício das trocas de experiências, minha clara intenção – de pesquisadora que sempre aposta na perspectiva da intervenção em sua atividade – era também a de abrir um lócus para as *narrativas*.

A narrativa, que durante muito tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em-si” da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Deste modo, todas as oficinas – espaços que se pretenderam artesanais em si – giraram em torno de brincadeiras, jogos ou dinâmicas e, para que eu estivesse sempre bem envolvida e interagindo de fato com as crianças, deixei o caderno de campo de lado e tive o gravador digital de voz como “fiel escudeiro”. Diferentemente do que ocorre habitualmente em instituições escolares, propunha a abertura de um espaço que não teria intenção de transmissão de quaisquer conteúdos, no caso, acerca da televisão; à luz do que nos faz vislumbrar Benjamin, a intenção aponta no sentido de busca de contato com o tema mergulhado na vida dos narradores – entendendo-me como narradora também uma vez inserida no grupo – para em seguida termos, juntos, contato com ele fora do mergulho.

Percebo que Castro (2008) corrobora a consonância entre a opção metodológica e essa perspectiva ao apontar que:

No grupo de discussão, a narrativa é o dispositivo pelo qual os participantes constroem outros sentidos para sua experiência individual. Por narrativa entendemos o processo pelo qual os participantes se revelam mutuamente como sujeitos singulares, contando suas experiências, escutando as dos demais, enfrentando as diferenças em relação ao modo particular de cada um [...] A narrativa interpela os sujeitos à revelação do que são [...] (p.32)

Assim, as oficinas foram nascendo aos poucos, a cada interlocução, construídas conforme apareciam nuances da temática pesquisada. Neste sentido, garanti que cada grupo fosse composto por 15 crianças no máximo, na faixa etária entre 8 e 9 anos. Esta é uma quantidade que avaliei viável para um encontro dinâmico e favorecedor de espaço para a colocação de todos.

Mas como foi através dos Grupos de Discussão que muito do que se problematiza neste trabalho pode ser estruturado penso ser relevante uma breve apresentação de cada uma das atividades propostas.

1.4.1.1 À guisa de detalhamento: as oficinas

Como disse até aqui as atividades oferecidas aos grupos de discussão foram forjadas junto com as crianças, portanto, não aconteceram necessariamente de modo idêntico e na mesma ordem com todos. De todo modo, ter uma noção geral das atividades que perpassaram a pesquisa junto às crianças me parece ser informação relevante.

A primeira oficina, aliás, foi a única planejada sem a participação das crianças e foi proposta aos três grupos de discussão. O que guiou seu planejamento foi o desejo de conhecer os meninos e meninas mais de perto. Deste modo, a atividade foi pensada com o objetivo de privilegiar o encontro com o repertório das crianças em relação ao tema. Para tal, então, propus uma brincadeira infantil que costuma ser bem conhecida – no Rio de Janeiro ao menos o é – chamada de “Adedanha”. Para quem não conhece, a ideia é, a partir de uma espécie de sorteio, chegar-se a uma letra que deverá ser a letra inicial das palavras que comporão as listas a serem preenchidas no jogo. No caso específico da oficina, a proposta foi a de uma “Adedanha Televisiva”, na qual as listas a serem preenchidas contemplavam aspectos da televisão, dentre eles crianças que atuam nela.

Programa de televisão	Adedanha Criança da TV	Ator ou atriz
Telecinco	Salor Stephit 10	Taylor Stephit 10-
Xuxa 0	Myley saud 10	Xica lenta 0
Myley saud 10	Myley saud 5	Myley saud 5

Figura 3: Digitalização de uma das Adedanhas preenchidas.

Entendi que essa elucidação do repertório das crianças seria de grande valia no primeiro momento de encontro com elas, já que este também seria o período de nosso reconhecimento.

É importante que se diga que logo ao fim deste primeiro encontro, já no primeiro grupo, uma questão se colocou muito claramente: os 30 minutos dos quais dispúnhamos seria tempo contra o qual teríamos que correr... Até que todos

chegassem e a atividade de fato se iniciasse algum tempo já tinha passado e de jogo em si não haveria muito mais a se aproveitar.

Muito em função deste fato, mas também pela “Adedanha” ter caído no gosto das crianças, ela acabou virando a atividade da segunda oficina também. De fato o jogo sofreu algumas poucas alterações, segundo sugestões das próprias crianças, e foi vivido mais uma vez pelos três grupos.

ADEDANHA TELEVISIVA			
Canal de televisão	Programa de televisão	Criança/Adolescente da TV	Adulto da TV (ator, atriz, apresentador...)
DISNEY = 5	0	0	DIRA PAZ = 10
0	OS TRAPALHÕES = 10	0	0
0	THE OF MEN = 10	TRE TALOR SWIFT	TEREZA = 10
MULT SHOW = 5	0	MAIRA = 5	MAIJA PROFESSORA = 5

Figura 4: Digitalização da segunda versão da Adedanha preenchida por uma criança.

Além do contato com o repertório de crianças que eram assistidas pelos meninos e meninas com quem conversava, pude ter acesso também a informações de outras nuances do relacionamento deles com a televisão em geral, como ficará explicitado nos capítulos a seguir.

Outra atividade proposta foi a de uma “Forca”, dessa vez só com os nomes de crianças e adolescentes da televisão que apareceram nas conversas dos primeiros encontros e que pareceram ser os preferidos. Com esta atividade já tinha a intenção mais marcada de propiciar uma conversa que fosse mais voltada especificamente às crianças da televisão: que impressões e narrativas as telespectadoras compunham sobre elas. E mais algumas atividades foram pensadas no prosseguimento desta linha: um “Bingo”, cujas cartelas tinham o rosto de crianças que atuam na TV e no qual se sorteava seus nomes; e o “Jogo do Sim e Não”, no qual dividia o grupo em equipes e um elemento da equipe, tendo sorteado a imagem de uma criança da televisão, teria que responder apenas “sim” ou “não” a perguntas de seus companheiros de time que deveriam descobrir de qual criança se tratava.

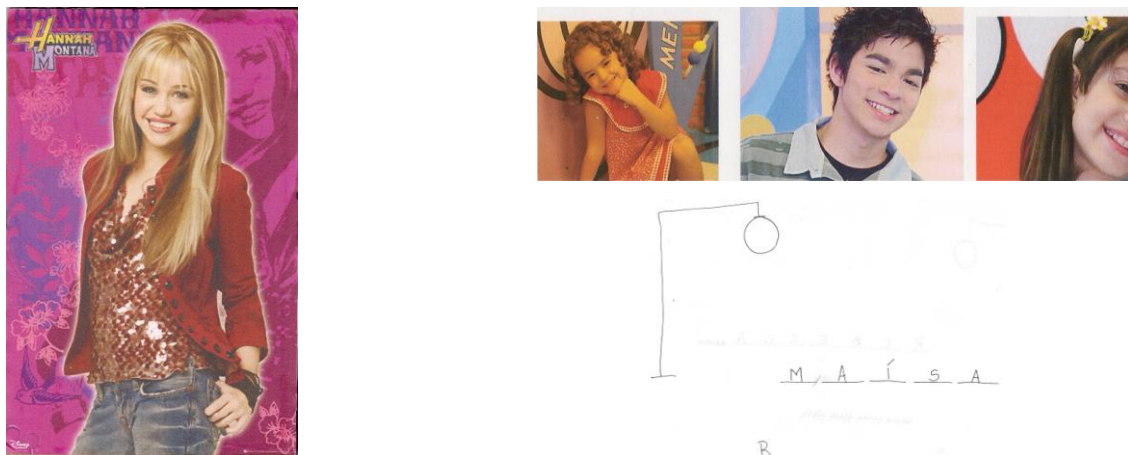


Figura 5: Imagens utilizadas nas oficinas acima citadas – Jogo do Sim ou Não, Bingo e Forca.

A partir das discussões geradas até então várias nuances da temática se apresentaram e as oficinas seguintes foram planejadas com o objetivo de abordá-las. Um jogo-desafio de dados foi proposto visando trazer ao debate as noções que envolviam fama e sucesso; assim como o “Jogo dos Quadrinhos” teve a mesma intenção com um dos grupos.

É importante que se diga, ainda, que também aconteceram encontros que não foram precedidos por jogos ou brincadeiras, mas sim pela assistência de algum conteúdo televisivo ou a ele relacionado, o que se mostrou estratégia interessante junto aos grupos depois de alguns encontros, mais precisamente ocorrendo nas últimas oficinas. Percebi que depois de estabelecido um nexos maior para os encontros “comigo” o engajamento das crianças se estruturou de tal modo que a demanda de brincadeiras dava lugar à de uma prática discursiva mais extensa. E foi nela que investi já que efetivamente trazia comigo desde o início de todo o trabalho o desejo de ouvir as crianças sobre duas meninas que tiveram seus nomes, e imagens, destacados no cenário midiático nacional em 2010.

Uma delas é Rafaela, personagem da atriz Klara Castanho na novela “Viver a Vida”⁸. Rafaela – e sua intérprete Klara – ganhou muito destaque antes mesmo de a novela ir ao ar, pois o autor revelou que se trataria de uma personagem vilã. Este pronunciamento apenas foi capaz de mobilizar muita discussão em torno da questão de se ter uma criança interpretando maldades na televisão. Muito se disse e se fez,

⁸ Novela de autoria de Manoel Carlos, veiculada pela TV Globo entre setembro de 2009 e maio de 2010. <http://viveravida.globo.com/Novela/Viveravida/Capitulos/0,,AA1710607-17523,00.html>

mas em momento algum soube ou li sobre o que as crianças pensavam de tal polêmica⁹ e isso me mobilizou.



Figura 6: Cena de Rafaela na novela. Disponível em http://videoshow.globo.com/VideoShow/Fotos/0_GF8002916951_00OS+PESTINHAS+QUE+COMO+RAFAELA+DE+VIVER+A+VIDA+APRONTAM+TODAS+NA+FICCAO.html#fotogaleria=1

E a outra é Maísa, “criança-prodígio descoberta” no quadro de calouros mirins do programa de televisão de Raul Gil e que se tornou apresentadora de tevê e cantora.



Figura 7: Maísa junto de Raul Gil no quadro de calouros do programa deste apresentador, e em seguida, anos mais tarde, posando já no cenário de seu próprio programa. Imagens disponíveis em <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI13061-8192,00.html> e <http://inblogs.com.br/news/atualidadesnews/deslize-de-silvio-santos-com-maísa-pode-custar-r-1-mi-ao-sbt>

⁹ Dois exemplos de notícias geradas pelo anúncio podem ser constatados acessando: <http://m.stf.jus.br/portal/noticia/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=122308> e <http://www.portaluhtv.com/2009/10/personagem-rafaela-de-viver-vida-leva.html>

Parece-me que a produção a que a menina foi submetida já expressa um tanto do que se intenta em relação à sua carreira: diante de sua imagem é inevitável remeter a memória a uma artista que iniciou sua vida pública e se tornou mundialmente conhecida ainda criança; é difícil não lembrar de Shirley Temple.



Figura 8: Imagem de Shirley Temple disponível em <http://jardimdasborboletas-jacque.blogspot.com/2010_08_27_archive.html>

Atualmente, Maísa é âncora do programa “Bom Dia e Companhia”, que vai ao ar pelo SBT, além de fazer participações no Programa Sílvio Santos. E foi exatamente a partir dessas aparições no programa do comunicador que uma estridente polêmica se colocou, depois de irem ao ar cenas em que Maísa chora muito por medo de um menino fantasiado de fantasma. O quadro da atração de domingo seguiu para a semana seguinte, quando o apresentador intencionalmente retomou a situação vivida, por exemplo, incitando sua platéia a chamar a menina de “medrosa”, o que mais uma vez levou a menina aos prantos. A polêmica foi tão intensa que chegou ao ponto da justiça ter proibido por algum tempo a participação da criança no programa semanal¹⁰. O que as crianças telespectadoras teriam a dizer sobre essa situação toda?

¹⁰ Mais detalhes sobre toda a situação podem ser encontrados acessando-se: <http://audienciadtv.wordpress.com/2009/05/22/oficial-justica-proibe-maisa-no-sbt/>

Assim, tivemos encontros em que assistimos juntos a cenas da já citada Rafaela¹¹, personagem da novela de então; outro em que assistimos às polêmicas cenas que levaram à suspensão temporária do alvará para a atuação de Maísa¹² na programação do SBT; e, ainda, a um vídeo¹³ com uma matéria sobre *casting* infantil.

Para além do que já referenciei aqui, nos anexos deste trabalho podem ser encontrados modelos dos materiais que foram utilizados em algumas das oficinas realizadas.

E ocorre que, tendo os encontros acontecido semanalmente – compondo um total de 8 com os grupos de uma escola e 7 com o grupo da outra escola –, além do que já foi citado um material diverso foi produzido e é a partir dele também que se constroem os próximos capítulos dessa dissertação. Mas, antes de chegarmos a eles, penso que ainda se faz imprescindível conhecer um tanto mais desse campo.

1.4.2 Que é o campo?

É claro que para chegar aos grupos e propor essas atividades muito também teve que ser pensado. A escolha do campo a ser pesquisado dispensou grande atenção de minha parte já que, como Bakhtin (2006, 2009, 2010) nos faz lembrar, há muita coisa permeando nossas relações, sempre.

A princípio tinha pensado em não desenvolver a pesquisa em escolas em função de percepções que trago comigo acerca da relação do senso comum, e da escola enquanto instituição, com a temática. Ponderei que as falas das crianças poderiam estar por demais comprometidas com um contexto preestabelecido, ou seja, com o que **se deve** ou **não se deve** enunciar sobre o assunto num espaço escolar. Depois amadureci esta reflexão: de fato este contexto influenciará as falas, mas por outro lado e entendendo a pesquisa em seu caráter de acontecimento e, portanto, de intervenção também, avaliei que essa poderia ser uma oportunidade de

¹¹ Utilizei cenas gravadas e baixadas pela internet e que por isso podem ser acessadas através dos links: <http://www.youtube.com/watch?v=weF71rS-ZYo> e <http://www.youtube.com/watch?v=mo0j6BLYwSQ>

¹² Também é possível o acesso a essas, pelo mesmo motivo. Links: <http://www.youtube.com/watch?v=oseXXZCyQdl> e <http://www.youtube.com/watch?v=dAbwPD-7Nhl>

¹³ Trata-se de uma reportagem veiculada através da rede, mais especificamente por um blog e que tratado tema. Acessar <http://www.youtube.com/watch?v=OzL9SijNViE> para assistir a todo o seu conteúdo.

instaurar, nem que fosse por alguns poucos meses, um espaço de diálogo e de reflexão sobre o assunto nesse local. Além disso, não tinha como negar que dispunha de um tempo cronológico para realizar meu trabalho, que precisava estruturá-lo para que tivesse viabilidade de ocorrer neste tempo e que, indubitavelmente, as escolas são espaços privilegiados para convívio e encontro com grupos de crianças. Assim sendo, decidi que estudo aconteceria em escolas.

Um segundo momento, então, foi o da escolha específica das escolas. Sou educadora, trabalho numa escola. Tal fato facilita ou dificulta minhas opções?

*“Intimidade e estranhamento na pesquisa com crianças”*¹⁴ não é tema inusitado nem inovador. Saber até que ponto um é melhor que o outro para cada estudo em questão é tarefa minuciosa e talvez sempre imprecisa. Provavelmente não haja mesmo como se ter certeza absoluta de qual seja o melhor caminho a seguir, mas pensar sobre esta nuance me parece sempre ser etapa fundamental dos momentos que precedem o encontro com os grupos pesquisados. No meu caso, o fato de atuar como Coordenadora Pedagógica na escola de certo modo tornou mais fácil a opção: no espaço em que trabalho não faria a pesquisa. Por mais que Santos (2010) destaque que:

Para Lüdke e André (1996), ao pesquisador não se obriga uma posição de neutralidade científica; é impossível estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o seu estudo. Para as autoras, o pesquisador está *“implicado necessariamente nos fenômenos que conhece e nas conseqüências desse conhecimento que ajudou a estabelecer”* (p.5).

Creio que além do contexto cheio de presumidos¹⁵ entre os adultos que educam e a televisão, meu papel na escola em que trabalhava carregaria, inevitavelmente, tantos outros mais! Assim, pesando isso tudo, o meu caminho foi o de enveredar por outros espaços escolares do Rio de Janeiro, lugares em que minha pessoa chegasse com menos história conhecida, em que houvesse menos familiaridade e, portanto, uma quantidade menor de presumidos.

É impossível deixar de fazer uma espécie de parêntese aqui destacando o quanto a demanda dessa atenção de minha parte foi reforçada logo na primeira visita às turmas da primeira escola em que a pesquisa se estruturou. Ocorre que

¹⁴ Título de trabalho de Núbia de Oliveira Santos, apresentado no II GRUPECI – Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias – cujo tema foi “Perspectivas metodológicas”. Para bibliografia completa, ver Referências.

¹⁵ Conceito bakhtiniano que se refere à gama de conteúdos (semânticos, opinativos, interpretativos...) que permeiam nossas ações e enunciações, nossas relações que são, enfim, imersas na linguagem.

meu procedimento foi o de, depois de ter conversado com os responsáveis pela escola e ter garantido a autorização para fazer a proposta de encontros às crianças, ir visitar as turmas que eram compostas por crianças dentro da faixa etária que elegi explicando ampla e brevemente minhas intenções e objetivos. E foi assim, na primeira turma que entrei, logo após essa explicitação da proposta, que fui indagada por Laura:

Renata, só para eu entender: você pretende vir aqui, trazer jogos e brincadeiras para fazer com a gente para que a gente se divirta muito e descubra que isso é melhor do que ver tevê?

De fato sem me dar a impressão de nenhum tom jocoso ou confrontativo, Laura expôs sua interpretação de minha possível intenção, trazendo à tona questões que, como disse, estariam inevitavelmente entre nós, em maior ou menor escala.

Mas enfim, a partir da decisão de busca de inserção em escolas em que não atuasse, logo pensei num dos espaços que gostaria de privilegiar, sobretudo por saber se tratar de uma escola que é a escolha de muitas mães de artistas mirins. De que forma será que o convívio próximo com crianças que atuam na televisão interfere na percepção que os pequenos espectadores formulam e elaboram sobre essas pessoas-personagens?

Fui até lá, consegui o aval para fazer a proposta às crianças e, assim, a primeira escola-campo é privada e localizada em bairro da Zona Oeste carioca.

Pensei, então, que ao buscar o segundo espaço deveria privilegiar o encontro de uma escola que se localizasse em outra região e que tivesse um público bem diverso desta. A intenção era a de ampliar de forma viável o universo pesquisado. Intenção que foi concretizada: a segunda escola-campo pertence à Rede Estadual de ensino e localiza-se na Zona Norte da cidade.

A despeito de várias diferenças que podem ser subentendidas no simples fato de uma escola ser pública e a outra privada, avalio ser interessante destacar a princípio algumas semelhanças, questões que se apresentaram como condições de aceite de minha recepção e do acolhimento de meu trabalho nas duas instituições.

A primeira se refere mesmo ao interesse de acolhimento da proposta de pesquisa. Percebi a intenção de aceite quanto à aplicação da pesquisa em ambos os espaços, mas também em ambos vivi a angústia de buscar viabilizar essa

realização. Do contato inicial com os responsáveis pelas duas escolas, ficou clara a intenção em acolher minha demanda, mas também ficou explícita a preocupação em relação ao tempo que precisariam disponibilizar “para mim” para que o trabalho fosse vivido. O receio em comprometer o “estudo” e o “conteúdo” de trabalho curricular das crianças, especialmente por se tratar do Ensino Fundamental, foi colocado com todas as letras. Assim, passei a negociar disponibilidades para que não perdesse a possibilidade vislumbrada. Aliás, foi exatamente este contexto que impingiu certa limitação no tempo das oficinas. Em ambas as escolas, por fim, consegui garantir a anuência para realizar alguns encontros semanais, de 30 minutos no máximo. E a primeira escola, como antecipei, me apresentou uma condição ainda mais complexa: realizar os encontros no horário do recreio das crianças!

Outra conduta que me pareceu aproximar as instituições por meio de seus procedimentos se referiu à demanda de esclarecimento de minha parte aos responsáveis das crianças sobre as intenções e atividades da pesquisa. Ambas as escolas se colocaram no sentido de dar espaço ao trabalho com a condição de que os pais/responsáveis estivessem informados e, mais, assentindo a participação de seu filho, “menor”, na pesquisa. De fato tal questão se apresentou de forma controversa para mim: se por um lado já intentava propor a participação e não impingi-la às crianças, por outro esperava pela anuência das próprias crianças. Sim, esta demanda de algum modo me liberava da necessidade de atuar com todas as crianças da turma X ou Y, mas poderia vir a levar ao grupo crianças que preferissem ir pro pátio na hora do recreio, por exemplo, o que me afligia. Isso sem contar com a reflexão que se empreende em relação à legitimidade de escolha das crianças – sujeitos, como já explicitarei encará-las – em relação a suas próprias questões. Mas diante de tal condição e visando garantir a inserção da proposta nos espaços escolares, propus que a participação nos encontros estaria vinculada à entrega de dois documentos: autorização-compromisso da criança interessada e, junto, autorização de seu responsável. Ou seja, só levava os documentos para casa quem manifestasse, após minha exposição, interesse em tomar parte no trabalho de pesquisa. Ao final da dissertação, nos anexos, encontram-se os modelos de autorização distribuídos nas duas escolas.

Não posso deixar de relatar, porém, uma diferença que marcou definitivamente as relações que se estabeleceram entre mim, enquanto

pesquisadora e responsável pelos encontros, as professoras e até crianças das instituições. O trâmite que envolve uma autorização de pesquisa numa escola pública nacional é muito mais trabalhoso, pois envolve a comunicação da proposta de modo mais formal e a instâncias que muitas vezes estão mais distanciadas do cotidiano escolar – espacial, física e temporalmente. No caso específico da escola que escolhi, tive de entregar documentos, projeto de trabalho, e aguardar a aprovação do pedido pelo Conselho da instituição. Só depois desse percurso e já tendo sido autorizada a realizar o trabalho é que tive contato com os profissionais diretamente envolvidos com a unidade dos anos iniciais do Ensino Fundamental da escola. Fiz questão de solicitar uma conversa com esta unidade antes do início do trabalho e neste dia fui recebida pela Coordenadora Pedagógica da unidade, que combinou comigo periodicidade dos encontros e data de apresentação da proposta às crianças. Contudo, pra minha surpresa, na data combinada fui recebida com a insatisfação explícita no rosto – e nas palavras – das professoras das turmas às quais faria a proposta em função de seu total desconhecimento de minha presença e intenções. Não pude conversar com as crianças nesse dia e, com muita negociação e jogo de cintura, remarquei esse papo inicial. As professoras não poderiam, diante da anuência das instâncias superiores da escola, renegar a realização do trabalho, mas poderiam complicá-la... Por mais que tenha procurado me solidarizar com sua indignação – como professora também não poderia deixar de me afetar por tamanho distanciamento e, diria até, indiferença com essas profissionais – e flexibilizar minhas possibilidades de atuação, vi que passara irremediavelmente a encarnar para elas a responsável pela situação. Era a “especialista da universidade”, que julgava minhas intenções mais importantes que o trabalho que elas desenvolviam com suas turmas, tanto que impunha a demanda de um tempo de sua aula para minha atividade... Avalio que tal percurso tenha impactado de forma significativa a formação do Grupo de Discussão dessa instituição.

Por entre as estradas, por vezes mais tortuosas por vezes menos, percorridas até esses dois espaços escolares, enfim, meus interlocutores em campo se constituíram. Visitei todas as turmas de 4º Ano de ambas e fiz a proposta a um total de 135 crianças. Da primeira instituição, das 75 crianças convidadas, 51 prontamente manifestaram o desejo de abrir mão de seu momento de recreio escolar para partilhar o que pensam sobre a televisão; destas, 27 trouxeram as autorizações assinadas e 1 trouxe os documentos de volta com a declaração de não

autorização por parte de seus responsáveis. Da segunda escola, das 60 crianças convidadas apenas 9 trouxeram as autorizações conforme demandado. Ou seja, na primeira escola atuei em dois Grupos de Discussão, um com 14 crianças e outro com 13; e na segunda escola trabalhamos num grupo único, com as 9 que se engajaram.

Esse campo ora descrito me permitiu encontros, partilha de reflexões e estruturação de novos conhecimentos, mas não há dúvidas de que a questão da pesquisa que me propus empreender pré-existe ao campo. Seu tema central, aliás, já acumula uma história e uma produção de conhecimento que são anteriores às oficinas e conversas com as crianças. Assim, me parece ser fundamental para o aprofundamento deste trabalho tratar um tanto desses aspectos buscando, para isso, o diálogo com autores de dois campos privilegiadamente: da Educação e da Comunicação. Os capítulos a seguir têm esta intenção e, sempre que possível, contemplam apontamentos que são complementados pelas perspectivas infantis, modos de ver e de pensar as nuances da temática, trazidas a partir do encontro direto com elas.



Imagem de "Os Simpsons"

2 A TV QUE TODO MUNDO VÊ?



(tirinha da Mafalda, de Quino)

Quino geralmente me faz pensar com seus *cartoons* e com esse não foi diferente. Coloquei-me a pensar se conhecia algum outro “animal raro” que, como Mafalda, não tenha televisão em casa... Pelejei e lembrei de uma família, cujos filhos estudaram na escola em que eu trabalhava, que fazia a opção de não ter televisor em sua residência. As crianças, que eu me lembre – isso já faz uns bons anos! – não se queixavam do fato, mas os amigos, esses realmente tinham dificuldade em entender o porquê daquilo. E nós, os adultos da escola na época – todos possuidores de aparelhos de TV e telespectadores –, nos dividíamos em opiniões. Mas a que ecoava no fundo era a impressão de que aquela era uma opção arrojada, interessante, adequada diante da “inutilidade” e “inadequação” da programação deste veículo.

É isso, percebo que há certo consenso discursivo entre os profissionais da Educação de que a televisão é inadequada e até nociva já que sua programação tem uma qualidade questionável e que seus realizadores têm intenções claras em relação ao público. Portanto, assistir à tevê é visto como ato menor, que envolve uma passividade extrema do espectador, tendo em vista que sua função é a de captar de tal modo a atenção do mesmo que faz dele um ser absorto, totalmente indefeso. Quando se pensa na relação deste veículo com as crianças, então, as críticas e contraindicações se avolumam consideravelmente, pois, a meu ver, somadas a elas estão subentendidas algumas das perspectivas de infância que de início já colocam as crianças como seres passivos e quase que exclusivamente

como receptáculos, ‘presas fáceis’, assim, das mensagens veiculadas pela programação televisiva.

No meio acadêmico então, não necessária e especificamente apenas na área da educação, esse olhar desprestigiado é significativamente observado. Machado (2003) pergunta sobre a possibilidade de se amar a televisão no prefácio de um livro seu sobre esta mídia onde diz que:

De fato, não soa muito inteligente dizer-se apaixonado pela televisão. Se a confissão de amor pela literatura ou por quaisquer outras formas sofisticadas de arte funciona como uma demonstração (às vezes também uma imitação) de educação, refinamento e elevação do espírito, a paixão pela televisão é, em geral, interpretada como sinônimo de ignorância, quando não de desequilíbrio mental. (p. 09)

E para além destes específicos grupos, na sociedade em geral, há aqui e ali situações que revelam também ecos deste discurso de desaprovação a uma relação mais intensa das pessoas com esta mídia, tais como se revela em algumas músicas. A do *Titãs*¹⁶ diz que a televisão o fez emburrecer; a do *O Rappa*¹⁷ traz a crítica de modo mais sutil; a do *Los Hermanos*¹⁸ alude a uma das maiores causas de acusação: sua influência ao desejo de consumo. Se pensarmos também nos próprios atores, em entrevistas que lemos ou assistimos, é possível perceber que existe uma tensão entre fazer tevê e fazer teatro ou cinema. Os dois últimos aparecem sempre como formas de arte por excelência, já a tevê é quase sempre elencada como caminho que garante sustento, como o trabalho que pode vir a dar dinheiro até, quem sabe, para propiciar a atuação nesses outros meios.

Embalada pelos críticos, acadêmicos e intelectuais, enfim, por uma camada da população que percebe com ressalvas a televisão e sua programação, de certo modo passei a fazer coro com a contraindicação.

Mas ocorre que, pensando bem, engrossei o coro, mas não transformei meus hábitos: sigo telespectadora, posso dizer, assídua. Gosto de assistir televisão, o faço

¹⁶ A música que se chama “Televisão” é parte do álbum homônimo gravado pela banda em 1985. A canção que tocou bastante nas rádios, se tornando bem conhecida do grande público, é de autoria de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromes e Tony Belotto, e, para quem não lembra, inicia-se com os versos: “A televisão me deixou burro/ Muito burro demais”.

¹⁷ “Mas não me deixe sentar na poltrona/ No dia de domingo, domingo!/ Procurando novas drogas de aluguel/ Neste vídeo coagido...” – Trecho da música “Minha alma”, composta por Marcelo Yuka e lançada pela banda em 1999.

¹⁸ “Um par” é o nome da canção de Marcelo Camelo, lançada pelo grupo em 2003 e que traz os versos: “Acha alguma coisa nova na TV/ O que não pode ter/ E deixa de gostar/ Larga mão do que ele já tem/ Passa então a amar/ Tudo aquilo que não ganhou...”.

com prazer. Assim como eu vejo que as crianças na escola trazem muito da televisão nas brincadeiras, nas expressões idiomáticas... Elas também assistem tevê, certamente. E crescentemente essa percepção foi gerando uma profunda inquietação em mim: apesar de tantos olhares contrários, os meus inclusive, os números que envolvem a televisão brasileira – audiência e quantidade de aparelhos por residência, por exemplo – são gigantescos. Provavelmente a *Mafalda*, se brasileira, seria mesmo uma das poucas ‘meninhas’ de sua idade a não ter um aparelho de tevê por perto – e que se destaque que, nas tiras de Quino, em seguida à sua percepção de ser ‘deste tipo raro’ a menina convenceu seu pai que, finalmente, comprou uma televisão para sua casa.

Por que as críticas em relação à TV? Por que minha contraindicação em relação a esta mídia, sobretudo sendo gerada de modo tão distanciado de minha prática na vida? Como ignorar números tão expressivos, que denotam a assistência efetiva de adultos e de crianças; números, inclusive, que eu particularmente contribuo para avolumar?

Em meio a tantas questões, o que me parece fato é que enquanto alguns se dedicam a tentar distanciar-la, muitos se relacionam com ela de modo extenso e profundo, como alguns autores já se dedicaram a evidenciar. Circunscrevendo-nos à realidade brasileira, o que se tem de dados hoje aponta para a ideia de que o contato da população brasileira com a televisão é incontestavelmente significativo. Alguns autores chegam a destacar a indiscutível influência da televisão na vida nacional como um todo, como Piza (2001) que afirma que:

Ela [a televisão] conseguiu, para dar apenas um exemplo, harmonizar um falar nacional, de razoável legitimidade, completando a formação do país. Hoje é sua principal indústria cultural, sua mais poderosa processadora de signos. E, mesmo assim, os livros sobre ela são raros em quantidade e qualidade [...]. (p. 13)

Mas vale destacar que esta não parece ser uma influência datada, marca de certo período da história do veículo no contexto desta nação. Há quem afirme que sua inserção social é de um poder ainda maior e não circunscrito, como aponta Bourdieu (1997) – e neste caso em relação à outra nação, a francesa:

Em um número consagrado de *Acts de la Recherche em Sciences Sociales* que consagramos ao jornalismo, há um belíssimo artigo de Remir Lenoir que mostra como, no universo judiciário, certo número de juízes [...] pôde servir-se da televisão para mudar a relação de forças no interior de seu campo e provocar um curto-circuito nas hierarquias internas. (p. 81)

O que ocorre afinal nessa relação entre sujeitos-aparelhos-emissoras que faz com que dados tão controversos emirjam? E como ignorar a grandiosidade de meandros que isso tudo potencialmente abarca?

Explicitando o lugar de onde falo e a partir do qual se revelam perspectivas de saída, esse capítulo se propõe a mergulhar um tanto na investigação deste artefato em busca de mais ângulos de visada. Absolutamente sem a intenção de construir uma noção ‘a favor’ ou ‘contra’ a televisão e sua programação, o que se busca aqui é perceber meandros que envolvem esse veículo para ampliar perspectivas em relação a ele, etapa que me parece crucial para a estruturação do trabalho como um todo e das discussões que nele (e a partir dele) se forjam.

2.1 Um pouco de História

A data é 18 de setembro de 1950. Este foi o dia em que a rede Tupi, canal 3, entrou definitivamente no ar e entrou para a história como a primeira emissora de televisão brasileira. Mas se engana quem acha que a relação da sociedade brasileira com a televisão teve início nesta data.

Anos antes disso, mais precisamente em meados de 1939, o então presidente Getúlio Vargas inaugurava pessoalmente a “Feira de Amostras do Rio de Janeiro”, que trazia como atração principal exposta a televisão. Segundo Busetto (2007):

Vargas permaneceu por 50 minutos no recinto da Feira. Assistiu a cenas do estúdio televisivo com artistas do rádio e as viu transmitidas nos televisores [...] E, por fim, acompanhou pelos televisores a transmissão de um pequeno filme que, produzido pelo Departamento Nacional de Propaganda em dezembro de 1938, o apresentava discursando em saudação ao povo brasileiro. (p. 184)

Tal façanha – a de trazer aparelhos para a cidade carioca – só foi possível graças às excelentes relações nutridas na época entre os governos brasileiro e alemão – Alemanha, aliás, que foi a segunda nação do mundo a ter acesso às transmissões televisivas, em 1929, um ano após o pioneirismo estadunidense. E tudo isso num período precedido pela marcada investida da propaganda com relação às possibilidades de avanços tecnológicos. De acordo com esta mesma fonte e também a partir do que se lê em Barbosa (2010), constata-se que várias

empresas investiam na comunicação de suas possibilidades de desenvolvimento tecnológico, sempre preconizando a chegada da tevê por aqui. Esta última autora, aliás, publicou propaganda da *General Eletric* que anunciava “[...] a chegada dos aparelhos de televisão à casa dos brasileiros [...]” (p.22) seis anos antes disso de fato ocorrer.

O interesse das empresas que atuavam no Brasil por essa chegada era grande. Mas não se pode dizer que era menor o de nossos governantes. Ainda segundo Busetto (2007) nenhuma das outras partes da Feira foi visitada pelo então presidente Vargas, “[...] ato presidencial que confirmava a TV como a maior curiosidade da Feira e jogava mais luzes sobre a estrela da temporada.” (p.184)

Afirma-se assim que, mesmo antes do advento da televisão de fato, no Brasil já havia um empenho grande em se fomentar a curiosidade da população em relação à possibilidade de modernização que estarepresentava. Nas palavras de Barbosa (2010):

Tecnologia que insere, definitivamente, o país na modernidade; possibilidade decorrente da capacidade inventiva do homem; ampliação da reprodução sobre a forma de verdade das imagens do mundo; meio mais completo do que a radiotelegrafia [...] Imersa numa imagem de sonho, na qual aparece materialmente como próximo ao rádio e ao cinema, um misto dos dois, a televisão antes de ser materialidade povoou o imaginário da população [...]. (p.16)

Novamente de acordo com Busetto (2007), os jornais que antecederam a edição da Feira – que, vale ressaltar, tinha entrada gratuita – não poupavam espaço de divulgação com uma sorte de adjetivos à TV, tais como “[...] ‘a maravilha do século’, ‘o milagre da comunicação’, ‘a caixa mágica’ [...]” (p.184).

E realmente o povo encantara-se com a televisão antes mesmo de ter acesso efetivo a seus aparelhos e transmissões, portanto não espanta que sua chegada nas terras brasileiras tenha sido arrebatadora como foi.

[...] mesmo antes dessa explosão inicial, a televisão já fazia parte do cotidiano do público como imaginação. Antes de ser imagem, como expectativa, a televisão já estava colocada definitivamente na sala de visitas do público. (BARBOSA, 2010, p. 21)

O percurso efetivo de implantação da televisão brasileira ainda se deu no sentido de reforçar e ampliar expectativas. Vemos em Barbosa (2010), que a primeira transmissão definitiva da TV TUPI, naquele setembro de 1950, foi iniciada com uma cerimônia de inauguração em que Assis Chateaubriand – dono dos Diários

Associados¹⁹ e principal responsável pela realização – discursou corroborando tal ideário e já incluindo novas acepções:

O trecho final do discurso [...] indica ainda a forma como a tecnologia era vista pelo maior magnata da imprensa brasileira na época: a televisão era uma “máquina” capaz de influenciar a opinião pública e, ao mesmo tempo, uma “máquina” que diminuía distâncias e possibilitava a exacerbação da imaginação fantasiosa de um mundo provável e possível. (BARBOSA, 2010, p. 19)

Enfim o Brasil tinha televisão. Claro que com uma estrutura totalmente diversa da que existe hoje. A programação inicialmente era integralmente ao vivo e só ia ao ar à noite, por exemplo. É comum, aliás, que os autores se refiram a esses primeiros tempos da tevê no Brasil como um período de experimentalismo.

A precisão e a agilidade que caracterizam a operação de uma emissora de tevê moderna, em que os programas e intervalos são rigorosamente cronometrados – mesmo porque cada segundo vale ouro –, devem-se, em grande parte, à possibilidade de se gravar previamente quase tudo. No começo da televisão, entretanto, só havia transmissão ao vivo. Os equipamentos eram escassos, sujeitos a constantes panes, e, comparados aos atuais, ofereciam maior dificuldade na manipulação [...] Como resultado dessas condições adversas, longos intervalos caracterizavam a programação, pois só era possível preparar a entrada de qualquer programa depois de terminado o anterior. (FANUCCHI, 1996, p. 19-20)

E outras muitas agruras, claro, foram vividas por aqueles que fizeram a televisão acontecer nesses primeiros tempos. Além de atrasos na programação eventualmente ocasionados por falhas no equipamento – exatamente inclusive o que atrasou a transmissão da cerimônia de inauguração em cerca de uma hora e meia –, mesmo durante as transmissões não havia garantias de que tudo daria certo... Erros aconteciam e alguns ficaram mesmo para a história. Daniel Filho (2010) lembra do antológico comercial de um prato que era vendido como quase inquebrável e que se espatifou ao vivo assim que fora jogado pela ‘estrela-propaganda’ da marca.

Além disso, a qualidade da imagem transmitida inicialmente estava longe de ser boa. “A imagem não era muito clara; era meio borrada, como se fosse um desenho que você fez e passa o dedo. A tela era redonda. Mas tinha movimento, você via as pessoas, dava até para reconhecer.” (DANIEL FILHO, 2001, p. 16)

¹⁹ Trata-se de um conglomerado de empresas de mídia, fundado por Chateaubriand, que naquela época era o maior do Brasil – comportando, por exemplo, a TV Tupi e a Revista O Cruzeiro. Hoje, é o sexto maior conglomerado de mídias do Brasil.

Isso tudo sem lembrar que os brasileiros que tocaram a empreitada também não sabiam muito bem ainda o que estavam fazendo. Faltava domínio técnico, faltavam condições materiais, maquinário e até planejamento! A euforia de fazer o ‘progresso acontecer’ era tanta, que se vivia cada instante sem pensar muito no próximo. O próprio Daniel Filho (2001) contando que logo após o discurso de Chateaubriand foi ao ar o *espetáculo inaugural*, chamado *Show na taba*²⁰, nos revela interessante passagem:

O programa foi feito com duas câmeras e transmitido com a maior dificuldade. No que aquilo ia dar? E o *micro* na frente de todo o país? Contam que, só quando acabou o show, Cassiano²¹ conseguiu voltar a respirar, de tanto nervosismo. Daí perguntaram:

– Mas o que a gente faz amanhã?

E se dando conta do *buraco*, ele gemeu:

– Ai meu Deus do céu, temos que fazer alguma coisa amanhã... (DANIEL FILHO, 2001, p. 15)

Ou seja, ao que parece a então novidade tinha tudo para dar errado. Mas como já sabemos hoje não foi um fracasso o desfecho dessa história. E dizem que não o foi porque por aqui aprendemos a fazer televisão fazendo-a, e graças aos profissionais do rádio.

Só para deixar bem claro: no começo não existia ainda o homem de televisão. A televisão começou, praticamente, como um rádio com imagem. E quase toda sua equipe, particularmente o cast, os atores, veio do rádio. (DANIEL FILHO, 2001, p. 11)

Foi com essa base de experiência do rádio que se erigiu a televisão brasileira. Rádio que, como se sabe, tinha uma inserção estrondosa na vida da população brasileira àquela época. Assim vários autores afirmam, como Daniel Filho logo acima, que os precursores da realização da televisão brasileira são aqueles que já atuavam no rádio – cenógrafos, atores, diretores etc. – e por isso também os primeiros anos da tevê são tidos como compostos por uma programação de rádio com imagens. Os musicais e programas, que já aconteciam com o auditório nas próprias rádios, quase que só passaram a ser televisionados. Mas foram os teleteatros de então que dominaram a cena desses primeiros tempos.

²⁰ O show envolvia música, humorismo, dança e um quadro de dramaturgia, e foi apresentado por Homero Silva.

²¹ Refere-se a Cassiano Gabus Mendes, então diretor do programa e nome que ficou para a história da televisão como de um de seus precursores.

Principal gênero dramático da televisão brasileira a que se assistiu nos anos 1950, o teleteatro foi o programa ficcional de maior prestígio junto ao público, aos profissionais da televisão e aos críticos que acompanhavam as telepeças em todos os horários [...] (BRANDÃO, 2010, p. 37)

Ver o rosto dos artistas – já idolatrados – das radionovelas mobilizava as pessoas e talvez de certo modo tenha garantido o sucesso do gênero desde seu princípio.

Agora, para deixar ainda mais claro, no começo quase que não havia nem aparelhos de televisão no país. Na verdade até 1950 nenhuma residência dispunha de um televisor já que as transmissões ainda não tinham sido iniciadas. Conta-se, inclusive, que para o lançamento da Tupi fora o próprio Chateaubriand quem providenciara a “importação”²² e instalação de 22 televisores em lojas, bares e no saguão dos Diários Associados, para que houvesse algum público na primeira transmissão... Georges Henry²³ em entrevista a Silva Júnior (2001) revela um tanto da movimentação que precedeu aquela noite:

Foi uma correria danada para fazer funcionar um empreendimento caro, mas esperava-se que seria visto por muita gente no futuro próximo. Por enquanto, porém, havia um número mínimo de aparelhos para captarem o sinal. Por isso, na verdade, o ato em si de inauguração da Tupi funcionaria apenas para marcar o início de um negócio. (p. 155-156)

Negócio que envolvia muito mais do que objetivos aparelhos de televisão e que por isso mesmo constitui uma História que está para além deles.

2.1.1 Quando nasce a tevê nasce também um novo homem: o telespectador

Penso ser fundamental destacar aqui tal fato: as inovações tecnológicas, o desenvolvimento técnico, não inauguram apenas o que aparece concretamente como “produto inaugurado”. Mudanças dessa ordem impactam toda a estrutura que está à sua volta, geram transformações que estão para além dos novos aparatos

²² Cunhei o termo entre aspas, pois, segundo os registros de vários dos autores que li, os televisores chegaram ao Brasil contrabandeados. Quando Chateaubriand se deu conta da ausência de aparelhos no Brasil não havia mais tempo hábil para que eles fossem trazidos pelas vias legais, nem mesmo com a interferência do Presidente.

²³ Maestro francês contratado a princípio pela rádio Tupi e então diretor musical da emissora de televisão desde seu primeiro dia no ar.

que “surtem”; inseridas num contexto social, transformam a cultura de modo geral, fundam também novos modos de ser e de estar.

Walter Benjamin nos ajuda a pensar sobre essa perspectiva com seu texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”²⁴. Discutindo os efeitos objetivos inaugurados pela então fundada possibilidade técnica de reprodução das obras de arte – até então auráticas porque únicas –, o autor elenca mudanças desencadeadas por essa inovação, mudanças que são também de ordem social e humana. Sim, porque se muda o aparato, ou a possibilidade de contato com ele, inevitavelmente mudam também as relações que com ele se travam.

Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral. (BENJAMIN, 1994, p. 167)

Se essa tal reprodutibilidade, no germe de sua ação, já representava a possibilidade de um contato do produto com um grupo mais extenso de possíveis observadores, imagine se realizada numa velocidade mais acelerada graças à técnica da fotografia...

E nesse trabalho Benjamin (1994) deixa clara a percepção de que esse impacto técnico não é privilégio da esfera da arte:

Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. (BENJAMIN, 1994, p. 168-169. **Grifos do autor**)

Do mesmo modo que a máquina fotográfica “liberou a mão das responsabilidades artísticas” e do seu modo permitiu “à reprodução vir ao encontro do espectador”, a televisão trouxe consigo novas técnicas e, deste modo, novas formas também de fazer, expor, assimilar...

Com o nascimento da televisão brasileira, assim, se funda também a existência de um ‘novo homem’, o espectador da televisão.

²⁴ A versão que cito foi traduzida por Sérgio Paulo Rouanet e está publicada em “Obras Escolhidas: arte e técnica, magia e política” de 1994. Referência completa ao final do trabalho.

Sigamos na História do veículo, sem perder esta nuance de vista.

2.2 E o negócio prosperou

Definitivamente a televisão era um negócio. Um negócio caro, aliás, mas que desvelava uma possibilidade de retorno aos investimentos que aguçava o pioneirismo de boa parte dos que se envolveram com ela. Claro que esse retorno não se deu num curto prazo, para alguns não mesmo. Os trabalhadores da televisão nesse início de existência tinham muitas funções, pouca clareza dos caminhos a seguir, mas disposição, curiosidade, necessidade. Um destes elementos ou um misto dos três. Brandão (2010) nos fala um tanto disso ao tratar dos profissionais dos teleteatros:

Tal atividade demandava dos atores uma dedicação pessoal, era como um ideal artístico que contrastava com o acúmulo de trabalho, a má remuneração e a desestrutura funcional dos canais de televisão [...] da motivação daqueles primeiros profissionais que se vincularam a ela [televisão], capazes de driblar a adversidade, talvez norteados por um idealismo romântico que vamos encontrar durante toda a década e também pela ousadia de estar fazendo algo ainda novo no país. (p.44)

Somada a essa movimentação, a entrada dos patrocinadores foi fornecendo subsídios para que a ideia se tornasse crescentemente realização. Muitos dos grupos de teleteatro, por exemplo, chegaram a mudar seus nomes em função do patrocínio que passavam a receber. Assim, foi comum que nomes de lojas, fábricas, marcas de eletro/eletrônicos etc., passassem a batizar teleteatros. E foi toda essa conjuntura de pessoas e contexto que fez com que, já na primeira década de existência, uma consistente evolução técnica fosse sendo forjada. “O novo veículo venceria, heroicamente, a precariedade de recursos pelo entusiasmo de cada um dos seus profissionais [...]” (BRANDÃO, 2010, p. 48)

Enquanto de “dentro”, dos bastidores, a técnica se apurava, a preocupação com os de “fora”, com a recepção do público, desde bem cedo é apresentada. A princípio, os indicadores da audiência e da aceitação dos produtos televisionados

eram as correspondências e telefonemas, mas já em 1953 Chateaubriand encomendara a primeira aferição de audiência ao Ibope²⁵.

Sim, porque o negócio definitivamente estava prosperando e isso era perceptível pelo número de televisores que crescia a olhos vistos no Brasil. Vejamos isso com um pouco mais de calma.

Os primeiríssimos televisores chegaram por aqui trazidos pelo dono da rede de televisão. Em seguida, com as transmissões de fato iniciadas, passou a ser sinônimo de *status* adquirir um aparelho e tê-lo em casa. “Em pouco tempo a televisão deixou de ser um objeto de luxo – pelo preço – dispensável para ser um objeto de luxo dos mais cobiçados – apesar do preço – [...] pelo fato de dar *status*.” (FANUCCHI, 1996, p. 152)

De todo modo não eram muitos os que podiam se dar a esse luxo e crescentemente não era apenas quem tinha o aparelho que assistia às suas transmissões. Naquele tempo de animação com o novo artefato, assistir à tevê era acontecimento, atividade coletiva que, até pela existência limitada de televisores, reunia não só a família como também amigos e vizinhos. Não é à toa que durante muito tempo o lugar quase que ‘oficial’ dos televisores nas residências era o da sala de estar, da sala de visitas. Esse hábito vem dessa história, da lógica de que se assistia *com*. E era tão comum que de fato se recebesse visitas para assistir à programação que até se criou uma alcunha para esses que ‘filavam’ as transmissões no televisor de outrem: eram os *televizinhos*. Nas palavras de Fanucchi (1996):

“Televizinho” era como se designava o telespectador que, por não possuir aparelho de tevê, assistia aos programas na casa de um conhecido da vizinhança. Às vezes vários “televizinhos” se reuniam na mesma casa e, conforme o grau de cortesia do anfitrião, eram brindados com cafezinho e pipoca. (p. 44)

Mas a demanda de acolhimento dos donos de aparelhos de televisão foi sendo minimizada e num ritmo nem tão cadenciado já que os números que envolvem os televisores são espantosos: “Estima-se que, no final de 1950, existiam apenas dois mil televisores [...]” (BRANDÃO, 2010, p. 39) enquanto que “No final de 1951, a TV já era vista por mais de 7 mil aparelhos [...]” (HENRY, 1998, p. 158).

²⁵ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, fundado em 1942.

Ainda assim, mesmo com essa quantidade mais que triplicada de aparelhos adquiridos em um ano, até então todos os televisores eram importados, o que fazia com que o custo continuasse demasiado elevado para grande parte da população brasileira. Por mais que tenha deixado de ser visto como dispensável, um televisor ainda era um objeto de desejo inacessível para muitos.

E foi exatamente nesse período que a indústria nacional deu o que se tornaria um definitivo passo: se colocou no mercado, montando aparelhos e criando concorrência aos importados com os televisores *Invictus*, a primeira marca brasileira.

Tão importante quanto a própria implantação da TV no Brasil, a fabricação de televisores criou condições para a consolidação do veículo entre nós e desencadeou o processo de formação de um importante e sofisticado setor industrial nacional. (BRANDÃO, 2010, p. 39)

Ao longo dos anos, com a inevitável e crescente queda dos preços dos aparelhos, tudo o que se viu foi o crescimento estratosférico desses números. Não se pode deixar de dizer, no entanto, que esses primeiros dados referem-se a São Paulo e Rio de Janeiro apenas, já que as demais regiões do país ainda não tinham emissoras. De qualquer forma até o final da década de 1950, com as emissoras/afiliadas já bem mais distribuídas pelos estados do Brasil, conta-se a existência de 434 mil televisores espalhados pelo país. Um crescimento notável, não?! E ainda era só o início.

Com um negócio tão próspero, é claro que outras empresas começaram a entrar no mercado. A Tupi se manteve como única durante muito tempo, mas logo outras emissoras começaram a surgir. A primeira a abrir concorrência de fato com a pioneira foi a TV Rio, que aqueceu a disputa pela audiência com a rival com o lançamento do programa *Noite de Gala*.

Era uma verdadeira superprodução. Um elenco fantástico. Só para se ter uma idéia [sic], era apresentado pelo Sérgio Porto, com Flávio Cavalcanti fazendo alguns quadros e Antonio Carlos Jobim, então um jovem maestro em ascensão, regendo uma sinfônica no palco. [...]
Noite de Gala foi o primeiro abalo no predomínio da Tupi. Um abalo e tanto! (DANIEL FILHO, 2001, p. 29)

Mas foi em 1960 que a história começa a ganhar novos rumos. A TV Excelsior, canal 9, entra no ar. Emissora que já chega se propondo a fazer uma primeira revolução na ainda jovem televisão nacional:

As estações de televisão funcionavam de maneira autônoma, em cada estado do país. Cada uma tinha sua própria programação. A ideia da Excelsior era fazer uma *network*, uma rede, produzindo programas para todas elas. Consequentemente poderia pagar salários incomparavelmente mais altos. Então foi todo mundo. (DANIEL FILHO, 2001, p. 22)

E esse foi praticamente o início do fim da Tupi. Em pouco tempo ela também virara uma *network*, mas seguia com dificuldades já que, entre outras questões de sua administração, perdera boa parte de seu *cast*. Além disso, a concorrência acirrara-se com outras emissoras entrando na disputa pelo público, tais como Record, TV Continental e logo em seguida, em 1965, a Rede Globo que começava suas atividades. Agora, com tantas emissoras em ação, a concorrência era ainda mais complexa, pois não se dava apenas pelo telespectador, mas também por trabalhadores de televisão, como nos assinala Daniel Filho (2001): “Na verdade, havia poucos profissionais disponíveis. Um quadro limitado: quem quisesse produzir qualquer coisa precisava mesmo tomar os profissionais das concorrentes.” (p. 31)

O fato é que com tudo isso a televisão realmente seguia seu caminho ascendente e os anos da década de 60 marcaram definitivamente isso. Além do avanço tecnológico, em 1962 o videoteipe chega ampliando consideravelmente as possibilidades de trabalho e a circulação dos programas, o crescimento do número de aparelhos nesta década é espantoso: no início da sua segunda metade se contavam mais de dois milhões de televisores no país. Mais precisamente, de acordo com Brandão (2010): “[...] somente em 1966 foram vendidos 408 mil televisores, somando um total de 2,4 milhões de aparelhos em uso naquele ano. Isso representou uma taxa de crescimento de 401%.” (p. 54)

Se com essa abrangência toda em 20 anos de existência a televisão já garantiria sua participação na vida nacional, imagine com o ainda ativo crescimento de venda dos aparelhos.

2.3 A televisão como veículo de massa

Ao final da década de 60, com os números que se fecham em relação a essa mídia, a televisão definitivamente já começa a se implantar como um *veículo de massa*. Milhões de pessoas acompanham sua programação! E aqui se aproxima

também, como muitos dos autores que dedicam seus estudos a essa mídia pontuam, além do rádio, do cinema.

Walter Benjamin (1994), aliás, mais uma vez nos ajuda contribuindo na observação dessa aproximação nos falando exatamente da especificidade do cinema (mas não apenas dele), a ‘novidade’ de então, em relação à tradicional arte da pintura:

Na realidade, a pintura não pode ser objeto de uma recepção coletiva, como foi sempre o caso da arquitetura, como antes foi o caso da epopéia, e como hoje é o caso do cinema. (BENJAMIN, 1994, p. 188)

Portanto, assim como a arquitetura, o rádio e o cinema, a televisão – anos mais tarde – nasce já como objeto de **recepção coletiva** e crescentemente essa coletividade se amplia na expressividade dos números de audiência que a envolvem.

Parece-me claro que boa parte das críticas em relação à televisão e sua programação têm sua gênese exatamente neste traço de sua ‘natureza’ – a essência de veículo de recepção coletivizada –, portanto uma espécie de parêntese, em forma de subitem, se faz indispensável aqui.

2.3.1 Cultura de massa e suas implicações sócio-históricas

Acaso era a Alemanha de 1932 uma “sociedade de massa” quando permitiu pelo voto que o partido de Hitler subisse ao poder?
[...] Não era a Alemanha o país que possuía o maior número de orquestras sinfônicas per capita, publicava a maior quantidade de livros e desenvolvia uma indústria cinematográfica com produções de primeira qualidade?

D. M. White

Meios de comunicação de massa, *mass mídia*, cultura de massa... São várias as denominações que se referem, grosso modo, aos meios e artefatos que se impuseram na vida por sua essência de alcance a muitas pessoas. Mas de certo

modo, talvez exatamente em decorrência desta característica, colocaram-se desde sua aparição como ‘menores’ para alguns, como elementos menos dignos talvez, ou problemáticos no mínimo. Voltando a recorrer a Benjamin (1994) e a seu célebre texto – “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” – podemos encontrar pistas de uma perspectiva que contribua na compreensão de tal fato.

No dito trabalho, o autor destaca a singularidade e até, me permito dizer, a especialidade de uma pintura antes da possibilidade de sua reprodução em larga escala: era vista por alguns, poucos, que tinham proximidade com seu criador ou apenas o privilégio de circular por onde quer que ela chegasse a estar. Benjamin afere a existência de uma “aura” em torno deste produto, enfim, por conta de sua extrema e única existência. Mais adiante, como brevemente já situei, com a possibilidade da reprodução, essa aura se perde, se quebra já que não são mais apenas alguns os que a ela passam a ter acesso. E, para tantos, o que essa quebra deflagra é a vulgarização do produto. Para outros, não só a vulgarização, mas o que é pior e junto com ela, a pasteurização dos produtos culturais.

Vários estudiosos da mesma Escola de Frankfurt, por exemplo, reagiram fortemente ao desenvolvimento dos aparatos pertencentes a essa então ‘nova’ cultura e Horkheimer e Adorno (2002), seus emblemáticos teóricos, tratam um tanto desta questão ao apontarem que “A cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança.” (p. 07) Indissociando o indissociável, os autores seguem sua reflexão aproximando tal percurso da intenção capitalista de criação de um mercado, de consolidação de uma nova ideologia; referem-se à Indústria Cultural. Macedo (2008) aponta:

Os autores de “A Indústria Cultural” também entenderam cultura como arte e erudição que acabou esvaziada na lógica capitalista. Uma vez transformada em produto pela técnica, sob a lógica da produção em série e da padronização, passa a ser tratada como mercadoria [...] O consumo em estado de distração atua como mais uma estratégia ideológica para conformar os trabalhadores, garantindo controle sobre o trabalho e sobre o descanso (p. 65).

E é nessa direção que os autores indicam as ‘ferramentas’ desenvolvidas por essa indústria elencando filmes, rádios, semanários e outros como constituindo um sistema:

A televisão tende a uma síntese do rádio e do cinema, retardada enquanto os interessados ainda não tenham negociado um acordo satisfatório, mas **cujas possibilidades ilimitadas** prometem intensificar a tal ponto o empobrecimento dos

materiais estéticos que a identidade apenas ligeiramente mascarada de todos os produtos da indústria cultural já amanhã poderá triunfar abertamente. (HOEKHEIMER e ADORNO, 2002, p.12 **Grifos meus**)

Para os autores, como se pode aferir a partir da leitura deste trecho, a televisão aparece de fato como mais um recurso do movimento maior que vinha sendo forjado. Não me parece ser possível, porém, relativizar a magnitude de ação que imputam à tevê ao aferirem que o “novo” artefato teria **possibilidades ilimitadas** em relação ao percurso empreendido de empobrecimento dos materiais estéticos em busca da identidade dos produtos da indústria cultural. Parece-me que há indícios aqui de que a ideia desprestigiada que acompanha a televisão vem desta noção anterior de que o que é para múltiplas pessoas se faz assim.

E os fatos realmente apontam para a utilização das mídias como veículos usados para fins de pasteurização e disseminação ideológica, sem dúvida. Os usos que Adolf Hitler, e o nazismo em si, fizeram do cinema, por exemplo, falam por si. Assim como é inegável que a televisão, na América Latina ao menos, agiu claramente para o estabelecimento e/ou fortalecimento das ditaduras que por aqui se implantaram. O caso do Brasil nos indica isso.

2.3.1.1 O caso do Brasil

Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil,
Do meu coração.
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil
Salve a Seleção!

Miguel Gustavo

A partir dos anos 60, ganha força um movimento setorizado de certa repulsa à tevê. De fato a intelectualidade de maneira geral sempre vira a televisão como algo de mau gosto, que produzia coisas quase que irrelevantes, mas contentava-se com essa acepção e ponto. Mas nessa década, sobretudo com o regime militar impondo-

se no país, a televisão passou a ser vista como tema importante, quase que como instrumento a ser combatido.

Nesse tempo os teleteatros já tinham há muito perdido seu espaço para as telenovelas, que arrebataram a audiência de modo notável.

A telenovela passava a fazer parte do cotidiano nacional e virava mania. Famílias inteiras acompanhavam os capítulos do chamado “folhetim eletrônico”. De 1963 a 1969, foram produzidas 176 novelas. [...] A novela seria responsável pela elevação dos índices de audiência da televisão e atingiria o horário nobre. (BRANDÃO, 2010, p. 54)

A televisão, assim, seguia consolidando-se como um veículo de entretenimento, pretensamente sem compromisso com alguma função social mais ampliada. E era a isso que os intelectuais reagiam. Uma programação supostamente despretensiosa, imbuída do compromisso de entreter e divertir; mas ao mesmo tempo uma programação inevitavelmente encharcada de valores, opiniões, leituras de mundo..., e acessada por milhões de pessoas. Ah! E mediada por militares na vigência de uma ditadura que ainda duraria bons anos...

Nesse contexto, o que se estruturou logo nos anos 1970, foi um percurso trilhado no sentido de ampliar as redes nacionais ainda mais, agora em busca de uma *integração nacional*, que era vista como poderosa por ser mediada pela imagem. Percebe-se então que não foi apenas para os intelectuais que a TV passou a representar “assunto sério”.

Pasolini (1990), aliás, nos leva a pensar sobre esse poderio imagético quando nos fala sobre *a linguagem pedagógica das coisas*²⁶:

As primeiras lembranças da vida são lembranças visuais. A vida, na lembrança, torna-se um filme mudo. [...] Essa imagem é um signo, e, para sermos exatos, um signo lingüístico. Portanto, se é um signo lingüístico, comunica ou expressa alguma coisa. (p. 125)

Não é demais ressaltar que para esse autor essa forma de comunicação que se dá antes e para além da palavra é realmente poderosa ‘pedagoga’, cunhadora de marcas resistentes. Para ele, nesse percurso, “O que é educada é a sua carne, como forma de seu espírito.” (p. 127)

À luz do que aponta o autor, assim, parece que o caminho escolhido pelos realizadores da televisão nacional dava-lhes boas chances de sucesso e por meio

²⁶ Este é o subtítulo de um capítulo de livro seu. Referência completa ao final do trabalho.

desses signos linguísticos, enfim, seguiu-se de fato em busca da integração nacional, a princípio com objetivos bem distintos, mas que se mostraram confluentes, como nos assinalam Ribeiro e Sacramento (2010):

É possível afirmar que tanto empresários das comunicações quanto dirigentes militares, por motivos diferentes, viam vantagens na integração do país. Os militares queriam a unificação política das consciências e a preservação das fronteiras do território nacional. Os homens da mídia, por sua vez, vislumbravam a integração do mercado de consumo. [...] Em princípio, isso não configurou uma contradição. Significou, ao contrário, uma adequação de interesses. (p. 116)

Não posso deixar de destacar aqui que, paralelamente a toda essa movimentação, a essa adequação de interesses, muitos daqueles que ainda buscavam acesso à televisão gradativamente passaram a conseguir. Com isso seguia-se constatando ao longo dos anos a multiplicação dos telespectadores: “O número de aparelhos de TV existentes no país até outubro de 1975, como informa a revista **Mercado Global** de dezembro daquele ano, era de 10,5 milhões²⁷ [...]” (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2010, p. 116. **Grifos do autor**)

O projeto de integração estava forjado e a capacidade de inserção dele no cotidiano das pessoas crescia a cada dia até porque, como Pasolini (1990) destaca: “[...] é enorme a importância pedagógica da televisão, porque ela também nada faz senão oferecer uma série de ‘exemplos’ de modos de ser e de comportamento.” (p.127). E ainda tem um detalhe: o faz pretensamente sem a intenção de fazê-lo!

De todo modo, como nos lembra Bakhtin (2009), não há vida em harmonia absoluta. A tensão de opiniões e valores leva à disputa de interesses; as negociações, clara ou indiretamente, fazem parte de tudo que se faz socialmente. Como não poderia deixar de ser, assim, os conflitos não deixaram de acontecer entre os empresários, os homens de mídia e os militares. O advento da censura – estratégia-parte da ideologia moralista que compunha o governo militar –, aliás, talvez tenha sido o epicentro das adversidades já que aborreceu muitos ânimos, até

²⁷ Para ensaiar a possibilidade de se ter uma ideia um pouco mais clara do que esta quantidade de aparelhos representava na época, fiz uma breve pesquisa no site do IBGE* e constatei que a população brasileira na década de 1970 girava em torno de 90 milhões de habitantes. Se pensarmos que um aparelho atingia mais do que a uma pessoa, mas a uma família ao menos, que segundo o instituto nessa época tinha uma média de 5 pessoas, vemos que isso representaria uma possibilidade de inserção em mais da metade da população nacional de então.

*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,
http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=207
http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/populacao/familia.shtm

porque tantas vezes foi sinônimo de prejuízos também financeiros por parte dos empresários e das emissoras.

A censura foi mesmo protagonista de boa parte dessa época, roubando a cena não só na televisão, mas muito na televisão. Segundo Armando Nogueira (1998), em entrevista a Silva Júnior (2001): “Como a TV sempre foi um veículo muito poderoso, de grande alcance e impacto, era sempre a primeira a ser censurada.” (p. 33) E falando deste tempo ele acrescenta ainda que se chegou num ponto em que a arbitrariedade era desmedida:

Qualquer assunto [incomodava os militares] porque tudo era extremamente subjetivo e arbitrário. Essa hierarquia da censura começa no mais alto escalão e, à medida que o tempo vai passando, ela vai perdendo critérios, vai se descaracterizando [...] De repente, chegava um telex na redação [do Jornal Nacional] de um tal inspetor Sena, da Polícia Federal, proibindo noticiar que um Volkswagen havia caído no mangue. Achamos aquilo estranho e, quando fomos procurar saber o que tinha acontecido, soubemos que o veículo trazia, no momento do acidente, um oficial do Exército e sua amante. E isso era tratado como assunto de segurança nacional. (p. 35)

Entre as arbitrariedades, passos e descompassos se deram, contudo, os conflitos não chegaram a deflagrar desavenças a ponto de gerar quaisquer tipos de rompimentos.

Claro que individualmente adversidades se deram de modo bastante claro e significativo, alterando a vida de algumas pessoas, como narra Dias Gomes (1988/1999) e entrevista:

Comecei a ter problemas pelo fato de ter feito uma viagem à União Soviética na época. Só por isso perdi meu emprego e durante um ano fiquei até sem poder escrever usando meu nome, nem em revista, jornal, rádio ou televisão. Ninguém me aceitava ou dava trabalho [...]. (p. 85)

Mas de fato tais extremos foram vividos mais pelos cidadãos-trabalhadores como pessoas físicas. O que se viu da relação entre os empresários da comunicação e os militares foi muita política, a tensão velada encoberta pela busca dos ‘panos quentes’, da suposta harmonia sempre. Há autores que falam da subserviência das emissoras em relação aos mandos e desmandos do sistema. Não tive como apurar, mas apostaria que a notícia do Volkswagen ficou na redação e só na redação do jornal.

É impossível escapar de pontuar com maior clareza que a TV Globo entrou em cena e prontamente seguiu atingindo avanços muito significativos tanto no que

diz respeito às possibilidades técnicas e tecnológicas quanto no que se refere à preferência do público, levando-a a altos índices de audiência, exatamente neste período. E é sabido que as relações de seu fundador, Roberto Marinho, com o alto escalão do governo militar eram bastante amistosas.

Como é difícil também deixar de constatar que essa articulação ‘interesseira’ entre empresários e militares rendeu de fato bons frutos a seus investidores, que os colheram já na década de 1980. Mira (2010) resume assim:

Finalmente, o “novo homem brasileiro”, que a Ditadura Militar e os empresários interessados na modernização do país pretendiam construir, já está pronto: é o consumidor. O que ele quer assistir, pelo tempo suficiente para ser capturado por alguma mensagem publicitária, está aprovado. (p. 175)

O telespectador/consumidor fica caracterizado definitivamente desde então, num período que ficou para a história também como o da transição democrática, que aboliria a censura e seria seguido por mais tantas e significativas mudanças.

Mas o que me parece é que a questão que fica é: só há este ângulo de visada para pensarmos as mídias de massa – no caso específico deste trabalho, a televisão como uma delas – e sua inserção na vida cultural?

2.3.2 Os sujeitos da/na cultura de massa

É certo que esta questão não é só minha. Adorno e Horkheimer (2002), aliás, têm sua obra discutida até hoje, inclusive, também em função de sua perspectiva determinista de observação em relação a toda essa questão. Inauguraram um importante debate, não há dúvidas, mas analisam as manobras ideológicas dos produtores da indústria cultural subjugando todos os sujeitos que a ela são expostos simplesmente ignorando-os, não vislumbrando qualquer possibilidade de ação reflexiva de sua parte, se me permitem um neologismo, praticamente os ‘assujeitando’.

Se não perdermos de vista, conforme assinalai em certa parte deste capítulo, que além dos produtores das mídias existem os sujeitos que as recebem, podemos buscar outros ângulos para pensar essa questão.

Para Walter Benjamin (1994), por exemplo, o apego exacerbado à tradição é que pode vir a gerar a dificuldade em perceber o que essa coletividade traz potencialmente consigo. Para este autor a recepção das massas pode vir a ocasionar algo que esses tantos agarrados à tradição deixam de perceber:

Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. (BENJAMIN, 1994, p.168-169 **Grifos do autor**)

Ou seja, ao invés do olhar de pasteurização, exacerba-se o olhar pra o potencial atualizador da recepção por um número grande de pessoas, a multiplicação das possibilidades de visada.

Parece-me que este viés apontado por Benjamin nos leva ao encontro do que os Estudos Culturais Latino-Americanos difundiram acerca da percepção da recepção. Rompendo com a perspectiva linear de compreensão da comunicação entre as pessoas, tais estudos trazem à tona a percepção dos sujeitos envolvidos nos processos comunicativos, nos meios de massa inclusive.

Se pensarmos apenas nas manobras dos produtores vislumbramos e, conseqüentemente, imputamos potência praticamente exclusiva do emissor em relação ao receptor. É o primeiro quem **age** em relação ao segundo. A este outro, por sua vez, cabe apenas 'receber' passivamente a mensagem, ao que parece, tal qual o emissor intentou emití-la. Sousa (2002) contribui aqui com breve revisão a partir de seus estudos na área:

De fato, a relação de predomínio do emissor sobre o receptor é a idéia que primeiro desponta, sugerindo uma relação básica de poder, em que a associação entre passividade e receptor é evidente. Como se houvesse uma relação sempre direta, linear, unívoca e necessária de um pólo, o emissor, sobre outro, o receptor; uma relação que subentende um emissor genérico, macro, sistema, rede de veículos de comunicação, e um receptor específico, indivíduo, despojado, fraco, micro, decodificador, consumidor de supérfluos [...] (p. 14)

Ou seja, essa forma de perceber o processo de comunicação inevitavelmente imputa papéis estanques aos participantes e coloca o processo comunicativo num lugar de linearidade. Além disso, destina ao dito 'receptor' um lugar de passividade que beira o aniquilamento deste como indivíduo, como sujeito pensante.

Penso não ser difícil, assim tão rapidamente, estabelecer um paralelo entre esta concepção de comunicação e as ideias que embasam as mais correntes críticas e opiniões acerca da assistência televisiva. Não apenas, mas, sobretudo, da assistência infantil.

Deste modo, multiplicam-se as falas que relacionam a TV como vilã – a poderosa ‘emissora’ de suas perversas e intencionais ‘mensagens’ – e que conseqüentemente estruturam um ideário de telespectadores passivos, indefesos contra esse ‘mal’, ‘coitados’ merecedores de defesa e de discursos de vitimização; falas que os colocam, enfim, quase que como olhos e ouvidos acéfalos, totalmente entregues a qualquer mensagem que seja.

Assim, não posso deixar de pensar em Bakhtin (2006, 2009, 2010) e em toda sua teoria da linguagem – sobre a qual dissertei no primeiro capítulo com maior cuidado e atenção – em contraposição a esse determinismo que a assepsia da linearidade coloca: o ‘emissor’ enuncia com o verbo, mas não só com ele, também com outros elementos – expressões faciais, gestos, entonação... – e o pretense ‘receptor’ escuta tal mensagem inevitavelmente impregnando-a de dados que estão para além dela e que se referem também a experiências que ele mesmo teve, a impressões que já traz consigo... Ou seja, a comunicação subentende ação de todos os lados. Nesta perspectiva o entendimento é o de que comunicação é interação, o que faz ser impossível termos garantias de que o dito e o compreendido são a mesma coisa.

Neste sentido, filio-me a autores que vêm buscando compreender os processos comunicativos de outro modo, tais como Martín-Barbero (2002) que diz que:

Parto do princípio de que a recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação. Isto significa uma pesquisa de recepção que leve à explosão do modelo mecânico, que, apesar da era eletrônica, continua sendo o modelo hegemônico dos estudos de comunicação. (p. 40)

O traço forte dessa perspectiva, e de fato o que me faz eleger tal interlocução, se refere à busca da revisão específica da concepção do ‘receptor’ nesse processo, visto que parto do pressuposto de que todos os envolvidos são sujeitos – emissores e receptores –, portanto possíveis agentes sempre, exatamente como Martín-Barbero (2002) propõe:

É indubitável que o estudo da recepção, no sentido em que estamos discutindo, quer resgatar a vida, a iniciativa, a criatividade dos sujeitos; quer resgatar a complexidade da vida cotidiana, como espaço de produção de sentido [...] (p.54)

Percebendo, então, a relação do telespectador com a televisão como uma interação comunicativa imersa, obviamente, na linguagem, delineio a partir daqui o entendimento de que os espectadores da televisão, portanto também as crianças-espectadoras, são antes de qualquer coisa sujeitos; indivíduos não necessária e certamente passivos diante do que ‘assistem’, mas pessoas que têm estado imersas numa cultura midiática contemporânea e que, assim, têm construído significações sobre o mundo também a partir da relação com os conteúdos que esses veículos disponibilizam. Telespectadores, definitivamente, não são meros receptores de imagens e dados. Crianças-espectadoras, definitivamente, também não o são.

2.4 Veículo de massa crescentemente individualizante

O crescimento ainda desenfreado do número de aparelhos de tevê vendidos no país seguiu notável. Até 1993 constatava-se um total de 31,5 milhões de televisores em uso em todo o Brasil. Com o advento do Plano Real, entre 1994 e 1998 estima-se que se tenha vendido 28 milhões de aparelhos de televisão no país! (MIRA, 2010) Ou seja, apenas durante esses 4 anos foi vendida quase que a mesma quantidade de aparelhos até então totalizados no Brasil inteiro. E mais um dado da mesma fonte: destes, cerca de 6 milhões representavam o primeiro aparelho televisor da família. Segundo Brittos e Simões (2010), “[...] o percentual de domicílios com TV cresceu quase 45% de 1990 a 1999 [...]” (p.222)

Definitivamente a televisão é um veículo de massa “democratizado” – ao menos no que se refere à possibilidade de contato com sua programação por meio do acesso ao aparelho.

Agora, se faz importante ressaltar mais uma vez que a visada que se tem aqui aponta para a perspectiva de que o que é “de massa” não se refere simplesmente a um campo de recepção coletivizado. O entendimento é o de que nessa multiplicidade de público, a recepção sendo conformada por uma multidão, para além do coletivo volta-se e estrutura-se uma nova experiência para o indivíduo.

Martín-Barbero (2006) contribui para a compreensão desta nuance alinhavando seus próprios estudos:

Edward Shils irá mais longe. Com o advento da sociedade de massa, não temos unicamente “a incorporação da maioria da população à sociedade” [...] mas também uma revitalização do indivíduo: “A sociedade de massa suscitou e intensificou a individualidade, isto é, a disponibilidade para as experiências, o florescimento de sensações e emoções, a abertura até os outros [...], liberou as capacidades morais e intelectuais do indivíduo”. (p. 67)

Nesse percurso e compartilhando dessa acepção, o que se percebe é que esse quantitativo contribuiu para a estruturação de toda uma modificação no movimento de assistência à tevê: de atividade coletiva, crescentemente esse hábito foi caminhando também no sentido da individualização.

Na década de 90 como um todo, aliás, as estatísticas praticamente deixaram de se dedicar exclusivamente à contagem de total de televisores no país para dedicarem-se à aferição de quantos aparelhos por residência. Não só passou a ser quase certo haver televisão em cada um dos lares brasileiros como se passa a estimar que seja significativa a probabilidade de haver mais de um aparelho em cada residência. Mira (2010) segue nos fornecendo dados específicos:

Essa vendagem extraordinária aprofundou a individualização do hábito de ver TV, inundando os lares brasileiros de receptores: três ou quatro nas classes A e B, dois ou três nas classes C e D. (p.172)

Mas não é só a quantidade de televisores que se amplia contribuindo com a sedimentação da democratização de acesso ao televisor, a circulação das informações e produções precisa ser ressaltada. E o que isso representa no fundo é o que pode nos permitir pensar que:

Desse modo **massa** deve deixar de significar adiante anonimato, passividade, conformismo. A cultura de massa é a primeira a possibilitar a comunicação entre os diferentes estratos da sociedade. E dado que é impossível uma sociedade que chegue a uma completa unidade cultural, então o importante é que haja circulação. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.67 **Grifo do autor**)

E a essa altura, vive-se uma época de circulação cada vez mais clara, circulação que não se circunscreve à tevê e já vai além deste veículo. É tempo de popularização também dos computadores domésticos, o que dilata consideravelmente o fluxo de informações; e logo se passa a ter possibilidade de

contato com mais uma infinidade de canais de televisão – nacionais e internacionais –, com o crescimento da TV paga (o que se consolida de fato na década seguinte).

Assim como no início da empreitada da televisão no Brasil, o acesso às ‘novidades’ tecnológicas ainda é restrito a uma camada da população. O que fica latente, neste sentido, é a ideia de que “[...] o que antes era a televisão brasileira passou a ser a televisão aberta ou ‘a televisão dos pobres’[...]” (MIRA, 2010, p. 172)

Deste modo, acompanhando o movimento de tudo à sua volta, as emissoras de televisão se organizam e seguem seu percurso de busca de audiência, como aponta Mira (2010):

[...] para prender a atenção dos espectadores, os programas tiveram que se tornar cada vez mais ágeis, mais emocionantes, mais impactantes. Contrariando todas as expectativas anteriores, a televisão voltou a fazer mais programas ao vivo embora com algumas partes pré-gravadas. (p. 172)

Sim, porque além dos atrativos que o início da era da digitalização apresentou para alguns, para tantos o advento dos controles remotos também reorganizou o hábito de assistência à programação televisiva.

Cada indivíduo, de posse de seu controle remoto, passou a ser um zapeador em potencial [...]
O telespectador zapeia em busca de emoções fortes e, sobretudo na hora do intervalo comercial, passa de um programa para o outro e pode não voltar. (MIRA, 2010, p.172)

Ou seja, mudanças que, por um lado, poderiam vir a abalar a até então sólida relação entre telespectador e programação televisiva “aberta”, e, por outro, acirrar mais uma vez a concorrência entre as diferentes emissoras de televisão.

E quando existiu maior circulação cultural que na sociedade de massa? Enquanto o livro manteve e até reforçou durante muito tempo a segregação cultural entre as classes, o jornal começou a possibilitar o fluxo, e o cinema e o rádio [e a televisão] que intensificaram o encontro. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.67)

Como ao que tudo indicava o público mais fiel à televisão consolidava-se como o de poder aquisitivo mais baixo, o que se viu de investimentos por parte das redes foi uma fase de grande ‘popularização’ da programação, que nada mais representou do que retornos a antigas fórmulas há tempos já transmitidas tais como:

de “O Povo na TV”²⁸ para “Aqui Agora”²⁹ ou de “O Homem do Sapato Branco”³⁰ para “Programa do Ratinho”³¹.

Nesse percurso, as críticas ao conteúdo televisivo – que se ressalte, nunca deixaram de existir – voltam a exacerbar-se. Mas o que ninguém previra é que as emissoras, mirando num alvo, acertassem neste e também em outros:

O que não se esperava é que esse tipo de atração encontrasse um novo público na virada do milênio. Em 1999, a agência de publicidade DPZ realizou uma pesquisa sobre o “Programa do Ratinho” mostrando [...] a aceitação de Ratinho pelas classes A e B: 33% na grande São Paulo e 25% em nível nacional [...] (MIRA, 2010, p. 173-174)

Mais uma vez aquela nuance ressaltada em certo trecho do capítulo nos acena: além do que os mentores de televisão pensavam, conjeturavam, planejavam, compunham, e para além do que os críticos supunham – a partir do que pautavam suas opiniões –, do outro lado da tela há sujeitos-telespectadores que, subitamente, surpreendem com suas escolhas...

2.5 Na dinâmica produção-recepção, a tevê de hoje

Assim como em 1950, a televisão contemporânea segue sendo negócio para aqueles que a estruturam. Bolaño e Barros (2005) nos informam com clareza os interesses comerciais que estão em jogo:

A indústria cultural no Brasil tem como principal fonte de renda o investimento publicitário. A disputa por anunciantes é o fundamento da concorrência entre as empresas de comunicação, especialmente a TV, tornando a mercadoria audiência a base de sua sobrevivência. (p.12)

²⁸ Programa exibido na década de 1980 pela antiga emissora TVS, atual SBT, e que trazia entrevistas sobre temas polêmicos e/ou escandalosos. Também exibia um quadro de defesa do consumidor e outro de fofocas do meio artístico. http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Povo_na_TV

²⁹ Quase homônimo e praticamente reedição de programa exibido pela Tupi (Aqui e Agora) em 1979, “Aqui Agora” foi um telejornal de apelo popular exibido pelo SBT em duas versões, a primeira em 1991 e a segunda em 2008. http://pt.wikipedia.org/wiki/Aqui_Agora

³⁰ Programa de entrevista apresentado por Jacinto Figueira Júnior e exibido pela TV Globo de agosto de 1968 a março de 1969 e que explorava o chamado “mundo cão”. Abordava temas como violência urbana e levava ao ar ‘personagens’ como prostitutas, ladrões e homossexuais. (RIBEIRO e SACRAMENTO, 2010)

³¹ Vulgarmente conhecido por “Ratinho”, Carlos Massa fez grande sucesso como um animador de auditório que se proclamava porta-voz dos pobres. Tendo arrebatado audiência da Rede Globo no horário nobre, foi contratado pelo SBT em 1988 por um salário milionário conforme se especulou. (MIRA, 2010)

Com um público-consumidor no alvo, público que de algum modo é visto como mercadoria, as ações se dão em relação a ele. Mas quem é “ele” depois de 60 anos?

A crescente ‘individualização’ da assistência foi gerando a impossibilidade de resposta absoluta a essa questão. Ao invés de “um público”, o que se passou a ter que atingir foi a nichos de interesses e preferências. A formação de um público segmentado, assim, passou a demandar uma percepção menos genérica do conceito de telespectador e a criação de novas estratégias de busca de audiência que garantissem assim os investimentos publicitários. “Com o passar dos tempos as mensagens foram diferenciadas para alcançar audiências específicas.” (RIBEIRO, 2008, p. 05)

É importante que se destaque que alguma noção de segmentação do público sempre existira: a grade de programação há muito expressa disso. Grosso modo, sem maiores aprofundamentos teóricos, podemos aferir sobre a organização da programação televisiva em relação a esses nichos de audiência: pela manhã a prevalência de programas infantis ou voltados ao público feminino, à noite os telejornais... De todo modo, foi nessa complexa dinâmica que inevitavelmente se estabelece entre produção televisiva e telespectadores, envoltos pelos avanços das técnicas e tecnologias, que se viu o fenômeno da *multiplicação de canais* em função da definitiva *segmentação da audiência*. E foram os canais à cabo, como aponta Andrelo (2003), que consolidaram e ratificam este traço que caracteriza a televisão dos dias atuais:

A TV a cabo intensificou a segmentação por canais e não mais por horários. Quem gosta de desenhos animados pode assisti-los a qualquer hora do dia. O mesmo acontece com o público de filmes, telejornais, entre outros programas. Para Duarte (1996), as operadoras de cabo perceberam essa tendência dos telespectadores e passaram a conquistar uma porção significativa da audiência ao oferecer programas adaptados a nichos específicos de mercado. (ANDRELO, 2003, p. 88)

Em matéria sobre o tema da segmentação televisiva divulgada num site em abril de 2006³², Mara Mourão³³ diz acreditar que a segmentação é uma tendência irreversível, que só tende a se ampliar. Na época ela afirmou que: "As sociedades

³² A referida matéria encontra-se na íntegra acessando <<http://diversao.terra.com.br/gente/noticias/0,,O13546332-EI13419,00-Tendencia+de+segmentacao+na+TV+veio+para+ficar.html>>

³³ Mara Mourão é diretora e roteirista. Tem trabalhos realizados para o cinema e a televisão, como é o caso de *Avassaladoras*, filme que se transformou em seriado para a TV.

estão cada vez mais complexas. Não dá para classificar todo mundo da mesma maneira".

O público crescentemente encontra seu papel de sujeito frente à televisão e tendo isso em vista o que se pode focar são as possibilidades crescentes de atuação-assistência, estratégias que vieram conformando-se com o tempo e paralelamente ao desenvolvimento técnico dos aparatos.

O próprio advento do *Zapping*³⁴, citado acima, já nos coloca diante desse processo de autonomia do público, como Sarlo (2006) bem destaca:

O *zapping* suscita uma série de questões interessantes. Entre elas, evidentemente, a liberdade do espectador, exercida com a rapidez com que se percorreria um shopping center a bordo de um ônibus espacial atômico. [...] O *zapping* demonstra que a montagem caseira conhece uma única autoridade: o desejo à frente da mão que faz pulsar o controle remoto. (SARLO, 2006, p. 59)

Para além dos desejos que impulsionaram e impulsionam a realização da programação, os controles remotos explicitam a possibilidade de uma recepção ativa, que faz escolhas e as leva a cabo.

Nas palavras de Canclini (2008), já revelando aspectos de suas acepções de teórico contemporâneo e de certo modo dedicado à temática, o *zapping* seria "Procedimento para mudar de canal durante os anúncios, pouco útil para encontrar variedade de programas na televisão." (p. 90)

Muito mais do que acidez na crítica à programação televisiva, Canclini aponta também sua percepção da possibilidade de utilização dos controles por parte dos espectadores de televisão ao formular tal definição.

E pode-se afirmar que esse exercício de atividade do telespectador ganha respiros ainda maiores e mais diversos também nesses tempos de digitalização crescente: hoje já se tem a TV digital. Este, aliás, é o marco histórico mais recente da televisão brasileira.

Em meio ainda aos desafios enfrentados para popularização da nova tecnologia, chegamos ao final desta primeira década do século XXI com dois resultados efetivos da digitalização da TV: o acesso da população de maior poder aquisitivo a uma imagem de alta definição e um "aprendizado" sobre interatividade propiciado, tanto a produtores quanto a telespectadores, pela articulação de conteúdos da televisão com a internet. (FECHINE e FIGUEIRÓA, 2010, p. 282-283)

³⁴ Termo recorrente entre os teóricos que discutem as relações entre espectadores e televisão, e que se refere à forma de uso inaugurada pelo advento dos controles remotos de televisores.

Além de *zapear* pelos canais de acordo com sua vontade, é cada vez mais possível que o público “clique”, “baixe”, “reproduza”, enfim, que de certo modo defina a programação que deseja assistir na hora em que isso melhor lhe convier. Saímos do tempo das mídias eletrônicas e mergulhamos na era das mídias digitais.

O fenômeno da convergência das mídias, enfim, coloca-se como mais uma nuance do contexto atual: o programa de tevê de que gostamos de assistir pode ter seu conteúdo revisitado no seu próprio *site*, na internet; assim como podemos participar dele por meio de mensagens enviadas por *SMS* ou de vídeos caseiros que chegam às produções pelo computador. O computador está na televisão, assim como de certo modo a televisão está no computador: há sites que existem para hospedar vídeos criados e compartilhados e que, portanto, são acessados para que se assista a seu conteúdo.

Não é demais reiterar, contudo, que o acesso a toda essa modernização tecnológica ainda pode estar concentrado numa parte específica da população de nosso país. De todo modo, não posso deixar de entrever, mesmo identificando a demanda de um tempo grande nesses processos, a gradativa popularização dessas possibilidades também. A própria TV a cabo, que há pouco tempo era desfrutada por um grupo específico assim também, já vive época de um acesso bem mais ampliado. Brittos e Simões (2010) apontam dados bem específicos que reforçam minha afirmação:

Observando dados mais quantitativos, no país, o crescimento da TV paga ocorreu de modo mais acelerado a partir de 1993, quando o número de assinantes passou de 250 mil (0,8% de penetração) para, em 1994, 700 mil (2,3%) [...]

A partir de 2004 esse número aumentou de modo vertiginoso, dentro dos índices até então vigentes, tendo em 2008 a TV paga do país alcançado a quantidade de 6,3 milhões de residências [...] (p. 228)

Se com esses números já podemos constatar a ampliação da penetração desta “nova forma” de televisão, imagine se lembrarmos que esses dados referem-se a usuários oficialmente registrados, pessoas que contrataram e pagam o serviço diretamente à operadora que o oferece, mas que esta não é a única forma de recepção. Estou certa de que os números hoje são ainda maiores, pois sabemos que, para além destes, tantas outras pessoas têm acesso ao sinal das operadoras de canais fechados por outros meios, tais como através de aparelhos que decodificam tal sinal e o disponibilizam. Sabe-se que hoje, inclusive, a partir desta possibilidade, verdadeiras centrais clandestinas são montadas para a venda paralela

e não oficial de tal serviço. Infelizmente não dispondo de informações assim tão precisas para validar esta minha hipótese. Desconheço pesquisas que se dediquem a tal perspectiva, o que me parece lamentável, mas a partir do que tenho vivido, empiricamente inclusive, durante a vivência deste meu estudo considero de extrema importância apontar tal ocorrência que me parece mesmo significativa.

Assim, o que se viu e se vê nesses 60 anos de televisão no Brasil é uma história extensa e bastante dinâmica. Uma história que envolve muita gente. A história da televisão é muito a de seus fundadores e realizadores de ontem e hoje, mas não é só isso. É também de certo modo a história de quem a faz existir, de quem foi crucial para que o negócio prosperasse, é também a história de seus espectadores.

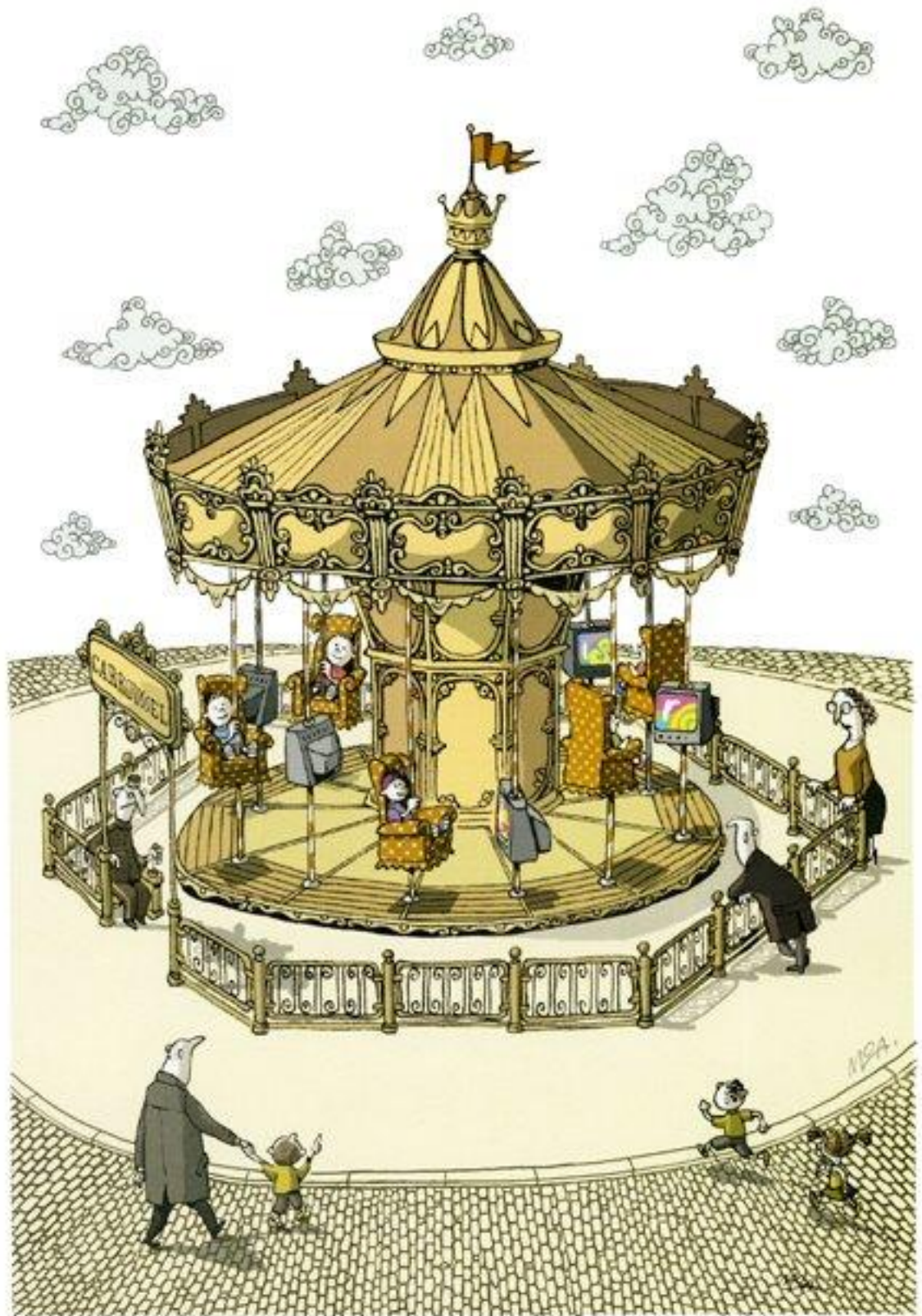
Espectadores, aliás, que levam a televisão muito a sério. Segundo pesquisa do Índice de Confiança na Justiça (ICJ Brasil), realizada em novembro de 2010 pela Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo (FGV-SP), a televisão aparece com 44% de confiabilidade da população³⁵. Este índice a deixa na frente de instituições como o Congresso, partidos políticos, Governo Federal e até da imprensa escrita.

Enfim, acreditando que o que todos esses dados referentes à relação do público com a televisão parecem reforçar é a significativa intenção de acesso das pessoas aos diversos conteúdos televisivos disponibilizados em suas mais diversas formas, deparo-me com a constatação de Fachine e Figueirôa (2010):

A despeito da importância da internet nos fenômenos de transmediação na indústria midiática internacional, não se pode pensar as novas formas culturais de entretenimento no contexto brasileiro sem reconhecer ainda o protagonismo da TV [...] (p.284)

E ao me deparar com este fato torno a trazer à tona perguntas – as interrogações me movem como bem demonstram os escritos até aqui –: como ignorar esse ainda protagonismo televisivo? Acreditando assim na potência ativo-reflexiva dos espectadores, o que significa viver com/no atravessamento dos conteúdos televisivos? No que se refere a meu objetivo específico de estudo, o que significa viver com/no atravessamento dos conteúdos televisivos como criança-telespectadora?

³⁵ Dados obtidos de acordo com reportagem do Estadão online. <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,igreja-e-a-2-em-lista-de-instituicoes-mais-confiaveis,641729,0.htm>



Carrossel, Moa

3 CRIANÇA E TV, TUDO A VER?

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês...

Chico Buarque

A partir do que se lê até aqui posso afirmar com tranquilidade minha percepção de que, de modo geral, a relação das pessoas com o audiovisual é significativamente frequente. Até porque tal percepção se constrói também a partir da análise que muitos já tecem há tempos sobre o tema. Tal fenômeno faz, por exemplo, com que teóricos venham se dedicando a pensar mais detidamente sobre esta relação, o que tem originado diversos trabalhos acadêmicos, tais como os de Martín-Barbero e Rey (2004)³⁶, que chegam a tratar da questão referindo-se a uma *hegemonia audiovisual*; ou de Silverstone (2005), que diz que “A mídia agora é parte da textura geral da experiência.” (p.14)

Inserido na percepção desta dinâmica, o segundo capítulo trouxe até aqui a destacada ideia de que as produções televisivas, mídia audiovisual por natureza, têm seus muitos espectadores garantidos. Pondera que apesar de a contemporaneidade apresentar novas formas e novos artefatos, a televisão ainda protagoniza presença junto ao público. Mas, para além da quantidade, quem é o público do qual estamos falando? Quem compõe essa quantidade, por tanto tempo ascendente, de pessoas ligadas à televisão e à sua programação? E, no contexto desta pesquisa, quem são as crianças nesse público?

Algumas caracterizações podem ser feitas ainda à luz dos dados estruturados no capítulo anterior: pessoas das mais diversas classes sociais, sem distinção de gênero ou faixa etária. Enfim, gente de modo geral: adultos, crianças, idosos; homens e mulheres/meninas e meninos... Ou seja, definitivamente um universo amplo e extenso de pessoas, que a princípio era visto como um bloco único, mas

³⁶ Um dos livros que embasa minhas reflexões é desses autores e se intitula “Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva”. Sua referência completa encontra-se nas referências ao final do trabalho.

que, como já foi dito, gradativamente passou a ser visto de modo menos genérico e, assim, também de certo modo menos massivo.

Não me parece ser demais ressaltar que, de fato, a percepção trazida neste trabalho é de uma perspectiva histórico-cultural. O entendimento que aqui se forja é o de que a história da tevê que foi contada até aqui se imbrica inevitavelmente na história da estrutura social de nosso povo. Sendo assim, tal contextualização é também parte da história das pessoas que compõem nosso país. Ou seja, ao falar da tevê penso que trago à tona as relações que se estabeleceram/estabelecem entre o aparato e as pessoas, trato também dos sujeitos que são seu público direta ou até indiretamente. Assim como Ribeiro, Sacramento e Roxo (2010) assinalam:

No nosso entender não é possível uma história que não seja elaborada para mostrar como os processos televisivos e sociais se constituem específica e mutuamente a ponto de não existir, senão de modo simplificada e convencionalmente, televisão e sociedade como campos distintos. (p.08)

Assim, a proposta desta etapa do trabalho é seguir nesta linha de percepção do enredamento das nuances, mas ressaltando o olhar para certo segmento deste ampliado e heterogêneo grupo de espectadores assíduos: as crianças.

Se com base na empiria do convívio com as crianças já as percebia como telespectadoras frequentes, depois de estudar sobre o assunto fui completamente envolvida pelos dados e por reflexões que vêm sendo construídos acerca desta relação. Dentro desse universo amplo e extenso de espectadores saltaram aos olhos da pesquisadora da infância que sou os dados mais específicos que estudiosos do tema, como Carlsson e Feilitzen (2002) ou Duarte (2008), apresentam e que se referem às crianças em relação à televisão: percentuais de audiência, horários de dedicação à TV etc. Elas compõem, efetivamente, uma parte significativa do montante de telespectadores brasileiros. E sempre figuraram deste modo, desde o início da história da televisão em nosso país.

Talvez por ter se estruturado por aqui sob o ideário de grande produtora de entretenimento, a televisão prontamente arrebanhou a atenção das crianças e, percebendo isso, os pais/adultos gradativamente passaram a ofertar tal recurso como estratégia de divertimento para os pequenos. A TV se tornaria o brinquedo, a companhia, a ferramenta de passa-tempo frequentemente utilizada. Estratégia crescentemente barata, por demais eficiente e certamente cômoda: não seria mais

preciso sair tanto de casa, o *carrossel* já estava lá! Stanislaw Ponte Preta³⁷ (s.d.), que se autodescreveu como “Jornalista, radialista, **televisista** (o termo ainda não existe, mas a atividade dizem que sim), teatrólogo ora em recesso, humorista, publicista e bancário.”³⁸ (**Grifos meus**), chegou a apelidar o meio de comunicação, conforme Braune e Rixa (2007) nos apontam:

A expressão “babá eletrônica” foi cunhada pelo escritor Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo de Sérgio Porto) em suas crônicas televisivas. Ele reconhecia o meio como uma distração hipnótica para a pirralhada, proporcionando aos pais e responsáveis algumas horas de paz e sossego. (p.238)

É claro que, para além da acidez das críticas, não podemos nos furtar de pensar um tanto mais apuradamente nas demandas dessa nova família, desses novos pais e mães que também se reconfiguram, a si e a seus papéis, ao mesmo tempo em que os aparatos e técnicas... Como venho insistentemente assinalando, nenhum movimento é isolado de outros vários: tantas vezes embaladas pelo desejo de viver o “*passado onírico*”³⁹ do *agora eu era o herói*, as crianças se enveredam pelo universo da programação televisiva, outras vezes por variados outros motivos; assim como os adultos à sua volta – pais, mães, avós, avôs, operários, donos de casa, empresários, desempregados etc. – concedem, propiciam ou convivem com este movimento por diversas razões.

Mas a despeito de quaisquer discussões, sejam pró ou contra o estreitamento da relação das crianças com o veículo, a questão é que a audiência infantil é fato. E se estruturou tão neste sentido que ela é assunto debatido por especialistas em Educação – que correntemente colocam-se em posição de indicar ou contraindicar hábitos e procedimentos em relação ao aparelho –, do mesmo modo que é foco de atenção daqueles que fazem a televisão desde os seus primórdios – sendo desde então pauta para a estruturação da programação das emissoras, como será visto.

Relacionar mais detalhadamente crianças e televisão, assim, parece ainda ser desafio relevante no mergulho de pesquisa sobre as infâncias contemporâneas e etapa fundamental para o desenvolvimento desta dissertação. Buscarei a seguir

³⁷ Stanislaw Ponte Preta foi pseudônimo usado por Sérgio Porto em muitos de seus escritos.

³⁸ Descrição registrada em seu “Auto-retrato do artista quando não tão jovem”, encontrado em http://www.releituras.com/spontepreta_bio.asp.

³⁹ Classificação sintática criada por Chico Buarque para a estrutura idiomática “*agora eu era*” correntemente percebida na fala infantil e que elegeu para abrir sua canção “João e Maria”. Que eu saiba não há registro escrito desta classificação feita pelo artista, apenas registro audiovisual, que pode ser encontrado no Vol. 9 da Série Retrospectiva da obra do autor e que se chama “Uma palavra”.

demarcar três etapas distintas na relação “crianças e TV”: o surgimento da televisão e a criação dessa relação; as produções da década de 80 do século XX, inseridas num contexto de transformações das produções culturais dirigidas às crianças; e, por fim, o contexto contemporâneo em que estamos inseridos, a pesquisadora e as crianças que compõem esta pesquisa.

3.1 Crianças e televisão: uma História de proximidade

A relação entre crianças e televisão pode ser aferida desde os primeiros anos desta mídia. É importante que se destaque que sigo privilegiando dados e análises em relação à TV brasileira e neste percurso, desde as informações históricas às quais venho tendo acesso, constato a proximidade destes campos. Proximidade que fala da infância não apenas como audiência, mas também como tal. Sim, porque crianças e televisão relacionam-se de modo bem mais complexo.

O primeiro aspecto que me chamou grande atenção ao me inteirar da história da televisão no Brasil, por exemplo, e que já me parece reforçar a afirmação que acabei de tecer, se refere à logomarca da TV Tupi.



Figura 12: Logomarca da TV Tupi (FANUCCHI, 1996, p. 85)

De fato a criança Índia criada por Mario Fanucchi fora idealizada e posta no ar, no ano seguinte⁴⁰ à implantação da rede de televisão, para substituir a imagem do ‘índio zangado’ que figurava nos intervalos entre um programa e outro – o que na época significava um tempo muitas vezes demasiadamente longo. Segundo relatos dos que viveram esse início de programação televisiva, a imagem do índio adulto começou a gerar uma associação desagradável entre a logomarca e o sentimento aborrecido do público na espera da programação. Segundo palavras de Fanucchi (1996):

O desenho do índio adulto ficava tanto tempo no ar que era inevitável o telespectador associar essa figura ao atraso dos programas. O desgaste do bravo guerreiro chegou ao auge quando o público passou a usar a expressão ‘mais chato do que o índio da tevê’ para qualificar qualquer coisa extremamente aborrecida ou irritante. (p. 75)

Como não poderia deixar de ser, tudo o que não se desejava era que a logo, símbolo do canal, relacionasse tais impressões à subjetividade do público, então mudanças de diversas ordens prontamente foram buscadas. Dentre elas, a alteração da marca veio com a intenção de transformar isso tudo. Deste movimento, enfim, nasceu o “Tupiniquim” de cocar de antenas, um “[...] indiozinho [que] sorria com ar brejeiro – bem ao estilo dos personagens de Walt Disney, que influenciavam fortemente os tipos criados pelos desenhistas de então.” (FANUCCHI, 1996, p. 77)! E segundo o autor do personagem, sua aceitação pela direção da emissora foi tão imediata que na noite do mesmo dia em que apresentara o desenho para aprovação este fora ao ar pela primeira vez. Um personagem infantil, uma criança, passava assim a representar uma importante emissora de televisão.

Está claro que tal mobilização dos realizadores referia-se à sua preocupação em relação à audiência do canal, ao desejo de agir contra a construção de um ideário negativo em relação à programação que ofereciam então. Mas ainda num período em que o público era pensado como um só, como um número inteiro sem olhares específicos para sua composição. Ou seja, havia preocupação com o público de maneira geral e recorreu-se a uma figura infantil entendendo-a como boa estratégia... Por quê?

⁴⁰ Depois de procurar em diversas fontes a data de lançamento da nova logomarca da TV Tupi – não há tal registro nem no livro de Fanucchi –, encontrei referência ao ano de 1951 em certo site, sem referência de autoria ao texto publicado. Acreditando pelo que havia lido até então na probabilidade do dado, trabalho com ele. Para ter acesso ao texto completo <http://www.telehistoria.com.br/noticias/imprimir.asp?id=3780>.

Para além do fato narrado, são as palavras de Fanucchi (1996) que nos revelam pistas de qual ideário poderia estar compondo, subliminarmente, a opção do canal:

Nem foi preciso utilizar os argumentos que eu havia preparado para defender a idéia, como, por exemplo, a hipótese de que, por se tratar de uma criança, o indiozinho despertaria a tolerância dos telespectadores irritados com os longos intervalos; ou a provável empatia entre o indiozinho e as crianças, capaz de neutralizar a rejeição dos pais pelo índio adulto. (p. 78)

Não só como espectadoras as crianças já eram pensadas nestes primeiros tempos de televisão nacional: por se ter certas percepções das crianças, concepções de infância construídas sócio-historicamente, acreditava-se que sua imagem arrefeceria a impaciência dos telespectadores. Mas também como assistentes da programação televisiva, e por se perceber a assistência de TV nesses primeiros anos como um hábito familiar, se via nas crianças a possibilidade de identificação com a logomarca que conseqüentemente viria a arrebanhar toda sua família. Esse parecia ser um artifício muito eficiente para o canal. E foi.

Perspectivas, aliás, que certamente não eram fomentadas apenas pelos idealizadores desta emissora, já que a Excelsior, canal nascido anos mais tarde, também escolheria crianças para representar sua marca.

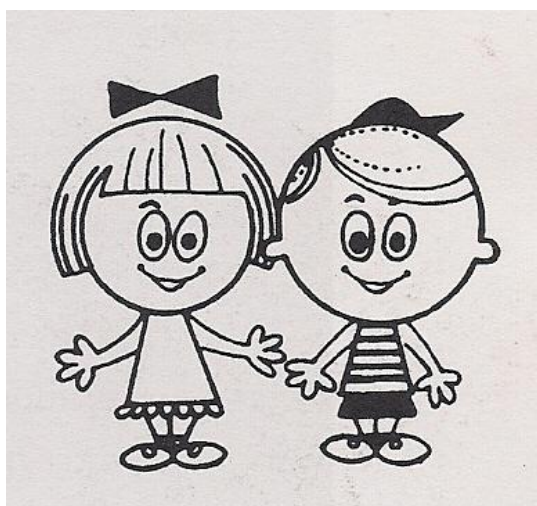


Figura 13: logomarca da TV Excelsior⁴¹ (DANIEL FILHO, 2001, p. 31)

⁴¹ Ritinha e Paulinho foram criados por Edson Leite. <http://beredictth.forumeiros.com/t617-conheca-a-tv-excelsior>

Realmente não sei ao certo se na época os realizadores de televisão no Brasil tinham dimensão do relevante nicho de audiência que as crianças representavam já, mas pesquisando mais sobre o assunto percebi que desde o início dos tempos da tevê a audiência infantil era bastante significativa e fiel. Fanucchi (1996) publicou trecho de uma carta enviada ao Canal 3 em julho de 1951 que reforça esta ideia:

Desde que compramos uma televisão, não sabemos mais o que fazer para as crianças irem pra cama no horário a que estavam acostumadas. Se a gente deixa, elas ficam grudadas na televisão até o último programa. Vocês não têm alguma idéia para ajudar os pais desesperados? (p.151)

O que aparece mais claramente, enfim, é o entendimento de que famílias assistiam unidas à TV, e parece ser com as famílias de modo geral que as emissoras procuram se comunicar nesse período. Segundo consta, aliás, os pedidos neste sentido de “ajudar aos pais” foram tantos que de fato a emissora empenhara-se em criar alguma estratégia que suprisse tal demanda. Nessa busca, nasceu um jingle – que se tornaria tão famoso que mais tarde até seria utilizado numa campanha publicitária de cobertores⁴² – visando tal ‘socorro’:

No vídeo, surgiu a imagem do ‘Tupiniquim’ deitadinho na rede, no interior da oca. Seu cocar, que era uma antena de televisor, aparecia dependurado num dos postes de sustentação, e pela janelinha via-se a lua num céu estrelado. A letra da canção de ninar dizia:
Já é hora de dormir... / Não espere mamãe mandar. / Um bom sono pra você
E um alegre despertar! (FANUCCHI, 1996, p. 156)



Figura 14: Imagem que aparecia sincronizada ao jingle (FANUCCHI, 1996, p. 162)

⁴² Segundo Fanucchi (1996), a TV Tupi teria cedido os direitos da música para uma campanha multimídia dos Cobertores Parahyba. O anunciante mantivera a canção e substituíra a imagem do Tupiniquim pela de um menino de pijama e gorro, segurando um castiçal. A música caiu tanto no gosto do público que a empresa chegou a mandar gravar um disco de sete polegadas para ser distribuído como brinde dos Cobertores.

Foi através deste jingle, e também de tantas outras chamadas, que crescentemente a emissora criou estratégias que relacionassem o indiozinho – já objeto de significativa popularidade – com as crianças, mas nestes tempos sempre tendo o restante da família também como interlocutor nessa comunicação.



Figura 15: Exemplo de chamada do Canal 3 – esta anunciando programa dedicado às crianças (FANUCCHI, 1996, p. 162)

É mais uma vez a complexidade caleidoscópica que os diferentes lugares de visada das relações forjam que ganha relevo aqui: com o passar dos anos não é só a televisão que muda – enquanto aparato tecnológico que avança –, mas percepções do mundo e das pessoas que o compõem mudam junto, como já pontuei neste trabalho. Assim, pensando na criança como elemento da família que constituía a audiência da televisão nacional nas primeiras décadas de existência do aparato no país os realizadores atuavam de um jeito; com o passar do tempo e também com as transformações sociais – das noções de família e infância, por exemplo – as estratégias se modificam.

Se dermos um salto para pensar na década de 80, nos deparamos com significativos traços dessa modificação: período em que o público já está caracterizado como consumidor e, portanto, interessada na manutenção da garantia de aquisição de seus produtos, a linguagem televisiva é desenvolvida para este fim. A estruturação das grades de programação, como Ribeiro e Sacramento (2010) destacam ao falar da Globo, aponta para as novas estratégias que vinham se organizando:

[as grades de programação] Seguiam os princípios de horizontalidade e de verticalidade: o primeiro consistia na reserva de horário para determinados programas ao longo da semana, e o outro dizia respeito à organização diária em diferentes faixas de horário: **de manhã, programação infantil**; à tarde, programas femininos; e, à noite, telejornal e telenovelas. (p. 112 **Grifos meus**)

Precursora do que viria a ser enfim a segmentação dos públicos em si, a estruturação das grades de programação começava a dar visibilidade à diversidade de públicos que compunha/compõe a audiência televisiva e desde a primeira organização neste sentido a programação infantil fora pensada e contemplada.

3.2 O infantil na TV segmentada

Agora é hora de alegria
Vamos sorrir e cantar
Do mundo não se leva nada
Vamos sorrir e cantar!
Lá, lá, lá, lá, lá lá lá lá...
(autor desconhecido)

Desde esse tempo em que a percepção dos públicos se consolidou numa perspectiva menos genérica e massiva, passa-se explicitamente a constatar a existência de um nicho infantil, caracteriza-se a criança como audiência televisiva.

E como esse tempo conflui-se com o desenho contemporâneo dessas relações, não consigo a partir daqui furtar-me de trazer reflexões de modo que não seja alteritário. O que quero dizer é que, tendo estado em campo, conversando com as crianças sobre essa temática, tenho muito a dizer dela a partir também do que os meninos e meninas com os quais conversei me disseram. E segundo Bakhtin (2006):

O texto só tem vida contando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo [...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas. (p. 401)

Tendo sido, então, no contato com as crianças que muito do que aqui se forja se estruturou, a partir deste ponto do trabalho suas falas também serão colocadas. O entendimento é o de que suas enunciações precisam ser apontadas para que se componha o diálogo sobre as mais variadas nuances que a temática abarca.

Dados mais recentes que nos são trazidos por Duarte (2008) apontam a irrefutável percepção de que a relação das crianças com a mídia televisiva é intensa no mundo contemporâneo. Dados que me parecem reiterar a importância de se trilhar reflexões sobre o tema especialmente voltando-o à relação com as crianças, tais como os que indicam que:

As crianças compõem o segmento mais significativo de espectadores de televisão [...] São, portanto, os membros mais jovens de nossa sociedade que se relacionam de modo mais intenso e extenso com a produção audiovisual [...]” (p.17-18)

E foi logo no primeiro encontro com um dos grupos que Bruna expressou sua vivência e percepção dessa intensidade de relação ao intrigar-se com a fala de Milena...

De fato estávamos no início da oficina e eu expunha minha proposta de jogo, uma “Adedanha Televisiva”, sondando o quanto a atividade era conhecida por eles. Para demonstrar sua total familiaridade com a proposta, Milena inicia o diálogo:

Milena – Renata, eu tenho outra casa, né?! Aí quando a gente tá lá na outra casa e não tem nada pra fazer, se chove ou coisa assim e a gente não pode sair, a gente fica brincando disso. É muito legal!

Bruna – Você não vê televisão?

Milena dá uma breve pausa e conclui – Quando falta luz!

Pesquisadora – É, mas às vezes a gente cansa de ver televisão, né?! Vocês cansam de ver televisão alguma hora?

Bruna – Eu não! Eu fico lá o dia todo e acho super legal!

Pesquisadora – Bruna, você acha que consegue ficar quanto tempo vendo tevê?

Bruna – Ah... muito tempo! Umas 20 horas, eu acho!

Para além do que talvez seja um exagero de quem intenta se mostrar como parte pertinente de um grupo participando de uma pesquisa sobre televisão, é a

primeira interrogação de Bruna que me chama à atenção. Parece-me revelar de fato sua própria relação com o veículo. Na verdade falávamos do jogo naquele momento e para aquela situação narrada por Milena a melhor opção de atividade para Bruna não seria exatamente a adedanha.

Foi de olho neste percurso e nessa tendência que se criou o ideário do programa infantil, da realização de ‘produtos televisivos’ pensados para as crianças. Formato ainda vigente e perceptível nos diferentes canais ‘abertos’, mas que crescentemente vem perdendo espaço para o que talvez possamos chamar de “evolução” desta estratégia: a criação de canais inteiramente voltados para as crianças, inaugurada pelo advento da TV a cabo. A partir da ideia de que as crianças são parte do público assíduo da televisão brasileira, não só se passou a buscar a fidelização do público infantil, como se ampliavam – e se ampliam hoje – as estratégias de atração para a manutenção desta fidelização. Para além da inclusão de programação pensada para elas na estruturação das grades, o que se viu na consolidação da segmentação com o advento da multiplicação dos canais com seu surgimento por assinatura, foi o aparecimento de um grande número de emissoras voltadas para as crianças. A TV aberta manteve sua organização por faixas de horários, mas os canais a cabo passaram a ‘roubar a cena’. De acordo com Fuenzalida (2005), há um:

[...] crescente deslocamento da audiência infantil da TV aberta para os canais a cabo; dos programas para crianças aos canais exclusivos para elas. Já existem certos dias da semana em que a audiência da TV a cabo supera a da TV aberta, pelo peso da audiência infantil.

De fato o encontro com as crianças trouxe clara essa preferência pelos canais fechados e em especial, aliás, por alguns deles. Dentre os grupos com os quais atuei posso dizer que havia uma heterogeneidade significativa, inclusive de classes sociais, e todos citaram os programas da TV a cabo como “os melhores”. E, mais, os três grupos citaram, direta ou indiretamente, os mesmos dois canais como sendo os de melhor programação. Em um dos grupos, quando contavam para mim do programa que apontavam como o favorito, essa percepção foi expressa com todas as letras...

Pesquisadora – E passa onde na televisão esse programa?

Coro – Na Nick.

Milena – Você tem qual?

Pesquisadora – Hã?

Milena – Net ou sky?

Pesquisadora - Net

Milena – Net, então é 44.

Pesquisadora – Os programas mais legais passam na Nick, ou tem programas legais que passam em outros canais?

Milena – Na Nick e no 67, que é a Disney.

Além de citar, nominalmente, os tais canais preferidos, a pergunta de Milena me parece reiterar essa intensidade e naturalidade de contato com os canais pagos de modo mais geral: ela não me perguntou **se** eu tinha acesso a alguma TV a cabo, sem titubeio algum ela perguntou **a** qual eu tinha acesso.

E não podemos esquecer que a inserção desses canais se dá em função de novas concepções de recepção, de novos entendimentos acerca da audiência. Assim, de modo geral, tem implicado num movimento de reformulação de ações também por parte dos canais abertos, na briga pela atenção dos meninos e meninas.

Durante muito tempo, o formato genérico da programação televisiva apresentava:

Um padrão repetido e geral na produção da mídia como um todo (portanto, não de modo especial nos programas, livros infantis etc.) é que as crianças são consistentemente sub-representadas. Quanto menores, mais invisíveis são. As crianças não só são raramente vistas, como também suas vozes raramente são ouvidas. Ademais, os adultos na mídia dificilmente falam com as crianças. (FEILITZEN, 2002, p.22)⁴³

Ao se pensar mais detidamente nos programas realizados para o público infantil, em distintas épocas, penso não haver muita dificuldade em localizarmos uma preponderância deste tipo de formato, numa profusão de atrações que traziam adultos coordenando propostas e ‘animando’ o auditório infantil que comumente ficava atrás deles. Talvez o precursor desse formato tenha sido o “Domingo no

⁴³ Penso ser importante ressaltar que a autora escreveu o texto de onde este fragmento foi extraído como Coordenadora Científica da Câmara Internacional da UNESCO para Crianças e Violência na Tela, logo, a partir de uma visão mundial da questão. De todo modo me parece adequado pensar nesta conceituação especificamente em relação à tevê brasileira.

Parque”⁴⁴, programa que ao longo de sua existência organizou-se de diferentes modos, mas que ficou no ar tentando a atenção infanto-juvenil – com a proposta de fazer “*sorrir e cantar*” – por 18 anos. Contudo, me parece ter sido o “Clube da Criança”, protagonizado por Xuxa Meneghel – que se tornaria a “rainha dos baixinhos”⁴⁵ –, o marco do formato no segmento: no auge dos anos 80, arrebatou o público infantil e abre caminho para inúmeras outras atrações que nessa linha, ou melhor, a partir dela, podem ser lembradas tanto nacional como regionalmente⁴⁶.

É claro que não considero que todos os produtos de televisão pensados para as crianças ao longo desses 60 anos de história se resumam a esta estrutura, mas sem dúvida corrobora-se aqui a percepção de uma tendência marcada por esta estrutura, sobretudo a partir dos anos 80.

Não é demais destacar que é a partir desse período também que se pode localizar a percepção das crianças brasileiras como consumidoras e quando, por isso mesmo, os meninos e meninas passam a ser vistos e ‘tratados’ como ‘clientes’, como ‘compradores’ em potencial. Nessa direção, a televisão prontamente organiza suas estratégias e cria recursos, visando mais essa potencialidade mercadológica no segmento. É a partir desse movimento, assim, que o *merchandising* amplia sua inserção: dos comerciais, para dentro dos programas infantis; e que os “famosos” passam a assinar brinquedos, roupas, jogos, materiais escolares etc.

Sarlo (2006) já aferira a destreza desta articulação da mídia ao apontar que:

Em algumas horas do dia ou da noite, milhões de pessoas estão vendo televisão na mesma cidade ou no mesmo país. Isso gera algo mais do que pontos de audiência a mais. Gera, sem dúvida, um sistema retórico cujas figuras passam para o discurso cotidiano: se a televisão fala como nós, nós também falamos como a televisão. Na cultura cotidiana de consumo mais fugaz, as piadas, as maneiras de dizer, as personagens da televisão fazem parte de uma caixa de ferramentas cujo domínio assegura um pertencimento [...] (p.80)

⁴⁴ Programa de auditório infantil que trazia Silvio Santos como apresentador. Foi ao ar pela primeira vez na TV Tupi em 1968. Com o fechamento da emissora, passou a ser exibido pela Record e logo em seguida transferiu-se para a então TVS, onde foi apresentado até 1986. <http://www.infantv.com.br/domingo.htm>

⁴⁵ O programa foi idealizado e realizado pela extinta TV Manchete. Foi ao ar pela primeira vez em 06 de junho de 1983 e lançou a então modelo ao estrelato. Ficou no ar até 1997, embora com mudanças de apresentadoras ao longo deste período. <http://www.infantv.com.br/clubecrianca.htm>

⁴⁶ Nenhuma que garantiria tanta expressão quanto a que Xuxa arrebanhou para o seu “Clube” e que encaminhou para o “Xou da Xuxa” com sua mudança para a Globo. Mas programas que intentaram repetir o fenômeno ou ao menos garantir ‘as sobras’ deste. Nomes atualmente na mídia nacional (não mais necessariamente ligados aos produtos infantis, como Angélica e Eliana) surgiram neste filão. Regionalmente, posso citar como exemplo o “Clubinho” apresentado pela ‘Tia Dulce’ e que foi ao ar pela TV Alterosa de Minas Gerais na década de 80 e é considerado pelos mineiros que o assistiram também como fenômeno de audiência. <http://matheusduarte.com/blog/2011/01/o-clubinho-da-tia-dulce/>

E me parece que na sede de busca por esse pertencimento, para assegurá-lo, a entrada da mídia foi se ampliando, consolidando espaço de interlocução também na relação social das crianças. Assim, a posse de objetos com as personagens preferidas passa a ser elemento de destaque e os diálogos entre os meninos e meninas e seus interesses vão revelando crescentemente o encanto pelo universo da televisão e dos bens de consumo que ela apresenta.

Os objetos de consumo vão demarcar crescentes escalas que definem o consumidor com relação ao 'prazer' e ao prestígio de que podem gozar [...] A posse dos objetos, a marca desses objetos, passa a ser critério de construção de relações sociais, passa a ser uma forma de identidade. (PEREIRA et alii, 2000, p. 103)

Ao mesmo tempo, a partir dessa ampliação da exposição dos protagonistas – da TV para as capas de cadernos, estampas de camisetas e muito mais –, a televisão deixa de ser o único lugar a partir do qual a criança tem a possibilidade de acessar sua programação: o que ela vê na TV é complementado nos brinquedos, ou a partir do contato com os brinquedos ela é convidada à TV. Movimento que só se intensificou nesse momento de convergência de mídias em que vivemos, como as próprias crianças aferem:

No encontro em que assistiríamos às cenas de Rafaela na novela, comecei a oficina por uma conversa sobre a personagem, sondando seu conhecimento sobre seu papel no enredo da novela. Nessa situação, surge a questão:

Pesquisadora – O que vocês sabem e o que vocês acham do que sabem sobre a Rafaela?

Giovanna – Eu sei que ela é muito boa artista!

Pesquisadora – É?! Por quê?

Giovanna – Por que ela é bonita, tem a voz bonita...

Ana Carolina – E ela é muito esperta...

Bruna – Ela é boa atriz: ela faz cena brigando com a mãe dela e a gente acredita que ela está brigando mesmo! Ela fica séria e tudo...

Pesquisadora – E vocês só ouviram falar na Rafaela desde que a novela está passando na televisão ou vocês ouviram falar dessa personagem antes?

Isabella – Eu não sei, não via a novela...

Pesquisadora – Ah... e só consegue conversar da novela e da personagem quem via a novela? Você não sabe nem quem era a Rafaela?

Isabella – Não, eu sei...

Ana Carolina – Um monte de revista fala, outros programas da televisão falam...

Isabella – É verdade...

E foi assim mesmo, apesar de anunciar-se como alguém que não assistira à novela, que Isabella participou da discussão demonstrando certo conhecimento da personagem e de seus dramas – tanto os fictícios quanto e os que foram gerados na vida real com a polêmica da criança-vilã.

O fato é que, como tenho insistentemente ressaltado, a dinâmica midiática é intensa, assim como o é a de todo o entorno desse aparato. Desde os anos 80 para cá, transformações técnicas, sociais e culturais ocorreram e a televisão e sua programação para as crianças veio se modificando também. Contemporaneamente, inclusive, uma revisão da estrutura, digamos, clássica da programação infantil se deu. A partir de então tendo a compartilhar da percepção de vários teóricos, como Fuenzalida (2005), que apontam uma transformação significativa deste contexto de programação. Aqueles que têm estudado especificamente sobre os produtos de televisão na contemporaneidade vêm sinalizando para o fato de que são as produções que têm aberto mão desse modelo ‘tradicional’ de programa infantil – superando o formato ‘importado’ da lógica escolar, aliás, do adulto (“tio” ou “tia”) que comanda o programa – que de fato têm figurado como mais populares entre as crianças na atualidade (FUENZALIDA, 2005).

Penso inclusive ser pertinente destacar aqui o fato de que hoje se tem a informação de que as crianças são espectadoras assíduas de conteúdos que não necessariamente foram pensados para elas. Mais uma vez Duarte (2008) contribui com dados mais específicos:

[...] estimativas realizadas pelo IBOPE sugerem que espectadores de 8 a 14 anos representam o maior percentual do público das telenovelas, incluindo as exibidas no horário nobre, em geral classificadas como inadequadas para essa faixa de idade [...] (p. 17)

Crescentemente, enfim, nota-se que para além do que se diz ou se pensa em relação a esta mídia, as crianças têm feito seu uso dela, com escolhas que demonstram certa autonomia e revelam seus interesses. Deste modo, na revisão

das percepções que se tem das crianças, se tem seguido na superação dessas estruturas tradicionais que por algum tempo se entendeu serem a base da programação infantil.

E o que aparece no cerne dessas transformações não é apenas a produção de um ou outro programa que rompe com o modelo, mas toda uma nova gama de perspectivas e modalidades que surge com o advento da multiplicidade de canais. O que passa a ser o diferencial em busca do público infantil não é a existência de um programa na grade da rede X, mas sim a estruturação de canais voltados integralmente para as crianças: Discovery Kids, Nickelodeon, Cartoon Network, Disney Channel... Exatamente os canais que aparecem recorrentemente nos diálogos com os meninos e meninas sobre a televisão.

E o advento desses canais aponta para uma outra nuance que me parece imperdível de ser observada e que Giovanna me ajudou a perceber quando checávamos as respostas da Adedanha na segunda oficina com seu grupo:

Pesquisadora – Programa da televisão com P...

Giovanna – Olha, eu coloquei esse nome porque meu irmão vê Discovery Kids...

Ana Júlia – Eu também vejo...

Giovanna – ... Peixonauta!

Pesquisadora – Peixonauta é um desenho?

Crianças – É!

Pesquisadora – Mas porque você disse que seu irmão é que vê?

Giovanna – Porque eu não vejo mais há muito tempo...

Pesquisadora – Por quê?

Giovanna – Porque esse canal é pra criancinha... não gosto mais.

Pesquisadora – Ah, não é o Peixonauta só que é pra criança pequenininha, o Discovery Kids todo é que é?

Giovanna – É.

Ana Júlia – Depende... Porque eu vejo...

Giovanna – Só você ainda vê...

O que Giovanna me aponta com seu discurso é que do mesmo modo que se percebeu que o público em geral não é todo igual, esses canais já chegam demonstrando estar atentos à ideia de que as crianças são muitas e diversas; que

não se trata de uma massa que se percebe de forma genérica, mas sim heterogênea, em suas idades, interesses e desejos.

E é mesmo no contexto da variedade de possibilidades de percepção do mundo e das opções a se fazer em relação a elas, que Ana Júlia e Giovanna discordam. De todo modo, muitas das crianças na sala naquele momento corroboraram a opinião de Giovanna e disseram não assistir a esse canal em função do entendimento de que sua programação privilegia a atenção aos ‘pequeninhos’, que não são eles!

E numa breve investigação acerca dos citados canais, deparei-me com seus sites, cujas páginas iniciais já nos dão subsídios para reiterar essas percepções:

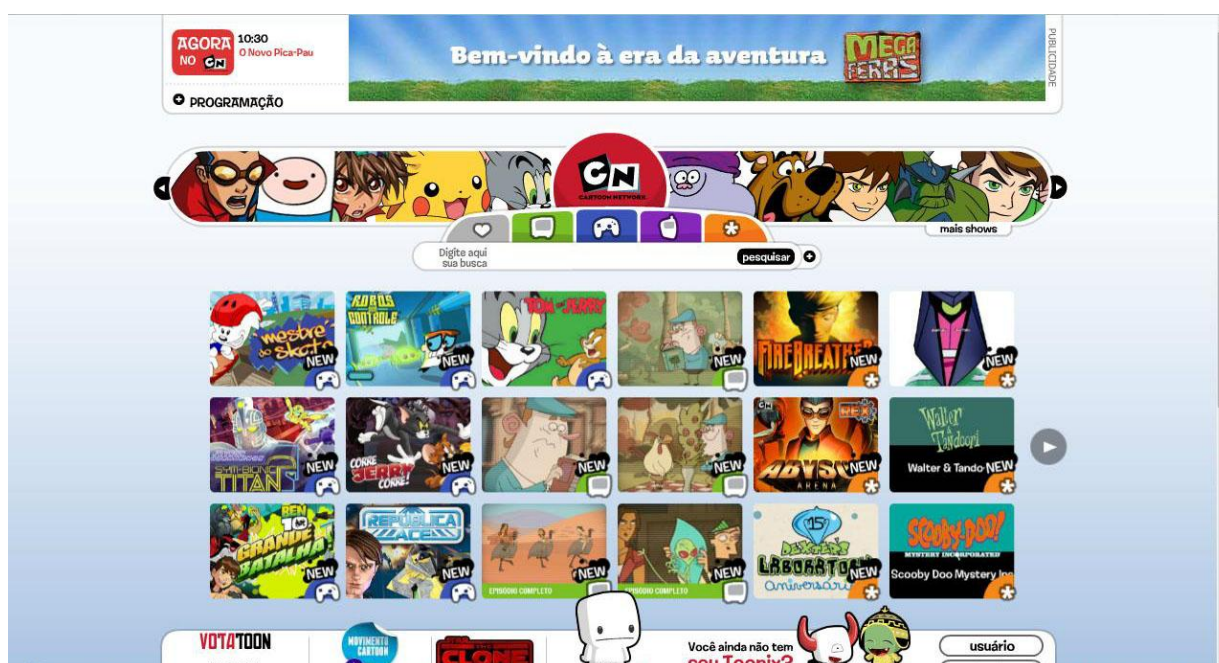


Figura 16: Imagem da página inicial do site do Cartoon Network, <http://www.cartoonnetwork.com.br/#/home>

Sem pretender uma análise detalhada desses sites, o que por si já me parece ser temática robusta o suficiente para a realização de uma outra pesquisa, a proposta aqui, desde esse primeiro exemplo, é de observação dessa ‘superfície’ das páginas. Penso que a escolha das imagens que compõem o *layout* das mesmas já revela intenções dos canais no que se refere ao nicho infantil que pretendem atingir, não?!



Figura 17: Imagem da página inicial⁴⁷ do site do Discovery Kids, <http://www.discoverykidsbrasil.com/>



Figura 18: Imagem da página inicial do site do Disney Channel, <http://home.disney.com.br/tv/>

⁴⁷ Única das imagens que foi editada por mim visto que o conteúdo da página inicial deste site é bem extenso. Privilegiei seu cabeçalho e rodapé, excluindo a visualização do meio da página.

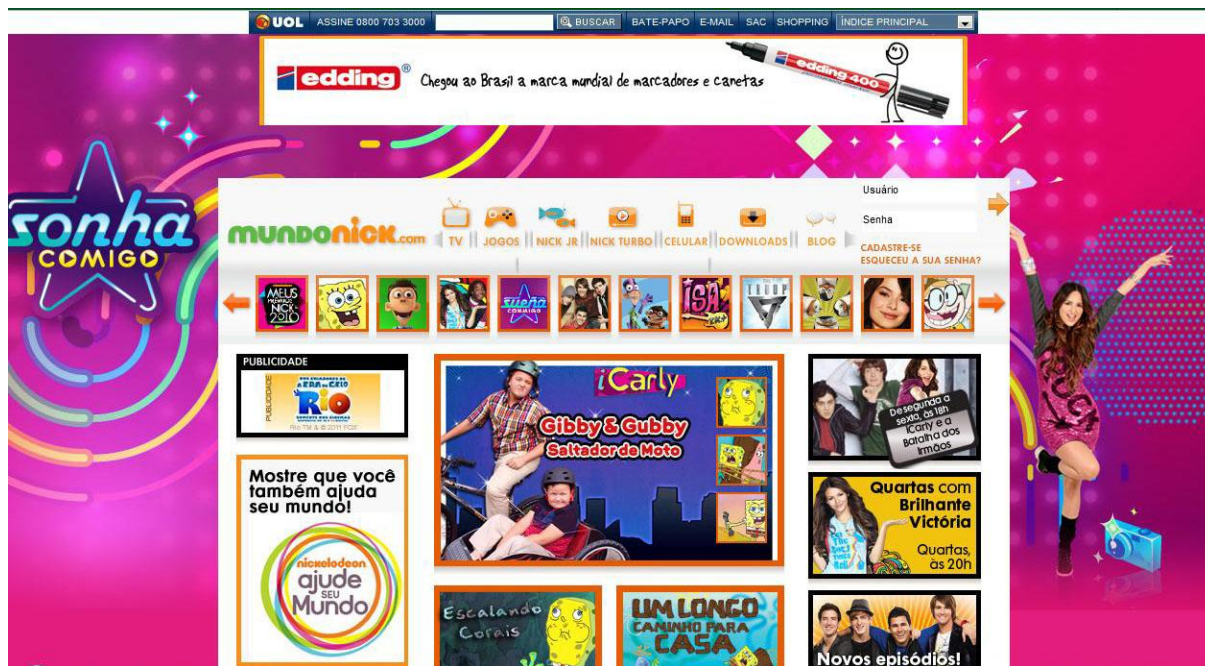


Figura 19: Imagem da página inicial do site do Nickelodeon, http://mundonick.uol.com.br/index.ihtml?_requestid=18720

Aliás, é isso mesmo: todos esses canais têm página na internet. Assim como a TV aberta já fazia (e segue fazendo!) com seus produtos, todos investem na veiculação de suas produções e de seus astros – direta ou indiretamente – nos mais diversos meios. É, nesse caso, a TV convidando ao computador e o computador convidando à TV.

Compondo ainda mais o cenário da televisão contemporânea, o que me parece que se acompanha nesse percurso é à consequente ascendência do protagonismo infantil na televisão, não só na perspectiva da assistência, mas crescentemente na perspectiva da atuação. Assunto que me parece demandar um subitem só para ele.

3.2.1 As crianças na televisão

As crianças fazem parte da sociedade e sendo a televisão, e sua programação, produto desta sociedade não é de se espantar que as vejamos representadas em seus produtos. Assim como não é de se espantar que os modos e inserções desses sujeitos na programação venham se modificando ao longo dos

anos. Como se constatou, praticamente desde o nascimento da TV há criança na televisão. Atuação que se viu de modo mais representativo no início, como se deu ainda timidamente através das citadas logomarcas das emissoras, e que foi ganhando espaço e novas modalidades.

Mesmo inserida na programação, digamos, “clássica” para crianças, podemos perceber mudanças significativas na representação das infâncias nas telas. Se pensarmos nos desenhos animados⁴⁸, por exemplo, rapidamente podemos intentar iluminar algumas nuances. Judy e Elroy eram os filhos da família em “Os Jetsons”⁴⁹ e, como tal, tinham suas demandas, seu padrão de atividades – ir para a escola, eventualmente a uma festa etc.



Figura 20: Imagem de cena da animação “Os Jetsons” em que a família está reunida
Disponível em <portaldad.blogspot.com>

Desta mesma época, poderia citar também Bambam e Pedrita⁵⁰. Personagens, enfim, que compunham os desenhos na relação com a trama principal.

⁴⁸ Adriana Hoffmann Fernandes tem interessante trabalho acerca dos desenhos animados em sua Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 2003, e intitulada “As mediações na produção de sentidos das crianças sobre os desenhos animados”.

⁴⁹ Desenho animado produzido por Hanna-Barbera entre 1962 e 1963. Foi exibido no Brasil pela TV Excelsior e depois, já na década de 80 pelo BBT. http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jetsons

⁵⁰ Filhos de Barney e Fred Flintstone, respectivamente, compunham a família do desenho que levava seu sobrenome como título: “Os Flintstones”. Produção também de Hanna-Barbera, entre 1960 e 1966. http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Flintstones



Figura 21: Imagem de cena da animação “Os Flintstones” em que a família também está reunida
Disponível em <noticiasepress2010.blogspot.com>

Se avançarmos um tanto no tempo, então, a partir da década de 80 principalmente, o que passamos a encontrar são animações que crescentemente trazem os personagens infanto-juvenis mais para o centro da trama, tais como “O fantástico Mundo de Bobby”⁵¹ – em que o menino é o narrador-protagonista das cenas que se dão em função das questões que lhe acontecem, ficando a seus pais o papel de coadjuvantes –, “Meninas Super-Poderosas”⁵² ou “Três Espiãs Demais”⁵³ – ambos desenhos representando crianças com poderes especiais e protagonizando heroicamente a salvação de alguma situação inadequada.



Figura 22: Imagens das três animações, respectivamente citadas, em que os protagonistas aparecem sozinhos, situação comum nas cenas. Disponíveis em <desenhosantigosecia.com>, <querocolorir.com.br/imagem/meninas-super-poderosas_193> e <grazilandia-grazi.blogspot.com>

⁵¹ Desenho criado por Howie Mandel e exibido pela Fox, que tem como personagem principal Bobby, um menino de 4 anos. No Brasil, ficou no ar em programas infantis entre 1991 e 2000.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Bobby's_World e <http://www.infantv.com.br/bobby.htm>

⁵² A criação de Craig McCracken, produzida inicialmente por Hanna-Barbera, em 1998, é protagonizada por três irmãs que nascem com super-poderes por causa de um acidente químico num experimento de seu pai adotivo.
http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Powerpuff_Girls

⁵³ Trazendo um universo mais adolescente para os desenhos animados, a produção francesa de Vincent Chalvon-Demersay e David Michel, tem três típicas meninas de Beverly Hills como espiãs e personagens principais. http://pt.wikipedia.org/wiki/Totally_Spies!

Destacando as animações apenas como recurso de observação do que intento problematizar, penso poder dizer que neste percurso o que me parece que se acompanha é o que chamei de ascendência do protagonismo infantil na TV.

Contemporaneamente, o infantil tem ganho novos contornos e nesse processo as crianças têm se inserido preponderantemente de maneira mais centralizada, representativa ou diretamente: meninos e meninas passam a realizar atividades na televisão, seja apresentando programas, protagonizando comerciais ou atuando em novelas.

Inclusive no percurso de superação do formato tradicional de programa infantil, já apontado neste capítulo, de uns anos para cá é incontestável o aparecimento de verdadeiros fenômenos de audiência protagonizados por crianças e adolescentes ou até quase que inteiramente compostos por eles. Quem não conhece, nunca viu ou ouviu falar na já citada Maísa? Quem não acompanhou as aparições de Rafaela na novela ou ao menos não teve notícias da repercussão que tal personagem chegou a causar, antes mesmo de a novela entrar no ar, em função das supostas “maldades” que sua personagem faria? Neste segundo caso, mesmo também já tendo sido citado, penso que vale o destaque de tratar-se de novela que passou no dito ‘horário nobre’ da rede de televisão de maior audiência do país!

Isso sem destacar as produções dos canais a cabo voltados ao público infantil e que têm, como já expus, sido a escolha mais assídua de nossos meninos e meninas na atualidade. Que pessoa jamais ouviu falar em Jonas Brothers⁵⁴ ou em Hannah Montana⁵⁵ ou ainda em High School Musical⁵⁶? Na grande maioria dessas produções, preponderantemente seriados importados de canais norte-americanos, a atuação é de quase 100% de crianças e/ou adolescentes, ‘artistas-mirins’ que têm feito fama e fortuna.

⁵⁴ Originalmente um grupo *teen* de música estadunidense formado por três irmãos, que atualmente protagonizam também a série “Jonas”, do Disney Channel. Essa mesma série chegou a ser exibida em rede nacional, todas as manhãs, na TV Globinho (programa infantil da Rede Globo) em 2010.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Jonas_Brothers#Filmografia

⁵⁵ Outra série do Disney Channel que arrebatou o público infantil brasileiro e que é estrelada por Miley Cyrus, uma adolescente que vive uma vida dupla: de dia é uma menina “normal” e à noite sobe aos palcos como a cantora Hannah Montana. http://pt.wikipedia.org/wiki/Hannah_Montana

⁵⁶ Também do Disney Channel, trata-se de uma série protagonizada por dois adolescentes – um menino e uma menina – que buscam os papéis principais do musical que a escola em que estudam está organizando.
http://www.disney.com.br/DisneyChannel/Programas/show_482_High_School_Musical/sitio/index.html

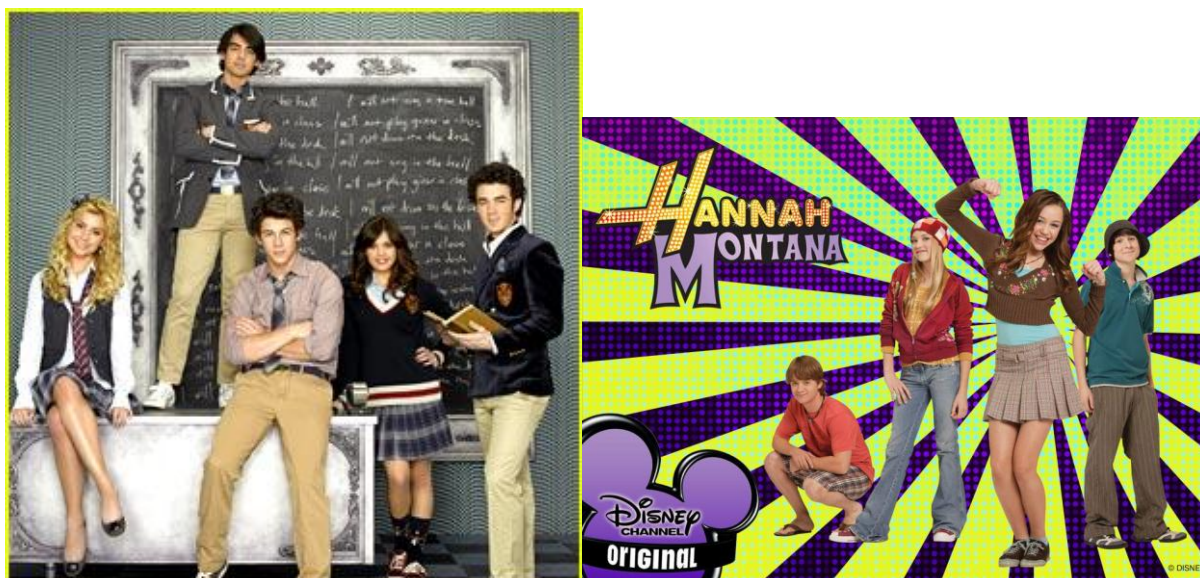


Figura 23: Imagens de divulgação das três séries respectivamente citadas. Disponíveis em <http://novamodabeleza.blogspot.com/2009/07/jonas-saiba-mais-sobre-serie-que.html>, <http://tv-nacional.com/serie-%C2%ABhannah-montana%C2%BB-o-final/> e <http://teleopd.wordpress.com/2007/11/20/disney-produz-quadrinhos-de-high-school-musical/>

E essa programação das televisões pagas apareceu intensamente nos encontros da pesquisa com os grupos, tanto que penso ser oportuno destacar aqui um diálogo que aconteceu:

Pesquisadora – E o que é programa legal na opinião de vocês?

Joshua – Sei lá...

Camila – Engraçado...

Bruna – “Zac e Code, gêmeos a bordo”... [fala algo mais que não consegui compreender].

Pesquisadora – Ai, mas fala devagar porque esses nomes são muito diferentes, eu não conheço todos... fala devagar...

Camila – “Hannah Montana”...

Bruna – “Zac e Code, gêmeos a bordo”...

Camila e Bruna – “Zac e Code, gêmeos em ação”...

Pesquisadora – Esses são os seus preferidos, Bruna?

Camila – Os meus também!

Yasmin – Eu também...

Algumas outras crianças dizem ser os seus também...

Camila – De todo mundo...

Luana – Não... Eu gosto de “Drake e Josh”...

Pesquisadora – Você não gosta desses, Luana?

Luana – Eu gosto, mas também de outros.

Pesquisadora – Qual é o seu preferido?

Luana – I Carlie

Eu – E como é que é esse I Carlie, é uma série?

Luana – É um... é uma... É... É um website... É... tem três pessoas: um menino e duas meninas...

Camila – Eles brincam assim, eles fazem negócio de internet. Eles têm um site, aí eles gravam...

Pesquisadora – Eles que montam as coisas que eles colocam no site deles?

Bruna – É! Aí tem duas meninas, que é a Carlie e a Sam. E um menino... Como é que é o nome dele mesmo?

Camila – Greg.

Todos os programas enumerados por eles neste trecho são oriundos dos canais fechados e têm o mesmo formato: são séries norte-americanas protagonizadas por crianças e/ou adolescentes. É importante que se diga que alguns desses seriados, muito em função do grande sucesso que obtiveram nas TV's a cabo, tiveram temporadas compradas pelos canais abertos e têm episódios sendo exibidos atualmente. De todo modo, em geral, as referências feitas pelas crianças dos três grupos veiculavam a assistência a algum canal a cabo.

Parece-me, definitivamente enfim, que o que vivemos atualmente é o acompanhamento da proliferação do protagonismo infantil na televisão: da figuração

nos auditórios ao papel de apresentadora de programa; da participação inexpressiva, coadjuvante aos adultos em cena, à performance de destaque como personagem-chave do enredo novelesco...

Enquanto nós, críticos, estudiosos e especialistas debatemos, quase sempre focando as discussões ainda na adequação ou não do conteúdo televisivo à infância, crescentemente o que se vê são crianças cada vez em maior relação com a tevê e, receio, nossos discursos cada vez mais afastados deste fato e deste hábito.

A atuação infantil nas telinhas (e até nas telonas do cinema) recorrentemente ganha destaque nas manchetes dos jornais e das revistas. Realmente os debates são múltiplos, intensos, e diria que com boas doses de unissonância entre as vozes críticas. São muito comuns as notícias que revelam o contragosto das pessoas em relação a situações consideradas abusivas com os menores. Exemplos notórios destas são as que culminaram com a já citada suspensão temporária da atuação de Maísa no Programa Sílvio Santos⁵⁷ ou as que envolveram mais recentemente o documentário “Babies”⁵⁸. Do mesmo modo, são eventualmente veiculadas algumas que trazem à tona o desequilíbrio sócio-emocional que tantas vezes abate aqueles que chegam à fama tão cedo. O caso familiar do famoso astro estadunidense Macaulay Culkin⁵⁹ talvez seja o mais conhecido, mas certamente não é o único. O nome de Miley Cyrus, por exemplo, também já começa a aparecer para o público por este viés⁶⁰.

Ao mesmo tempo, esses mesmos veículos enaltecem em tantas outras situações a beleza e desenvoltura das crianças-prodígio, a maravilha de se estar na mídia, em se ter *fama* e *sucesso*. Os programas que têm quadros de revelação de talentos infantis, que já existem há muitos anos, seguem garantindo participantes ávidos por uma ‘chance’ no mercado midiático. E muitas vezes as mesmas pessoas que criticam a tevê e sua programação enaltecem a criança que nela atua. Um exemplo que pode contribuir no sentido de ilustrar a ocorrência dessa contradição

⁵⁷ Ao acessar <http://maisasbt.blogspot.com/>, mais informações acerca do ocorrido.

⁵⁸ Podem-se ter maiores informações sobre este caso acessando-se: <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2010/05/07/documentario-sobre-bebes-levanta-polemica-sobre-trabalho-infantil-nos-eua-916526561.asp>

⁵⁹ Ator que ficou famoso aos 10 anos, protagonizando o filme “Home Alone” (no Brasil intitulado “Esuqeceram de mim”), e que viu sua família ruir em brigas judiciais pelo controle do dinheiro ganho com seu trabalho. http://pt.wikipedia.org/wiki/Macaulay_Culkin

⁶⁰ Para mais detalhes sobre os rumores que envolvem a estrela do seriado Hannah Montana, ler: <http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,hannah-montana-destruiu-familia-cyrus-diz-pai-de-atriz,679990,0.htm>

me parece ser uma situação vivida por uma companheira do grupo de pesquisa, Kátia Bizzo, ao organizar sua inserção no campo, para sua dissertação que versava especificamente sobre a recepção infantil de telenovelas⁶¹. Sua proposta era a de apresentar cenas de novelas que contavam com a atuação ativa de crianças para grupos de crianças espectadoras. Ocorreu então que numa das escolas-campo essa proposta gerou séria polêmica em função da opinião de professores da instituição em relação à inadequação do programa à idade das crianças. Mas cabe ressaltar que essa mesma escola tem um contingente significativo de artistas-mirins em seu corpo discente e não seria demais ponderar que, com muita frequência, os professores se envaidecem de ter como aluno(a) o menino ou a menina que aparece na novela, no comercial... Ora, atualmente os enredos de telenovelas contam frequentemente com papéis infantis, sejam os folhetins de que horário forem. Então as crianças poderiam atuar em telenovelas, mas não poderiam assistir às mesmas?

Mas o que salta a meus olhos, enfim, independentemente da perspectiva de resposta que se tenha para esta ou para outras questões que tenham sido colocadas até aqui, é que de fato muitos adultos têm se pronunciado em relação às questões que envolvem crianças e televisão. Adultos. Somos nós, acadêmicos, pais, críticos, telespectadores, professores etc., que seguimos falando, pensando e muitas vezes ditando sobre as crianças e seus hábitos em relação ao televisor e sua programação.

É importante que se diga que experiências de pesquisa no sentido de rever esse diálogo distanciado das crianças têm sido trilhadas. Buscando caminhar por um percurso de maior aproximação das crianças destas discussões, Renata Barreto Lacombe⁶², por exemplo, construiu seu trabalho de finalização do Mestrado no sentido de refletir sobre essa atuação com as crianças através das perspectivas exatamente daquelas que atuam na TV. Seu trabalho constitui-se como um importante referencial para esta dissertação já que, assim como proponho aqui, consolida-se no entendimento de que “[...] o ambiente midiático da criança [se conforma] como condição para pensarmos a infância contemporânea [...]” (p.09-10) Além dessa confluência, outra pode ser aferida no que tange à reflexão do trabalho

⁶¹ Trabalho defendido em 2009, que privilegiou a escuta sobre as opiniões e impressões das crianças acerca das telenovelas que assistiam então. Foram citadas pelas crianças todas as que estavam no ar naquele ano. Referência completa no fim deste trabalho.

⁶² Dissertação defendida no Departamento de Psicologia Clínica da PUC-RJ em 2004. Referência completa no final do trabalho.

de pesquisa com crianças. A partir dessa perspectiva em relação ao contato das crianças com as mídias, a autora se propõe a pensar sobre as crianças que atuam na televisão e faz isso junto com elas mesmas, relacionando-se com elas exatamente nos bastidores. Alteritariamente, enfim, a autora pesquisou com meninos e meninas que atuavam num específico programa de televisão estruturando uma visada não só da “infância dos bastidores”, mas, sobretudo, de infâncias contemporâneas. Este me parece um material demasiado importante àqueles que têm interesse pela temática e, mais que isso, penso que ele inspira novas investidas.

É nessa direção que intento caminhar ao me instigar especialmente sobre as crianças telespectadoras: e em relação à assistência, como é ser criança espectadora de televisão e ter crianças como protagonistas de muitas das atrações desta mídia?

Está aí uma das questões norteadoras deste trabalho, mas além desta algumas outras já se colocaram assim como outras tantas podem se formular. E permeando todas elas estarão sempre as crianças. Sujeitos que compõem uma também complexa e heterogênea categoria. Sujeitos que seguem por aqui neste percurso de trabalho e com quem permaneço em diálogo para a estruturação do próximo capítulo.



4 QUEM PROCURA, ACHA AQUI?

Ciência? O Selvagem franziu a testa. Conhecía a palavra. O que significava exatamente, porém, ele não o sabia. Shakespeare e os velhos do *pueblo* nunca se haviam referido à ciência, e de Linda ele recebera apenas indicações muito vagas: a ciência era uma coisa com a qual se faziam helicópteros, uma coisa que fazia com que a gente risse das Danças do Trigo, uma coisa que impedia de ter rugas e de perder os dentes [...]

Sim, mas que espécie de ciência? – perguntou sarcasticamente Mustafá Mond. – Os senhores não receberam instrução científica, de modo que não têm condições de julgar. Quanto a mim, fui um bom físico, no meu tempo. Bom demais; bastante bom para compreender que toda a nossa ciência é simplesmente um livro de cozinha, com uma teoria ortodoxa de arte culinária que ninguém tem o direito de contestar e uma lista de receitas às quais não se deve acrescentar nada, salvo com autorização do cozinheiro-chefe.

Aldous Huxley

Toda pesquisa é uma busca. Inicia-se um trabalho de pesquisa porque se pretende encontrar algo. Agora, esse ‘algo’ que se procura pode ter as mais distintas formas... Pode ser objetivo: uma resposta assertiva a uma questão que se coloca. Imagino que na área das Ciências Biomédicas, por exemplo, esse seja o tipo de procura mais frequente: a descoberta de aplicabilidade da substância X para a cura da doença Y. Pesquisa-se, usam-se métodos e estratégias, chega-se à resposta. Mas essa não é a forma de se fazer pesquisa, é **uma** forma de se produzir saber científico. Como disse, é sabido que existem áreas em que essa forma mais linear de estudo se estrutura com maior frequência. Mas é certo que não são essas as únicas áreas afeitas a esse percurso de estruturação de conhecimentos. O que efetivamente me parece existir, enfim, é uma noção geral do que seja a produção científica e tenho a impressão de que esta seria **a** maneira apontada e reconhecida.

Em seu “Admirável Mundo Novo”, de 1932, Aldous Huxley projeta a perspectiva de um mundo dominado pela técnica, pelas descobertas de um saber científico dogmático e dogmatizador. A meu ver, cria uma ficção como um grito, um alerta de cuidado aos rumos que tomamos ao elegermos nossos paradigmas. Tal

qual Benjamin (1994, 1995) afere em seus escritos sobre os riscos potencialmente desumanizantes das técnicas, como quando diz que:

Dominação da natureza, assim ensinam os imperialistas, é o sentido de toda técnica. Quem, porém, confiaria em um mestre-escola que declarasse a dominação das crianças pelos adultos como o sentido da educação? [...] E assim também a técnica não é dominação da natureza: é dominação da relação entre Natureza e humanidade. (BENJAMIN, 1995, p. 69)

Assim, não penso ser demais destacar que a busca por percursos científicos permeados por uma técnica que coadune com a humanidade segue sendo perseguida e é a partir dela, percebo, que estudos têm sido organizados. Refiro-me especialmente a estudos das Ciências Humanas, minha área de atuação. Nesse sentido de entendimento e trabalho, o tal ‘algo’ procurado pode ter pouquíssima objetividade nesse encaminhamento a uma aplicabilidade automática. Pode ser bastante subjetivo, inclusive, porque intenta mais a instigação de novas questões do que a formulação de respostas.

Os resultados dessa procura que caracteriza toda pesquisa, enfim, na minha concepção podem ser respostas ou caminhos.

Abro o último capítulo dessa dissertação com essa breve reflexão já que acredito que muito do que procurei se acha aqui. Aliás, avalio que encontro mais do que eu busquei, acho o que talvez até nem imaginasse que poderia vir a encontrar. E acredito que é bastante possível que, como eu, muitos encontrem ‘achados’ a partir dessas páginas. Mas preciso dizer que, reafirmando o que já apontei lá no início do trabalho em relação a minhas acepções teórico-metodológicas, encontram-se caminhos e não respostas.

No que tange à minha **procura**, meu principal objetivo de trabalho tem sido o de encontrar as crianças, aproximar-me delas como alguém que entende que elas têm o que dizer sobre sua vida, sobre sua experiência de serem crianças num tempo em que a mídia perpassa sua existência.

Assim, o exercício aqui, como procurei deixar claro bem no final do capítulo anterior, é o de seguir compartilhando um registro das reflexões que só puderam ser tecidas no, e a partir do, encontro com as crianças e suas percepções, meus **achados**! Diálogos que me parecem caminhos percorríveis por aqueles que, como eu, querem conhecer e estar com as infâncias contemporâneas.

4.1 Elas por elas

Totalmente envolvida pela ideia de que temos falado muito sobre as crianças e sua relação com a televisão, mas efetivamente conversando pouco com elas sobre esta questão, em minha inserção no campo procurei estar de ouvidos abertos a essa questão mais geral. Deste modo, minha atuação tinha a intenção de entrar em contato com percepções que as crianças têm formulado de si mesmas, de sua infância, de suas vidas que se constituem nesta contemporaneidade atravessada pela televisão e seus personagens. Estariam elas se vendo pela televisão?

Estávamos no início de uma oficina e eu explicava o jogo do dia, uma força que teria como palavras ‘escondidas’ os nomes de crianças da televisão. Diante dessa proposta, Vitória logo se colocou, como que pensando em voz alta:

Vitória – Ih! Vai ser difícil descobrir o nome, tem tanta criança na televisão...

Pesquisadora – Vocês concordam com a Vitória, tem muita criança na TV?

Gabriel – Eu acho que tem.

João Marcelo – É, tem.

Como audiência televisiva que são, os meninos e meninas percebem a quantidade de crianças que tem povoado a televisão na atualidade, não tenho dúvidas, e durante todas as oficinas deixaram isso nítido, apontando nomes, programas, papéis etc., como alguns dos diálogos que já apareceram no trabalho demonstram. Mas, para além dessa constatação, mais superficial, minha busca se empreendeu no sentido de conhecer mais a fundo subjetividades que se estruturam a partir desse fato, entendendo que “[...] uma subjetividade [...] se encontra não só nos indivíduos mas no *socius* [...]” (MIRANDA, 2000,p. 38). Afinal, como é ser criança em relação a essa constatação?

Sempre com essa questão no pano de fundo de minhas opções e questões, coloquei em discussão com as crianças a polêmica, já citada⁶³, que envolveu a personagem Rafaela, da novela “Viver a Vida”. O que elas, como crianças, teriam a

⁶³ Como aponto, já dei maiores detalhes dessa história ainda no Capítulo 2 dessa dissertação. Ver páginas 46 e 47.

dizer sobre essa questão que as envolve diretamente, mas que até então tinha sido discutida somente por adultos?

Pesquisadora – Mas eu tô fazendo essa pergunta pra vocês, gente, porque essa personagem foi muito falada antes da novela começar... Surgiu uma polêmica enorme em torno dessa personagem. Vocês sabem por quê?

Bruna – Porque ela era muito malcriada...

Pesquisadora – Pois é. O autor da novela divulgou para a imprensa, antes da novela ir para o ar, que ia ter uma criança fazendo papel de vilã... E eu trouxe esse assunto pra conversar com vocês porque eu vi um monte de gente falando do problema que era uma criança participar de uma novela fazendo papel de malvada...

Bruna – E qual é o problema?

Pesquisadora – ... pois é, nenhuma vez eu vi alguém perguntando para crianças o que vocês acham de uma criança ser atriz e fazer papel de uma pessoa malvada! Vocês acham que tem problema uma atriz criança fazer papel de malvada?

[Várias falam ao mesmo tempo – Não... – e eu peço que falem uma de cada vez...]

Jolie – Depende de que ponto de vista. Num ponto de vista é ruim porque ela pode, depois dessa novela, viver assim, ser malvada. Mas no outro ponto eu acho que é legal, deve ser legal ser atriz.

Eu – Vocês acham que tem chance disso acontecer?

Coro – Não! [Muitos argumentos são levantados, mas ficam inaudíveis]

Ana Carolina – Gente, ela sabe que é uma novela! E se ela sabe que é uma novela sabe que não é coisa do mundo real.

Pela extensão do diálogo destacado, penso que já é possível se ter uma ideia do quanto as crianças têm a dizer sobre a questão... Bruna nem consegue me deixar terminar a frase tamanho é seu estranhamento em relação ao suposto problema que fora levantado. Mas, ao mesmo tempo, Jolie traz para a roda um apontamento que revela o discurso de muitos dos adultos que chegaram a se posicionar sobre a polêmica. Sim porque, tenhamos clareza disso ou não, as crianças estão no mundo conosco, vivendo, lidando com informações e discursos, pensando a partir disso tudo também. E entendo que a partir do momento em que a discussão se colocou naquela oficina, o que se potencializou foi exatamente o compartilhamento dessa atuação reflexiva em relação àquele determinado assunto. No decorrer da

discussão, enfim, é de Ana Carolina a fala que parece amenizar a inquietação daqueles meninos e meninas: a atriz sabe diferenciar a novela da vida real! E diz isso com as palavras que transcrevi, mas também com as mãos, com expressão facial, com o ritmo das palavras... como que entoando algo que é 'óbvio'.

Impossível não fazer uma observação aqui – interrompendo brevemente análises que essa discussão ainda me leva a fazer – sobre esse caráter, que Bakhtin chamaria de emotivo-volitivo, do discurso que não se revela em sua mera transcrição. Em muitos momentos percebo que o que está transcrito revela bastante coisa, mas não a mesma quantidade de coisas, ou a mesma intensidade delas, que sua fala pronunciada a mim, e ouvida-vivida por mim, revelara. É por entender, como Bakhtin (2010), que “[...] uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, [que] a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada [...]” (p.85), que constantemente busco conferir ao transcrito ao menos um pouco de minha percepção de como fora entoado.

E foi exatamente seguindo essa percepção da entonação dada por Ana Carolina, e pela reação dos amigos em relação à sua afirmação, que investi mais na indagação:

Assistimos a uma cena da novela juntos, cena esta em que Rafaela faz uma de suas “maldades”...

Bruna – Ela tá fazendo chantagem com a Helena [personagem de Thaís Araújo]...

Pesquisadora – O que é fazer chantagem?

Ana Carolina – Ela falou pra Helena que se a Helena não mandasse a mãe dela embora ela contaria pro marido do beijo.

Pesquisadora – Como o tempo está acabando quero fazer mais uma pergunta: Vocês acham que porque a personagem Rafaela fez uso de chantagem na novela significa que a Klara Castanho aprendeu essa estratégia e pode no futuro vir a fazer uso disso na sua vida real?

Coro – Não!

Joshua – Ela já devia conhecer chantagem... E se ela for uma criança ignorante, idiota e abestalhada pode ser que sim.

Pesquisadora – E como é que a gente faz pra uma criança, para uma pessoa, não ser – vou usar as expressões que o Joshua usou – idiota, ignorante e abestalhada?

Jolie – Educá-la...

Laura – Conversar sobre os assuntos, sobre o que é certo e errado...

Os meninos e meninas que conversaram comigo, e a fala de Joshua corrobora isso, mostraram entender perfeitamente não só a diferença entre a ficção e a realidade, mas também entre as noções do que seria correto ou não na relação entre as pessoas. E mais, Joshua assinala uma questão que me parece muito importante de ser percebida o quanto antes: as crianças sabem de muitas coisas que nem imaginamos que sabem. Klara Castanho e as crianças que a assistiam, enquanto Rafaela, provavelmente não conheceram a chantagem só ao atuar na ou ao assistir à novela. Os comportamentos certos e errados, éticos ou não, estão na vida e, também, na televisão. E a lida com eles é sugerida ainda no diálogo com os pequenos: é só *conversando sobre os assuntos* que podemos pensar sobre eles. Todos nós, aliás, adultos e crianças.

A televisão deveria ser asséptica? Não cheguei a fazer essa pergunta às crianças, mas a faço a nós, sobretudo porque vi a novela até o último capítulo, assim como provavelmente Ana Carolina o fez, e me inquieto com sua constatação:

Ana Carolina – Mas no final da novela ela acabou sendo uma garota normal...

Tirar a “chantagem” da novela garante a proteção das crianças em relação a seu acesso a esse tipo de conduta? Que tipo de proteção é essa? Será que esse é o caminho?

Investindo na proposição de pensar junto com as crianças, ao mesmo tempo em que as vejo se colocando em condições de lidar com temáticas que talvez suspeitássemos não conseguirem ou não deverem, também pude vê-las diferenciando-se do mundo adulto, percebendo em si mesmas características específicas:

Assistimos à outra cena de Rafaela. Uma cena bem triste em que a personagem procura e encontra sua certidão de nascimento em busca do nome de seu pai, que consta como DESCONHECIDO no documento.

Várias falas – Ai que triste... Nossa, coitada...

Pesquisadora – Como será que é para uma criança que é atriz fazer uma cena dessas?

Bruna – Eu acho que ela vai ter que rir depois.

Ana Carolina – É porque deve ser triste... pra ela fazer a cena ela deve ter pensado em como seria se ela não tivesse pai...

Jolie – Eu vi numa revista que alguns atores choram de verdade quando fazem uma cena triste...

Pesquisadora – Então, vocês acham que crianças e adultos têm possibilidades parecidas nessa atividade de ser ator/atriz?

Jolie – Eu acho que as crianças são mais sensíveis...

Ana Carolina – E como elas são mais sensíveis, quando fazem uma cena triste choram de verdade. É por isso que depois da cena tem que ter cuidados com elas.

Ou seja, não se trata de entender que adultos e crianças sejam todos absolutamente iguais. Há diferenças e especificidades que não deixam de ser vislumbradas. O que se coloca, enfim, é que parece haver revisões que precisariam ser empreendidas ao se pensar em ambas as categorias e na sua relação. Ao que me parece são as perspectivas do dialogismo e da reciprocidade que mereceriam maior destaque. Essa é uma temática já discutida neste trabalho e que aparecerá, um tanto mais, adiante.

Não posso deixar de apontar, ainda, que a tensão não ocorre diretamente entre adultos e crianças apenas, mas mesmo dentro desse heterogêneo grupo que engloba a categoria Infância ela aparece. Numa das oficinas, mais pro final dos encontros, deparei-me com uma sala só com meninas e indaguei:

Pesquisadora – Hoje aqui só tem meninas... Tenho prestado atenção que os meninos começaram vindo encontrar com a gente e foram deixando de vir... Será que esses assuntos interessam menos a eles?

Giovanna – Eu acho que eles até têm interesse nessa coisa de fama, sim, mas não fama de televisão, mais, assim, fama de futebol, sabe?

De todo modo, para além de quaisquer nuances de aferição de diferenças, seja a da relação com os adultos ou esta que podemos caracterizar como sendo de

gênero, uma chamou muita atenção pela recorrência, como exemplifica o trecho abaixo:

Pesquisadora – E vocês acham que uma criança consegue perceber assim a diferença entre o que é novela, o que é personagem, e o que é a vida real?

Bruna – Sim! Claro. Ainda mais uma criança da idade dessa atriz!

Ana Júlia – É, só um bebê assim de três anos que não...

Ana Carolina – Mas um bebê não ia fazer papel de malvado, ele ia começar assim só aparecendo... num comercial... numa cena...

Com alguma frequência essa busca de diferenciação de alguns segmentos da infância foi expressa nos encontros com os três grupos. Para além da clareza que demonstram em relação às possibilidades e, mesmo, à inserção das crianças menores na televisão – destacando-se que a atriz citada tem a idade das crianças que compunham as discussões –, foi comum percebê-las distanciando-se de tudo que se mostrasse para elas como sendo de/para “criancinha”. Essa percepção de diferentes ‘categorias’ de crianças dentro desse grupo maior que é a Infância já foi apontada nesta dissertação – quando destaquei a existência da segmentação dos canais a cabo já com nichos de público infantil claramente delimitados –, mas de modo superficial e na perspectiva de outros grupos que não os de crianças. Nestes últimos, a questão aparece como algo tão tensionado na vivência de ser menino ou menina hoje que merece ser pensado com mais cuidado e mais de perto deles.

4.2 Ser criança na atualidade

De fato percebi logo nos primeiros encontros que essa identificação de meus interlocutores com a Rafaela seria deflagrada por mim. Não tenho dúvidas de que as discussões que aconteceram a partir da reflexão acerca desta personagem se deram com a intensa participação dos grupos com os quais trabalhei e se estruturaram a partir da identificação deles com aquela criança: uma menina com aproximadamente a mesma idade deles. Mas do mesmo modo avalio que essas conversas dificilmente teriam acontecido se eu não tivesse proposto, se eu não

tivesse colocado Rafaela na roda de discussões. Digo isso porque, como já pontuei, realizei diferentes propostas a partir das quais as crianças por eles assistidas “chegariam” nos encontros e, com raríssimas exceções, não eram exatamente elas que chegavam. Logo na primeira oficina com os grupos, a da Adedanha, vi essa questão se forjar – valendo o destaque ao fato de que nessa primeira versão do jogo, como já se viu, havia apenas 3 colunas a se preencher: programa de televisão, criança da TV e ator ou atriz:

Criança [não consegui identificar quem foi] – Adolescente vale como criança?

Pesquisadora – O que vocês acham?

Bruna – Criança e adolescente ainda não é adulto. Eu acho que vale.

Pesquisadora – Então gente, vocês concordam com a Bruna?

Cças – Sim!

Pesquisadora – Então tá combinado, vale.

Ainda sem dimensionar o que essa questão começava a me apontar seguimos com os encontros e num outro, em que a atividade era a Força, ela apareceu de modo ainda mais estruturado:

Para a atividade começar, pedi que as crianças escrevessem, em tiras de papel que distribuí, o nome da criança da TV que fosse a favorita, que cada um gostasse mais de assistir. O combinado era que a partir desses nomes a força acontecesse; esses nomes seriam as palavras escondidas no jogo.

Julia – Vale criança ou adolescente?

Jolie – É, vale adolescente também?

Pesquisadora – Não sei... O que vocês acham?

Rodrigo – Vale, Renata?

Pesquisadora – Não sei, acho que devemos decidir isso aqui, juntos... Vale adolescente também?

Ana Carolina – Pode! Na adedanha a gente não conversou e acabou valendo criança ou adolescente?

Jolie – É, adolescente não é adulto, é mais pra criança...

Pesquisadora – E aí, todo mundo concorda?

Todas as crianças assentiram, com expressões que iam da alegria de terem conseguido fazer sua demanda valer até às que me remeteram à interpretação de “claro! Tem que valer!”...

No jogo, sorteava um dos papéis e chamava a criança que o escreveu para fazer a Força, pra dinamizar a brincadeira em si. Então, quando esse nome era descoberto, sorteava outro e chamava a outra criança para coordenar... Assim, foi só a atividade começar, nome após nome, para que as reivindicações até ali colocadas ganhassem todo o sentido:

Pesquisadora – Então é a terceira adolescente que aparece aqui na força?!

Renata – E vai aparecer a quarta...

Rodrigo – Eu também botei adolescente...

Pesquisadora – Não vai dar mais tempo de fazer força, mas vocês querem contar em quem vocês pensaram?

Coro – Sim!

Pesquisadora – Em quem você pensou, Rodrigo?

Rodrigo – Selena Gómez.

Jolie – Que é adolescente também.

Pesquisadora – E a Yasmin colocou quem?

Yasmin – A Carlie, que é adolescente também.

Ana Carolina – Por que você não colocou Miranda Cosgrove?

Definitivamente parece que as crianças não têm preferência pelos seus pares que atuam na televisão. Para não dizer que não apareceu nenhuma criança nas forcas, teve Maísa, mas que foi colocada por mim em um dos grupos quando ninguém queria começar a brincadeira e pediram que eu comesse. E foi com o desenrolar das conversas que fui percebendo que a questão poderia ser anterior:

Pesquisadora – Por que vocês gostam mais dos adolescentes do que das crianças?

Ana Carolina – Ah! Porque eles atuam melhor.

Júlia – E eles não são tão infantis.

Pesquisadora – E tem problema ser infantil? Me explica aí...

Julia C. – Não...

Júlia – Mas tipo, eu não ia botar a menininha do Barney. Eu não ia!

Pesquisadora – Por quê?

Júlia – Porque é muuuuitoouoo infantil!

Ana Carolina – Mas você poderia ter colocado a Rafaela de Viver a Vida, que é pequena...

Pesquisadora – E vocês acham que ela é infantil, que é coisa de criancinha?

Jolie – Não, porque ela faz uma novela e já tem 8 ou 9 anos, né?

Yasmin – Eu não gosto de ver desenho de criancinha de 3 ou 4 anos.

Pesquisadora – Mas todas as crianças que estão na televisão fazem desenho ou programa que é direcionado para quem tem 3, 4 anos?

Coro – Não...

Ana Carolina – Oh, Yasmin, essa mesma que você botou fez Drake e Josh quando era pequena...

Pesquisadora – E esse é um programa para criança mais nova?

Ana Carolina – Não... nem um pouquinho! Tem até lá na tela [referindo-se à legenda de censura que aparece no canto da tela quando os programas vão iniciar]... é pra 10 anos...

A questão da não identificação com as crianças da televisão apareceu para mim, assim, como o receio de ser visto como “criancinha”, como um sujeito “infantilizado”, como um ‘pior’; como a fala de Ana Carolina pode subentender, como alguém que “atua pior”. Na conversa, pensando juntos, ficava claro que ser criança não era por si só uma questão: é possível ser criança e estar vinculado a um conteúdo televisivo que não seja dirigido aos bebês, aos “menorizinhos” que são diferentes deles, que têm possibilidades distintas das deles. Mas de pronto, numa resposta rápida, todas as crianças são afastadas do campo de visão. Não é com outras crianças, mesmo as de sua faixa etária, enfim, que meus interlocutores se identificam.

Crescer, em si, é uma forma de conquista. Ser maior, mais velho, assim, é parte disso. É claro que muito desse movimento pode estar relacionado a isso, à alegria de perceber marcas de crescimento em si ou o desejo de ver-se com essas marcas. De todo modo, porém, ao pensar nisso tudo não consigo deixar de me remeter também a toda àquela discussão que procurei sistematizar sobre as concepções de infância, pensando se nessa recusa ao que é “infantil” não estariam

as marcas das percepções dos próprios adultos em relação às crianças... Quem, em sua consciência, quer estar no mundo subalternizando-se a outros grupos, sendo visto como menor (no sentido pejorativo da palavra)? Não que eu deixe de acreditar na necessidade de relações em que diferenças sejam percebidas, observadas e, por isso, cuidadas, mas se prestarmos bastante atenção veremos que muitas vezes a relação do mundo adulto com o infantil é de desigualdade hierarquizada, na pior acepção em que essa condição poderia tomar forma.

São muitos os exemplos que podem ser levantados em que o que é infantil é visto quase que como débil. Quantas vezes não ouvimos dizerem de um adulto, que fez (ou faz recorrentemente) algo de errado, que ele “até parece criança”? Questões que estão de tal forma arraigadas em nossa cultura que sem um olhar atento nem percebemos. Outro dia, por exemplo, pasmei com a definição de um verbete no dicionário Houaiss: pueril - adjetivo de dois gêneros; **1** relativo ou pertencente à criança; infantil, Ex.: *fase p. da vida*; **2** Derivação: por extensão de sentido. que tem ideias ou atitudes de criança; imaturo, tolo, Ex.: *comportamento p.* Para além da associação imediata entre criança-imaturidade-tolice, pasmei porque se pensar nos usos que já vi essa palavra ter na vida cotidiana, na semântica que ela traz consigo para além do dicionário, realmente não gostaria de me ver, como indivíduo, assim tão diretamente associada a ela. Quem quer ser o *infans*?

A certa altura da primeira Adedanha, quando checávamos as respostas com a letra N, alguém citou Naruto como criança da televisão. Diante dessa fala, Giovanna reagiu:

Giovanna – Ele não é uma criança não, é um adolescente...

Yasmin – E o que que tem, a gente combinou que adolescente valia na criança... Não é adulto ainda.

Giovanna – ... se ele fosse uma criança, como é que ele ia lutar?

Camila – E daí? Você nunca viu “As Meninas Super Poderosas”? Elas são crianças...

Giovanna – Mas elas têm poderes...

Joshua – E o Naruto também tem...

Giovanna – Não pode...

Pesquisadora – Você acha impossível pensar num desenho em que uma criança lute?

Giovanna – Ahã...

Bruna – Claro que tem vários desenhos que criança luta, garota!

Giovanna – Mas só se tiver poderes...

E é forte para mim a sensação de que as palavras de Giovanna apontam para a estruturação de uma noção sua do que é ser criança, uma noção vinculada a essa incompletude e incapacidade da qual, insisto, dificilmente alguém gostaria de ser espelho. É a partir dessa constatação, assim, que entendo que não só as crianças da televisão, mas também tudo o que é potencialmente percebido como dirigido às crianças telespectadoras é rechaçado por elas.

Mais uma vez na adedanha, checávamos as respostas com T e uma dupla, conflituosamente, expõe sua resposta da coluna “Programa de TV”:

Mesa 4 – Titãs.

Bruno – Ele que deu a ideia... (apontando para o Lucas)

Pesquisadora – Titãs é o nome de um programa de televisão?

Meninos – É!

Bruno – É do Cartoon, é muito chato!

Pesquisadora – Mas chama só Titãs?

Meninos – É...

João Pedro – Ele ainda curte essa coisa...

Pesquisadora – É um desenho?

Lucas – É.

Pesquisadora – Pô, então pode gostar ainda... Às vezes os amigos param de gostar, mas a gente pode continuar gostando ainda, qual o problema?!

Lucas – Eu sei.

Pesquisadora – Alguém mais botou esse programa?

Cças – Não...

Lucas – Não falei?!

Apesar de na Adedanha eu não ter vinculado em nada o que enunciariam a preferências ou hábitos em relação à TV, foi comum que as crianças se justificassem diante da exposição de algum programa ou personagem, como ocorreu neste diálogo. A atividade era em dupla, mas “foi o Lucas” que lembrou desse desenho “chato”, que só ele “**ainda** curte”. Ou seja, o ainda expressa a condição de inadequação de assistência não só de um programa, mas de um canal que é recorrentemente apontado como sendo para “criancinhas”. E Lucas nitidamente se incomoda com a censura dos amigos, mas aguenta firme até constatarmos que nenhuma outra dupla colocara aquele programa: “Não falei?!” Lucas estava jogando e com a sua fala, praticamente desabafo, me deu clareza de que sabia que aquele desenho – justamente por ser de criancinha – não seria citado por ninguém! Ninguém dali gostaria de vincular-se àquele conteúdo...

É a partir daí, então, que espreito a adolescência surgir como categoria que salvaguarda sua imagem, que garante um outro *status* a esses sujeitos, quase que como um *locus* que os redime. E, claro, ‘sobra’ para os irmãos menores, os “bebês”, esse renegado contorno que não querem, definitivamente, para si.

Pesquisadora – E aí, gente, que duplas conseguiram preencher “canal de televisão” com a letra “D”? Vamos começar por esta dupla aqui [aponto para a primeira à minha esquerda]...

Vitória – Disney Channel.

Gabriel – A gente botou Discovery Kids, porque eu assisto com meu irmão menor...

Vitória – Ai, tem que acabar com o Discovery Kids... É pra criancinha pequenininha...

Tinha que acabar com esse canal Discovery Kids.

Raquel – É mesmo! Muito chato...

Gabriela – Tinha que acabar...

João Marcelo – Não pode acabar com o Discovery Kids não, senão meu irmão...

O que não posso deixar de problematizar aqui de todo modo é que com todo um escopo teórico que me acompanha no que tange a essas perspectivas e concepções de infância, no momento da pesquisa de campo, do contato com as crianças, estou na vida, e imersa nela também me deparo, eu mesma, com a pessoa adulta que ainda tem dificuldades em pensar essas categorias de modo menos linear e etapista. Diante da tensão que se colocou, não conseguimos – nem eu nem

as crianças – escapar do critério etário como forma de caracterização de crianças, adolescentes ou adultos.

Pesquisadora – Vamos dar uma paradinha aqui e combinar junto porque senão teremos essa dúvida em todas as rodadas: qual é a diferença entre adolescente e adulto?

Jolie – Que eles são mais velhos...

Pesquisadora – Quem são mais velhos?

Jolie – Os adultos!

Pesquisadora – Os adultos são mais velhos. E quando é que a gente deixa de considerar... Pra vocês, pra gente combinar aqui pro jogo... Quando é que a gente deixa de considerar adolescente para considerar adulto?

Isabella – A partir dos 20 anos.

Pesquisadora – Oh, a sugestão é que a gente considere como adulto da televisão as pessoas que têm mais de 20 anos...

Algumas crianças, cujas vozes não consigo identificar interrompem – 18 anos!

Pesquisadora – E aí, 20 ou 18 anos?

Várias crianças falam ao mesmo tempo. Concordâncias, discordâncias... Até que umas falam mais alto:

Ana Carolina – A minha irmã tem 29 anos. Ela é uma adulta.

João Pedro – Ah, meu pai sempre fala pra mim que a gente é adolescente até os 18 anos... Mas que depois não vem adulto, vem jovem adulto... E eu acho que jovem adulto é mais pra adolescente.

Pesquisadora – E aí, gente, o que vocês acham?

João Pedro – Ele não é adulto.

Crianças em geral concordam com ele.

Jolie – Então vamos combinar: até 20 anos é adolescente.

Por mais que o jogo (nesse caso a adedanha, como pode ter sido subentendido por aqueles que leram os capítulos até aqui) demandasse uma definição de critério para prosseguir sem maiores percalços, desfocando a intenção que o levou a ser proposto, está claro que não consegui – certamente porque não vi essencialidade em fazê-lo naquele momento – instigar uma reflexão que buscasse desviar-se de uma delimitação etária para caracterização de fases que são em si

momentos de experiências de vida. Será que o consenso era fundamental? Para o jogo me pareceu que um critério mínimo seria indispensável, mas e na vida... Conseguimos escapar desse tipo de delimitação no cotidiano de nossas vidas de atuação com as crianças?

Para além dessa questão, enfim, foi assim que os adolescentes passaram a preencher boa parte de nossas discussões, sendo enumerados como os favoritos, os melhores na atuação, parte integrante dos programas mais divertidos e, segundo eles, mais assistidos... E buscando conhecer porquê dessa predileção toda, seguimos em diálogo:

Pesquisadora – Em várias das atividades que fizemos até hoje essas duas meninas [Miley Cyrus e Ashley Tisdale] apareceram bastante... O que vocês tanto gostam nelas?

Giovanna – Elas são bonitas e elas são famosas!

Jolie – Elas são alegres!

Isabella – Elas são cantoras também.

4.3 Beleza e fama como paradigmas da contemporaneidade

Já te vejo brincando, gostando de ser
Tua sombra a se multiplicar
Nos teus olhos também posso ver
As vitrines te vendo passar

Chico Buarque

Essa caracterização bonita(o)-famosa(o), praticamente um binômio, foi incansavelmente aferida, apontada, nomeada pelas crianças ao longo dos encontros no campo. A identificação com “crianças e adolescentes televisivos” citados geralmente revelaram a fascinação por essas características e até, a reboque, o desejo incontido de “ascensão” ao belo e ao notório.

Pesquisadora – Ficar bonita é essencial?

Bruna – Pra quem é famoso, sim.

As frases a partir daí demoraram um tanto a sair... É como se elas soubessem que falar que beleza é essencial “não é certo”, mas sem conseguir argumentos para sustentar o que “é certo” de ser dito. Meias frases são enunciadas, envolvendo sobrepeso também. Até que uma fala sai completa:

Laura – Minha mãe falou uma coisa assim pra mim – porque ela estava falando de eu parar de comer chocolate, e eu estou tentando –: Laura, sabe que todo mundo diz que aparência não importa e só importa se você é legal? Mas às vezes importa sim se você é bonito. Porque, tipo, quando você crescer você não vai querer ter um namorado? Normalmente quem é feio, ou... sei lá... quem é gordo, ninguém vai querer ficar com você...

As crianças se ouriçam, muitas começam a falar concordando...

Desejo que se refere a esses dois aspectos que se articulam com muita frequência, mas que também são pensados de modo menos associado, como quando Laura traz para sua vida cotidiana, de não “famosa”, questões de exigência estética que advêm dos valores e modelos que impregnam seu contexto de vida.

Para problematizar um tanto esta nuance, recorro à Miranda (2000) quando nos faz pensar que:

A mídia, ao mesmo tempo que proporcionou a possibilidade de novos encontros, através de sons e principalmente de imagens, constituindo uma certa democratização de informação e conseqüentemente do saber, trouxe uma homogeneização de valores, de padrões, de costumes, bem como de subjetividades. (p. 30)

Sem querer incorrer no equívoco de ler tais palavras como descrições de um encaminhamento determinista para com quaisquer sujeitos – questão que me parece já ter sido abordada por mim anteriormente – não é possível deixarmos de ter percepção da abrangência e profundidade das mensagens midiáticas em relação a seu potencial de atuação na construção de nossas sensações e paradigmas no mundo contemporâneo – para fazer o recorte temporal bem específico deste trabalho. Até porque, como Pereira, Paula e Santos (2008), creio que “Cada cultura, em determinada época, e valoração de sentido e experiência histórica, terá seu próprio juízo verbal de beleza, seu próprio padrão e conceito de belo [...]” (p.03).

Este é um traço que me parece de fundamental compreensão para que pensemos, a partir também do que as crianças nos dizem, que “juízo verbal de beleza” se tem erigido na contemporaneidade, tempo em que a tessitura geral da cultura é composta também pelas mídias, pela televisão e seus atores (aqui no sentido de sujeitos que atuam e não apenas no de artistas).

Dedicando um pouco de leitura à história desse conceito, percebemos logo que ele se modificou significativamente: da antiguidade que atrelava a beleza física à compostura moral dos sujeitos – o que era belo era conseqüentemente mais justo, por exemplo –; chega-se ao renascimento e sua concepção antropocêntrica, a partir da qual se passa a perceber a beleza não como um dote divino e de extensões para além das aparências físicas, mas como construção humana corporificada. A era moderna funda a possibilidade de redescoberta do corpo como objeto de beleza (PEREIRA, PAULA E SANTOS, 2008).

Nas conversas com as crianças essa acepção do corpo superficial como objeto de beleza fica bastante notória. Além das constantes aferições quanto à forma física, fala-se muito de peso e de plástica, um outro elemento dessa composição corporal apareceu com alguma frequência:

Acabáramos brincar do “Jogo do sim e não”, no qual a tarefa era descobrir a personagem ou artista contida na foto sorteada apenas através de perguntas passíveis da resposta “sim” ou “não”. E é importante ressaltar que as fotos escolhidas se deram em função da recorrência do aparecimento desses nomes ao longo das oficinas até ali...

Pesquisadora – Ah! Isso me chamou atenção: no jogo vocês logo perguntavam se era morena/ loira... Tem alguma criança ou adolescente da televisão que é morena e vocês gostam? Essas duas são loiras, né?!

Bruna – Sim! A Miley Cyrus é morena, ela só fica loira quando está de Hannah Montana.

Júlia – E a Ashley tinha o cabelo marrom, ela pintou de loiro.

Laura – É, e faz mal...

Pesquisadora – O que vocês acham dessa história de pintar cabelo?

Bruna – Eu acho legal, acho que fica mais bonito.

Ana Carolina – *Depende. Se ela pintar e eu ver que ela pintou não vai ter graça, porque eu já vou saber. É bonito se ela pintar e eu nem perceber que ela pintou, porque eu vou pensar que o cabelo já nasceu daquela cor.*

Pesquisadora – *Então o bacana é o cabelo que é pintado, mas que parece que é natural?*

Ana Carolina – *Isso!*

Giovanna – *Eu acho que é errado, porque elas têm que se mostrar na televisão como elas são de verdade.*

Bruna – *Não! Imagina se a Miley aparece na televisão com um monte de cabelos brancos?*

Laura – *O que é que tem?*

Bruna – *Ela vai ficar horrorosa!*

Todos falam ao mesmo tempo e fica inaudível.

Penso que é relevante demais esclarecer um pouco do enredo que compõe e coloca Miley na vida das crianças: trata-se, como já pontuei, de um seriado estadunidense que tem como argumento a vida de uma menina que lida com o anonimato e a fama cotidianamente. Na série, essa menina é uma artista da música, com muita fama, a Hannah Montana. Mas se utiliza de um recurso infalível para conseguir ter uma vida cotidiana ‘normal’, anônima, sendo Miley em seu dia-a-dia na escola. Só os mais chegados sabem de seu segredo. Ou seja, na vida comum, ordinária, ela é morena, enquanto que na famosa, de celebridade, ela é loira. O outro ícone que aparecera no jogo, Ashley, *tinha o cabelo marrom, mas pintou de loiro...*

Mas ainda mais para além da cor dos cabelos, do loiro que notória e majoritariamente compõe o visual das meninas idolatradas – além das bonecas comercialmente propagadas –, são as perspectivas em relação à demanda de colorir as madeixas que preponderantemente me impactam. Além de parecer inadmissível para Bruna a exposição de fios brancos nos cabelos daquela que ela ‘curte’, parece mesmo que a importância quase que exclusiva da imagem impecável é colocada claramente quando Ana Carolina aponta o fato de que o ‘bacana’ é fazer sem que o que se faz se torne perceptível... Sim, porque o que quer que se faça não se faz só para si, se faz para ‘os outros’ também.

Ainda segundo Pereira, Paula e Santos (2008) são os processos de urbanização e industrialização que se seguiram, e que inevitavelmente modificam as cidades do mesmo modo que também os indivíduos por elas habitados, que deram continuidade nessa transformação de acepções do conceito de beleza inaugurando uma nova possibilidade de percepção estética a partir da **experiência de mostrar-se**. Segundo as autoras, que se referem a Bigal (2001):

A criação da vitrine talvez seja a melhor metáfora dessa época, pois o vidro que a delimita não apenas permite ver o interior da loja e os artifícios oferecidos para os cuidados com a beleza, como também transforma-se em espelho, onde quem a olha, pode admirar-se a si mesmo. (PEREIRA, PAULA E SANTOS, p. 04, 2008)

Embeleza-se para ser visto e se é visto porque se é belo ou embelezou-se. E assim se compõe uma lógica que me parece mesmo ter a vitrine como metáfora adequada, mas sem esquecermos do espelho como outra figura indispensavelmente associável. Do mesmo modo que se intenta ser visto – estar na vitrine – intenta-se ver-se a si mesmo – no espelho –, como Narciso. Lógica que me parece habitar o pensamento das crianças e que, assim, também me parece revelar um tanto das acepções contemporâneas que permeiam a temática.

Essa demanda do ser visto, aliás, nos leva de volta à outra face desta moeda que estamos manejando: a fama. Em muitas das falas das crianças ser famoso se revela exatamente como um meio de ser visto.

Pesquisadora – Por que vocês acham que tantas crianças vão a programas de calouros, como o programa do Raul Gil?

Vitória – Para ficar famoso.

Gabriela – Por causa do talento.

Caio – Por causa do talento e pra ficar famoso.

João Marcelo – Pra ficar famoso.

Pesquisadora – É bacana ser famoso?

Coro – Ahã!

Pesquisadora – Por quê?

Gabriela – Porque você aparece, as pessoas te conhecem...

Vitória – As pessoas te reconhecem, são suas fãs...

Pesquisadora – E ser reconhecida, ter fãs, é maneiro?

Vitória – É, tia...

O “É, tia...” de Vitória – mais uma das falas que não me sai dos ouvidos por sua entonação – quase que me pergunta: “Em que planeta você vive?”; interpela-me como quem diz: “É claro que é maneiro ter fãs e ser reconhecida!”. E se coloca como portador de uma ideia muito frequentemente apontada nas conversas dos encontros de pesquisa: para além de serem espectadoras daqueles que estão na televisão, de serem fãs de alguns sujeitos-personagens em especial, o que se torna latente nos diálogos é a manifestação do desejo de alçar, elas também, esse lugar de reconhecimento; de garantir espaço nessa vitrine-espelho.

Sim, porque a televisão, meio sobre o qual este trabalho também tem de certo modo a intenção de refletir, revela-se ambivalentemente como ambos: espelho e vitrine! Segundo Coelho (1999), “Nos milhares de olhos que o espreitam, o indivíduo famoso se vê refletido. A experiência da fama é uma multiplicação de espelhos.” (p. 125).

Esse lugar que a TV fabrica na atualidade alimenta-se de uma convergência de outros meios e junto com eles compõe um gigantesco novelo em torno do planeta. **O que conduz as linguagens desse novelo é o olhar**, o que me permite propor a tela de TV como forma hegemônica desse novelo, hoje constituído por um sistema complexo que envolve teias eletrônicas feitas de satélites, ondas eletromagnéticas, feixes de *laser* e redes de computador. Fora disso não há vida. O que não é visível não existe. O que não tem visibilidade não adquire cidadania. (BUCCI, 2004, p. 33-34 **Grifos meus**)

O olhar, não há dúvidas, é uma faculdade incessantemente ativa nesses tempos de – retomando as já citadas palavras de Martín-Barbero e Rey (2004) – hegemonia audiovisual. Mas sempre fora, desde antes deste contexto cultural, importante pensar sobre a questão e é a Kehl (2004) que me remeto ao lembrar de sua importante sinalização à leitura psicológica deste ato, juntando essas duas nuances: “Ora, a imagem – lembremos o conceito de estádio do espelho, em Lacan – é a forma mais primitiva de identificação, que nos coloca na dependência absoluta do olhar do outro.” (p. 49). Para além do olhar, assim, na formação dos sujeitos está sempre contida a demanda de ser olhado também. Coelho (1999), ainda nessa perspectiva mais psicológica do fenômeno, aponta:

A construção do *self* passa pela observação da imagem de si nos olhos dos outros. Processo a que estamos todos submetidos, ver-se a si mesmo é tarefa que desempenhamos cotidiana e naturalmente. Vemos os outros e a nós mesmos; vemos também que nos vêem, e vemos esse olhar que nos vê, momento raro de reciprocidade absoluta. (p. 131)

Ao tratar das questões que envolvem análise do discurso, Bakhtin (2006, 2009, 2010) também elucida suas perspectivas sobre essa relação dos sujeitos com ‘os outros’ ao lidar com vários de seus conceitos. Já tratei um tanto dessas perspectivas neste trabalho, mas penso ser importante deter-me um pouco mais. Como para este autor “A **enunciação é de natureza social.**” (BAKHTIN, 2009, p. 113 **Grifos do autor**), pois ocorre sempre imersa num contexto e é inevitavelmente impregnada por elementos deste, pode-se dizer que o olhar do ‘outro’ está na tensão entre contido e demandado sistematicamente. Ou seja, nessa perspectiva, o entendimento é o de que o sujeito que enuncia o faz com consciência de para quem ele enuncia. Mais que isso ainda, aponta para o fato de que tomamos consciência de nós mesmos também a partir do excedente de visão que é do ‘outro’. É este ângulo de visada sobre nós, um ângulo que não nos é possível focar do local onde estamos, que nos dá acabamento e contribui para que nos constituamos.

[...] eu estou na fronteira do horizonte da minha visão; o mundo visível se estende à minha frente. Girando a cabeça em todas as direções, posso atingir a visão completa de mim mesmo de todos os lados do espaço circundante em cujo centro me encontro, mas não me verei realmente rodeado por esse espaço.” (BAKHTIN, 2006, p. 34)

Se preciso que ‘o outro’ me olhe e, na contemporaneidade, o que se vê está na mídia, sobretudo na televisão, sendo que praticamente só se vê o que lá está, se preconiza esse tipo de olhar. Nesse percurso, então, o que crescentemente se desperta é a necessidade de também ser olhado por esta poderosa vitrine que, não esqueçamos, é espelho também.

Pesquisadora – Mas e se vocês tivessem a oportunidade de ser famosos? Vamos ver aqui: quem gostaria de ter essa chance levante o dedo!

Dez levantaram e 6 não.

Ana Carolina [que levantou o dedo] – Você não queria ser famosa, Laura? [que não levantou o dedo]

Laura – Ah não, porque fica um monte de gente falando de informação da gente, vendendo livro...

Pesquisadora – Aqui na sala, a maioria de vocês preferia ser famosa. Vocês acham, pelas pessoas que vocês conhecem, que muita gente queria ser famosa se pudesse?

Jolie – Eu acho que sim.

Ana Carolina – Minha prima diz que quer ser famosa...

Laura – Eu queria de dizer que na verdade eu gostaria de ser famosa, mas famosa de outro jeito, que não famosa da TV... Mas uma famosa... é... como Einstein foi famoso, porque ele descobriu um montão de coisas, porque ele foi um cientista famoso... Eu queria ser conhecida, tipo, desse jeito: como uma cientista ou uma médica.

Laura nega o desejo pela fama, mas durante a conversa se lembra – e nos lembra! – que é possível entender um percurso de notoriedade pública bem distinto daquele que a sociedade contemporânea nos leva preponderantemente a perceber. De todo modo sua fala é ouvida com atenção por aqueles que compõem o diálogo, mas de fato segue solitária ante a tantas outras que se relacionam a um encaminhamento mais imediato e fugaz.

Talvez comecemos a encontrar em Guy Debord (1997), que trata das questões da imagem ao caracterizar “A sociedade do espetáculo”, na qual acredita estarmos inseridos na contemporaneidade, alguns caminhos de análise deste fato já que ao fazê-lo aponta também essa relação da imagem com ‘os outros’. Ele diz exatamente que “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens.” (p. 14). Ou seja, para além do que se veicula audiovisualmente em nossa sociedade, importam aqui as relações que vêm sendo estabelecidas a partir da assistência desses conteúdos e, retroativamente, os conteúdos que passam a ser estruturados e veiculados. Esse ciclo é o que parece ser rico de ser observado e discutido.

A partir das concepções de Debord, cotejando com o que Adorno e Horkheimer também pontuaram, Kehl (2004) afirma que “Dependemos do espetáculo para confirmar que existimos e para nos orientar em meio a nossos semelhantes, dos quais nos isolamos.” (p. 50)

Mais uma vez lembrando-me de Benjamin (2009) me inquieto ao pensar nessa necessidade tão intensa das vitrines e espelhos... Ele anota:

Egoístas – “é isto que nos tornamos em Paris, onde mal se pode dar um passo sem perceber seu próprio e adorado eu. Espelhos e mais espelhos! Em cafés, em restaurantes, em *boutiques* e lojas de departamentos, em salões de beleza e salões literários, nos banhos públicos e por toda parte, ‘a cada palmo um espelho!’” S. F.

Lahrs <?>, *Brief aus Paris*, in: *Europa: Chronik der gebildeten Welt*, ed. org. por August Lewald, vol. II, Leipzig-Stuttgart, 1837, p. 206 (p. 581)

E isso há quantos anos atrás? O que apontaria ele nesses tempos de ‘eus’ multiplicados pelas imagens que se refletem em diferentes superfícies-espelhos?

Cronologicamente mais próxima de nossos dias, Coelho (1999) afere que seguimos na busca desta multiplicidade dizendo que “Por caminhos distintos, o fã quer ser famoso.” (p. 40), num livro em que se dedica a tratar da experiência da fama. Na obra que, originalmente, apresentou como tese de seu doutoramento pelo IUPERJ⁶⁴, a autora lança mão, de um lado, de cartas de fãs dirigidas a seus ídolos famosos e, de outro, de entrevistas com atores e atrizes de televisão, para problematizar essas questões que se referem à tensão que inevitável e sistematicamente se coloca entre indivíduos ‘famosos’ e ‘anônimos’. E, com sua pesquisa, corroborando muito do que se disse até aqui, ela aponta que:

A questão do **olhar** parece ser central na experiência da fama[...] [já que] alguns dos entrevistados identificam o início de sua fama com os primeiros momentos em que foram alvo de olhares em lugares públicos, por pessoas desconhecidas. (p. 107 **Grifos da autora**)

Mas é quando indica que “Inextricavelmente ligada ao anonimato, a fama aparece como o lado glamouroso desta tensão, como possibilidade sedutora para a condição do indivíduo moderno: a chance de escapar à massificação.” (COELHO, 1999, p. 39) que nos ajuda a seguir adiante nas análises. Isso porque, para além das discussões que podem parecer datadas na contribuição desta autora e que se referem às noções de massificação e modernidade, nas conversas com os meninos e meninas essa perspectiva glamourosa da fama emerge com muita frequência, também deflagrando essa demanda do olhar até aqui dissertada, mas, sobretudo, deflagrando com recorrência algo a mais:

Logo que a questão da fama se colocou nas conversas com as crianças e que combinamos que esse seria um tema sobre o qual conversaríamos, planejei uma oficina com um jogo de dados que levaria ao preenchimento de uma tabela com vantagens e desvantagens de ser ‘famoso’. Assim que o jogo terminou, antes de eu ter contato com os registros, fizemos uma rodada de bate-papo...

⁶⁴ O título original da tese apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro é Anonimato e celebridade: a condição individual e a experiência da fama.

Pesquisadora – O que vocês acham que foi mais fácil de preencher, as vantagens ou desvantagens [de ser famoso]?

Coro [sem titubear] – Vantagens!

Pesquisadora – Por quê?

Laura – Porque se é famosa, a gente sabe que a pessoa é rica, que pode ter o que quer...

Júlia – Tem muito mais coisa pra colocar!

Foi notória e recorrente a correlação quase que imediata entre fama e dinheiro, me parece que circunscrevendo uma questão eminente na contemporaneidade: a atenção de nossas crianças às demandas de necessidade de acesso e pertencimento à sociedade de consumo.

4.3.1 Dinheiro: a chave para o que quer que se queira

Money, it's a gas.
Grab that cash with both hands and make a stash.
New car, caviar, four star daydream,
Think I'll buy me a football team.
[...]
Money, it's a hit.
Don't give me that do goody good bullshit.
I'm in the high-fidelity first class travelling set
And I think I need a Lear jet.

Waters, Pink Floyd

Como disse, nas conversas com as crianças se destacou de modo bastante claro essa relação entre fama e dinheiro. Num outro grupo, por exemplo, ela apareceu por outro percurso:

A brincadeira era um Bingo cujas cartelas continham imagens de crianças e adolescentes que tinham sido citados nos encontros até então. Após jogar duas partidas, a conversa se deu...

Pesquisadora – Depois de brincarmos de bingo e pensando nessas crianças que apareceram nas cartelas, queria saber o que vocês acham que na vida delas deve ser muito bom... e o que vocês acham que não deve ser tão bom?

Gabriela – Dinheiro!

João Marcelo – A vida toda!

[Essas duas falas praticamente me atropelam, saem enquanto termino a pergunta...]

Pesquisadora – Gabi, porque você diz que o dinheiro deve ser muito bom? Você acha que eles ganham muito dinheiro?

Gabriela – Mas é claro! Porque aí eles já podem comprar tudo o que eles querem [inaudível], podem comprar tudo.

João Marcelo – Para alguns. Para alguns o dinheiro traz felicidade.

Embora por caminhos distintos, sem chance de erro posso dizer que em todos os grupos a questão se colocou e com muitas semelhanças nas acepções: com o dinheiro representando uma espécie de chave para o paraíso... isso, como se houvesse portas para o oásis e essas portas fossem passíveis de ser abertas por essa 'única' chave. Foi realmente comum vê-las relacionarem dinheiro a acesso aos bens materiais – que se consegue através dele com os atos de aquisição de objetos etc – e também, conseqüentemente, ao bem não material mais desejado: a felicidade. Eis registros do jogo dos dados que falam por si...

AINDA PENSANDO NA FAMA...

	CRIANÇAS/ADOLESCENTES	ADULTOS
VANTAGENS	<p>Pode ganhar quase tudo que quer Fazer tudo nos melhores lugares Pode ter aula particular Viaja para muitos lugares</p>	<p>São ricos Podem ter dinheiro a sustento para fazer política de não fazer bonificação (a) Pode ter carros usados</p>

AINDA PENSANDO NA FAMA...

	CRIANÇAS/ADOLESCENTES	ADULTOS
VANTAGENS	<p>De rica Ter tudo o que quiser Todos a conhecem Ser fofinho Aparece na TV É adorada por todos</p>	<p>Ser rico ter manção ter pessoas que fazem tudo que da todo mundo te conhecer (ser popular) aparecer nas revistas</p>

Figura 25: Imagem digitalizada de partes dos materiais utilizados na oficina do jogo dos dados

Assim, mostrando-se claramente imersas nessa cultura que preconiza que se ‘tenha tudo o que se quer’ as crianças enunciam as vantagens de se ter fama pensando que com ela vem o dinheiro. Ou não ele exatamente, mas suas benesses, mesmo que indiretamente:

Bruna – Mas se a gente é famoso, ia ter Limusine, a gente tem uma casa bacana, roupas bonitas, tem dinheiro...

Pesquisadora – Vocês acham que a fama está relacionada com ter muito dinheiro e isso é uma coisa boa?

Várias crianças – É! Ahã!...

Renata – Nem sempre. Às vezes quem é famoso não compra as coisas, ganha...

Ana Carolina – É, as lojas dão a roupa pra fazer propaganda.

Giovanna – E assim você vai ganhando dinheiro suficiente pra fazer uma plástica e ficar bonita.

Confesso que a clareza que demonstraram ter em relação às nuances que envolvem todas essas relações mercadológicas que estão por trás da veiculação das imagens me impactou bastante. E essa não foi a única vez em que ela se deu...

Pesquisadora – E o que vocês acham dessa história de ser famoso?

Renata – Eu acho difícil porque às vezes você não pode nem sair de casa: tem essa coisa de paparazzi...

Pesquisadora – Mas vocês acham que essas pessoas acham isso ruim?

Ana Carolina – Depende, porque elas sabem que saindo muitas notícias delas elas vendem mais revistas, ficam mais famosas...

Renata – Mas assim, ela sai pra um lugar e não pode curtir, porque vem sempre alguém incomodar, tem sempre um fotógrafo...

Isabella – É isso deve ser chato...

Como já disse nessa dissertação, as crianças sabem de muitas coisas que demasiadas vezes não imaginamos que sabem... De todo modo, enfim, é a estrutura dessa cultura de consumo que parece mesmo compor essa faceta da lógica que se organiza a partir da vivência contemporânea. Lógica que pode ser inicialmente dissecada através da teoria de Baudrillard, como Saraiva (2000) propôs:

A hipótese teórica de Baudrillard [...] [é a de que] não se consome isoladamente, e sim numa teia de troca e produção de valores na qual todos os consumidores se acham enredados. Podemos concluir, com Baudrillard, que o indivíduo deste século é forjado no e pelo consumo [...] (p. 57)

Como os encontros com os três grupos não aconteciam em suas salas habituais de atividades não cheguei a ter oportunidade de perceber os traços desse consumo para além dos discursos que se estruturaram. Não tive quase contato algum com seu material, seus cadernos, mochilas etc. Ou seja, não cheguei a perceber se esses personagens compõem suas vidas também através de uma outra forma de consumo de suas imagens, de sua aquisição através de materiais e objetos que as estampem. De qualquer forma, tendo a perceber, como Kehl (2004) que:

Mesmo quem não consome nenhum dos objetos alardeados pela publicidade como se fossem a chave da felicidade, consome a imagem deles. Consome o desejo de possuí-los. Consome a identificação com o “bem”, com o ideal de vida que eles supostamente representam. (KEHL, 2004, p. 61)

Assim, arrisco-me a afirmar a inserção irremediável das crianças nessa estrutura, embora aqui tendo a necessidade de diferenciar minha perspectiva da de Baudrillard. Se por um lado percebo que a caracterização que este autor confere aos mecanismos dessa estrutura é interessante e elucidativa, por outro não partilho de suas acepções quanto ao papel dos indivíduos no processo tal qual ele descreve. Deste modo, e no diálogo com as crianças, caminho mais no sentido do que Canclini (2008) nos aponta quando diz, por exemplo, que:

[...] se os membros de uma sociedade não compartilhassem os sentidos dos bens, se estes só fossem compreensíveis à elite ou à maioria que os utiliza, não serviriam como instrumento de diferenciação. Um carro importado ou um computador com novas funções distinguem os seus poucos proprietários visto que quem não pode possuí-los conhece seu significado sociocultural [...] Logo, devemos admitir que no consumo se constrói parte da **racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade**. (p. 63 **Grifos do autor**)

Ou seja, ao contrário do que o primeiro autor poderia vir a afirmar, percebo que as crianças não estão simples e absortamente enredadas nesta teia, mas forjando-se ativamente a partir dela também. Estão imersas nesse mundo, pensando sobre seus conteúdos e formulando suas significações para eles.

Naquela conversa que foi desencadeada após o jogo dos dados sobre a fama, um interessante diálogo nasceu...

Laura – Mas a gente botou uma vantagem que eu achei uma vantagem estranha...

Pesquisadora – Qual foi?

Laura – Podem ter dinheiro o bastante para fazer plástica se não for bonita ou bonito...

Pesquisadora – Por que você acha essa estranha?

Fernanda – Porque é estranho gastar dinheiro fazendo plástica.

Jolie – Até porque não vai ficar bonita... Às vezes fica mais feia ainda...

Ana Carolina – É, se você nasceu assim é porque tá bom... Você é você. Se você for fazer plástica, você não vai ser mais você...

Pesquisadora – É, mas se vocês colocaram isso é porque acham que muita gente famosa faz plástica. É comum mesmo a gente ouvir de famosos que fazem plástica, mas porque vocês acham que eles fazem?

Fernanda – Ah, pra poderem ficar mais bonitas, mais vistas, essas coisas...

Pesquisadora – E você acha que dá certo?

Fernanda – Não...

Pesquisadora – É?! Você conhece alguém, se lembra de alguém, que fez plástica e não funcionou?

Laura [instantaneamente] – Michael Jackson.

Falaram um tanto do caso de Michael Jackson, das plásticas e remédios etc. E citaram o caso de uma professora que foi dar aula de óculos escuros porque tinha

feito plástica e a pedido das crianças tirou os óculos para mostrar como estava – poucos dias após a cirurgia – com os hematomas ainda.

Pesquisadora – Então não é só gente famosa que faz plástica?

Ana Carolina – Não, várias pessoas que se acham feias.

Rafaela – As pessoas imitam os famosos...

Pesquisadora – Ah, você acha que as pessoas famosas fazendo plástica influenciam as pessoas que não são famosas a fazerem também?

Giovanna – Um monte de gente acha que as pessoas, que só as pessoas que são famosas que são bonitas.

Laura – Mas tem muita gente que é mais bonita que gente famosa...

E como este, tantos outros diálogos foram travados, enredando as mais diversas nuances que a temática abarca, trazendo para a cena, mais do que pura distorção de valores, exercícios que me parecem ser de subjetivação. Num processo que pode trazer à tona aquilo que é subliminarmente partilhado por todos nós...

Pesquisadora – Para algumas pessoas o dinheiro traz felicidade? [formulo essa pergunta apenas repetindo o que uma criança acabara de dizer]

Vitória – Oh... Ajuda a pagar as contas.

Pesquisadora – E quando é que o dinheiro é ruim, então?

Gabriela – Olha, eu não sei.

Luís Otávio – A pessoa às vezes fica querendo gastar o dinheiro toda a hora.

João Marcelo – Mas se ela tem dinheiro ela pode pagar as contas.

Luís Otávio – Mas isso é o bom, mas se ela tem bastante dinheiro e pagou as contas já ela fica gastando com qualquer coisa. Aí o dinheiro pode acabar.

Pesquisadora – Então a única coisa ruim do dinheiro é que ele pode acabar?

Gabriela – Não. Quem tem muito dinheiro é ruim também porque pode ser assaltado.

... mas também que pode vir a dar forma a reflexões que talvez só puderam ser empreendidas porque o espaço para o diálogo fora aberto.

Pesquisadora – Além das pessoas te conhecerem, qual mais vantagem existe em ser famoso?

João Marcelo – *Dar autógrafo.*

Pesquisadora – *Dar autógrafo é legal?*

João Marcelo – *É.*

Pesquisadora – *Você gostaria de dar autógrafo?*

Alguns – *Sim! Eu gostaria...*

Luís Otávio – *O dia inteiro não!*

Pesquisadora – *O que será que faz uma pessoa que é famosa, que escolheu trabalhar na televisão, num lugar que vai fazer ela ser reconhecida, o que vocês acham que faz essa pessoa não gostar de dar autógrafo?*

Gabriel – *Ah, sei lá, ela deve acordar cedo...*

Luís Otávio – *As pessoas não podem nem ir ao supermercado direito...*

Vitória – *Eu ia me disfarçar... A Hannah Montana bota peruca... Ela coloca porque se ela contasse o segredo dela a vida dela não seria normal...*

Pesquisadora – *Mas como é que é isso: a pessoa quer ser famosa e depois que fica famosa se disfarça?*

Gabriela – *É porque é assim, a pessoa quer ter uma vida assim normal e quer ter também uma vida famosa.*

Gabriel – *Ih, caraca, não tô entendendo mais nada! A pessoa quer ficar famosa, mas depois não quer ficar famosa? Uma hora é bom ser famoso, outra hora é ruim ser famoso?*

Pesquisadora – *Pois é, Gabriel, eu tava pensando a mesma coisa que você... Aí eu fico pensando: e dá pra ter tudo na vida? Isso me parece que é querer ter tudo...*

Gabriel – *É, não dá! Isso é impossível!*

Pesquisadora – *E vocês colocaram também que ser famoso aumenta a chance de se ter amigos?*

João Marcelo – *Sim.*

Gabriela – *Eu acho que aumenta a chance de ter amigos falsos. Que só querem ficar perto pra chamar a atenção, pra ganhar dinheiro...*

Gabriel – *Agora complicou tudo! Era bom ter amigos e agora é ruim também?!*

Pesquisadora – *Pois é, agora eu também fiquei confusa: as três coisas boas que vocês listaram – dinheiro, fama e amigos – parece agora que têm partes boas, mas também coisas que não são tão boas nelas...*

Vitória – *É isso, sim, tem parte boa e ruim nelas.*

Gabriel – *É, nada é perfeito.*

Pesquisadora – E vocês acham que, apesar das coisas difíceis que vocês falaram aqui, as crianças que vocês conhecem – amigos daqui da escola, de perto de casa... – gostariam ou não de ser famosas?

João Marcelo – Gostariam.

Vitória – Gostariam.

No fim de cada discussão travada o que voltava enfim era a ideia de que o desejo de ser famoso paira mesmo entre as pessoas que vivem na contemporaneidade. Mas, além de se ter fama, da alegria do reconhecimento, associado ao desejo de ser famoso, a questão do dinheiro emergia mesmo como parte do “pacote” e, como já afirmei, como parte cobiçada dele. Mas uma nuance que me parecia intrincada a esta relação praticamente não tinha aparecido até aqui e atrás das percepções das crianças sobre ela segui...

Ana Carolina – É, e as crianças ainda têm a escola... Imagina você ter um trabalho e ainda estar na escola!

Pesquisadora – Pra vocês está claro isso que a Ana Carolina está falando: as crianças que estão na televisão estão trabalhando?

Umas – Sim!

Outras – Não...

Pesquisadora – Sim ou não?

4.4 Fama, beleza, dinheiro e... trabalho?!

Criança não trabalha
Criança dá trabalho

Arnaldo Antunes e Paulo Tatit

De fato, desde antes de minha inserção no campo, ainda no processo de gestação de minha questão e, portanto, deste trabalho de pesquisa, me inquietava

sobre a percepção das crianças espectadoras acerca do papel daquelas que atuam na televisão: será que as perceberiam como crianças trabalhadoras? Pensariam elas sobre isso?

Depois de ter vivido o contato com os grupos de pesquisa posso dizer que esse me pareceu mesmo um tema subliminar, tanto que a questão não se colocou logo nas conversas. De todo modo me parecia nuance importante e por isso, assim que surgiu – mesmo que a princípio desse modo subliminar – tratei de buscar caminhos de trazê-la para a discussão com as crianças. E o fato é que, quando se colocou, foi de modo a problematizar a visão simplista que o dualismo que muitas vezes se coloca no debate que envolve crianças e trabalho, como o cantado no refrão que se faz epígrafe acima, comumente apregoa.

Não há dúvidas de que esse seja um tema espinhoso, carregado de noções já preestabelecidas por um senso comum que quase que invariavelmente lida com a questão como se ela tivesse apenas dois lados: o bom e o ruim, o adequado e o inadequado, o recomendável e o que se deve evitar... Reportagens jornalísticas das mais variadas agências e veículos de comunicação, livros de literatura infanto-juvenil, campanhas de diversas organizações... muitos são os meios pelos quais se intenta corroborar a ideia de que criança não tem que trabalhar. Por outro lado, em paralelo a tudo isso – e fazendo o recorte mais que específico do campo que me propus a investigar –, a inserção das crianças em diversos produtos televisivos, como vimos até aqui, não deixa de se avolumar. E nossos meninos e meninas, não canso de enfatizar, crescem permeados por tudo isso, compõem-se sujeitos a partir de todas essas nuances, inclusive as eventualmente contraditórias.

Posso dizer que fui a campo com essa dualidade habitando minhas acepções! Mas a partir das reflexões tecidas nos encontros muito foi remexido e essa percepção maniqueísta foi sendo indagada a cada detalhe de fala, a cada ida e vinda de questão.

A princípio me parece ser fundamental destacar que, como o trecho de diálogo com a fala de Ana Carolina aborda, nem todas as crianças faziam de imediato a relação entre atuar na tevê e ter um trabalho. Mesmo apontando a relação quase que consequente entre fama e dinheiro, muitas negaram perceber as crianças da TV como trabalhadoras ao serem diretamente perguntadas sobre isso. Por que será que isso acontecia? Será que não estaria claro para elas o que seria trabalho? Tratei de indagá-las sobre isso:

Pesquisadora – O que é que caracteriza o que é trabalho?

Ana Carolina – Dinheiro. Ganhar dinheiro pelo que faz.

Coro – É... elas ganham dinheiro...

Pesquisadora – E além de ganhar dinheiro? Por exemplo, uma criança que está fazendo uma novela, pode ir pras gravações a hora que quiser?

Coro – Não!

Giovanna – Normalmente é todo dia!

Bruna – Geralmente é todo dia.

Rafaela – E é o diretor que escolhe.

Pesquisadora – E se marcarem a gravação bem no horário da escola dela?

Ana Carolina – Ah! Ela vai ter que ir pra escola, vai faltar na gravação...

Rafaela – Ai, essa é um desafio, vamos pensar...

Júlia – Não, ela tem um trabalho, não pode faltar o trabalho...

Rafaela – Ela não vindo à escola ela prejudica só a ela, mas se ela faltar no trabalho ela prejudica todos os atores, porque vai ter que mudar as falas...

Bruna – É vai ter que mudar tudo...

Giovanna – E ela tem um contrato...

Definitivamente não me parecia ser isso. De maneira geral elas assertivamente mostravam ter clareza do que seria trabalhar.

Entendendo, então, toda e qualquer análise como um caminho interpretativo, pergunto-me se essa acepção “geral” da inadequação da relação entre crianças e trabalho de algum modo não ocuparia um lugar central no diálogo travado com um adulto (no caso eu). E depois de afastar-me um tanto dos encontros para em seguida reencontrar-me com os diálogos que neles se forjaram torno a me indagar, sobretudo ao perceber que uma mesma criança, em momentos distintos de conversa, formula percepções tão diversas sobre a mesma questão...

A princípio, no primeiro dia de debate sobre a questão – que surge nos momentos finais da oficina –, a menina aponta:

Laura – Mas eu acho que é o seguinte: a criança tem que estudar, o adulto tem que trabalhar.

No encontro seguinte, já com a temática posta como central na oficina, estrutura-se a seguinte definição:

Pesquisadora – E o que vocês acham de criança trabalhar?

Muitas falam ao mesmo tempo...

Bruna – Ótimo, ótimo!

Ana Carolina – Eu acho legal...

Jolie – Depende do trabalho.

Laura – Então, se for trabalho legal, que a criança goste, aí é bom. Mas, se for tipo assim advogada, essas coisas que as pessoas acham chato, aí não.

Parece-me aqui que não se trata de questionarmos em qual das enunciações Laura estaria sendo mais “sincera” ou qual das pontuações revela-se como a “verdadeira” acepção que tem da questão. Minha leitura, ao contrário, não pretende eleger uma de suas enunciações, mas caminhar em busca de sentidos possíveis à existência delas. Nesse percurso, o que percebo é que a princípio a menina me respondera o que lhe parecia mais “acertado” de ser dito e, em seguida, imersa na conversa, que nos faz como que submergir mesmo – retirando-nos de algum modo do movimento de buscar “acertar” e colocando-nos na ação reflexiva –, aponta uma outra percepção possível daquela mesma questão.

Assim, sem intenção alguma de concluir dicotomicamente entre ser bom ou ruim criança trabalhar, as conversas foram travadas no sentido de perceber distintas acepções que o tema trabalho poderia vir a ter para as crianças com as quais atuei.

Caminhando neste sentido, me deparei com uma diversidade que a variedade de realidades e rotinas de vida contribui para forjar:

Fiz a mesma pergunta a outro dos grupos de crianças...

Pesquisadora – O que vocês acham dessa história de criança trabalhar?

Luís Otávio – Eu já trabalhei!

Gabriela – Se a criança quiser, aí é bom ela trabalhar, mas se ela não quiser aí é trabalho escravo infantil.

Pesquisadora – E vocês acham que é comum a criança querer trabalhar?

Vitória – Se for num emprego legal, é.

Pesquisadora – E o que seria um emprego legal para criança?

João Marcelo – Um programa de brincadeiras...

Mas uma diversidade de situações que não me pareceu revelar uma divergência de acepções. Neste caso, por exemplo, o trabalho aparecendo como fonte de lazer, quase que como forma de brincadeira, é partilhado como algo positivo pelos distintos grupos. Neste último, a nuance se acentua com o relato de Luís Otávio:

Vitória – O Luís falou que ele já trabalhou, no carnaval...

Pesquisadora – Vamos ouvir o Luís contar, gente. Fala, Luís.

Luís Otávio – Eu trabalhei vendendo é... água, aquela espuminha, aquelas asinhas, confete... Minha mãe vendia as cervejas dela lá e eu vendia as minhas coisas.

Pesquisadora – E você gostou?

Luís Otávio – Ahã... 100 Reais!

Pesquisadora – Você faria de novo, Luís?

Luís Otávio – Ahã [empolgado]!

E de fato não tenho como deixar de destacar a alegria com que o menino contou de sua experiência, realmente como quem conta de uma atividade muito divertida e prazerosa, como uma brincadeira! Ah, e destacando ainda a regalia de nesse dia ter podido dormir depois das 2 horas da manhã!

Ao mesmo tempo, mais uma vez aparece na fala do menino o tão propalado dinheiro. E a partir do que a fala dele nos remete, posso dizer ainda que em todos os grupos o trabalho apareceu também por este viés da oportunidade, da chance de acesso ao próprio dinheiro e também a outros bens materiais, como na fala de Renata:

Renata – A Rafaela, eu li numa revista lá que falava sobre ela, acho que ela não tinha muito dinheiro e ela começou a fazer aula de teatro pra fazer dinheiro para ajudar a mãe e o pai para terem mais dinheiro, que ela não tinha tanto dinheiro assim.

E nesse percurso da demanda de conquista financeira, pais e mães – sobretudo mães – aparecem como atores importantes nessa complexa conjuntura em diversas colocações:

Esses diálogos foram travados na oficina em que assistimos juntos ao vídeo sobre *casting* infantil...

Pesquisadora – Essa é uma coisa que eu queria perguntar: vocês acham que todas as crianças que vão numa agência dessa vão porque querem, porque pedem?

Várias – Não.

Rafaela – Muitas vão porque a mãe quer.

Renata – Tem mães que querem que as filhas fiquem famosas...

Ana Carolina – É, a mãe também pode achar que ganha muito pouco dinheiro e que aí juntando o dinheiro do pai, da mãe e da filha dá pra comprar alguma coisa...

Giovanna – Eu sou de uma agência. Eu e minha irmã.

Pesquisadora – Você que quis ir, Giovanna, você pediu pra sua mãe para ir? Como é que foi isso?

Giovanna – Não, assim, minha mãe que quis que eu e minha irmã fossemos de uma agência, aí ela colocou com a gente. Eu não pedi não. Mas foi desde quando eu era pequenininha [inaudível].

Até porque, exatamente como aparece nesses trechos de conversa, para além das experiências de vida mais próximas, como a de Giovanna, estão as mediadas pelos veículos midiáticos, como as revistas e, mais uma vez, a televisão:

Giovanna – Tem mãe... eu vi num especial que a mãe sempre quer que a filha ganhe. Aí faz depilação, fica colocando um...

Laura – É eu sei! Já vi! É um negócio de concurso de beleza...

Bruna – É, eu já vi. É do Discovery Home and Health.

Renata – É eu vi um que a criança estava chorando para entrar no palco...

Rafaela – É tem criança que não quer fazer aquilo e a mãe obriga.

Mas é isso: a relação entre crianças e trabalho não apareceu somente como fonte de prazer, alegria e notoriedade não...

Rafaela – É, mas muitas vezes tem crianças assim na rua que ficam até descalças vendendo. Isso é muito chato, porque você tá com o sol na sua cara...

Várias começam a falar deste tipo de situação, contam casos que viram...

E por caminhos distintos, mais uma vez vi se estruturar nos três grupos uma categorização bem semelhante versando sobre essa temática: tem trabalho que pode ser para criança e tem trabalho que não.

Pesquisadora – Então, e vocês que são crianças que até já tiveram experiência de trabalhar, o que vocês acham de criança trabalhar?

Luís Otávio – É maneiro.

Vitória – Legal...

João Marcelo – Depende. Alguns são maneiros, mas é ruim quando tem negócio de pegar peso...

Nos três grupos, que se encontraram comigo em dias distintos, colocou-se como impeditivo ao trabalho de crianças a questão do esforço físico que a atividade demandaria, seu “peso”.

Pesquisadora – Então peraí, o que vocês estão falando é que na opinião de vocês tem trabalho que pode ser para criança e tem trabalho que não é para crianças?

Coro – É.

Pesquisadora – Mas porque tem trabalhos que criança pode fazer e tem trabalhos que criança não pode fazer? Qual a diferença, por exemplo, entre o trabalho da televisão para um trabalho em qualquer outro lugar?

Bruna – Porque é mais trabalhoso.

Ana Carolina – É porque, assim, um trabalho na TV, uma pessoa chega e diz: finge ser não sei quem, fazendo não sei o quê e falando não sei o quê. A pessoa vai fazer o quê? Vai fazer isso, numa boa.

Ana Carolina – É muito mais legal ser modelo do que carregar peso ou quebrar pedra...

A partir dessa caracterização que não imaginava que seria forjada e que, preciso dizer, me incomodou bastante, passei a perceber também que não eram só os meninos e meninas que de algum modo caminhavam nesse sentido da distinção de *status* de formas de trabalho para as crianças.

Aponto isso porque me parece já ser notória a regulamentação legal definida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Capítulo V, “Do direito à profissionalização e à proteção no trabalho”:

ART.60 – É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. (p.20)

E o Estatuto, que vale ressaltar é de 1990, segue referindo-se à proteção no trabalho usando exclusivamente o termo adolescente. No entanto, não são apenas os adolescentes e nem é somente no anonimato que o trabalho de crianças tem ocorrido. Sobre isso, então, encontro na dissertação de Renata Lacombe (2004) um pronunciamento do juiz Siro Darlan⁶⁵ feito à reportagem de um programa da Rede Globo:

No momento em que ela (criança) está numa atividade cultural, atividade artística, isto tem que ser estimulado e não impedido, sob pena de causar problemas psicológicos muito graves a essa criança. Não deve ser visto como trabalho mas como uma manifestação artística. (p. 107)

Mais recentemente ainda, em campanha noticiada por diversos veículos midiáticos, representantes do Ministério Público do Trabalho, da Secretaria municipal de Assistência Social e do Ministério do Trabalho foram panfletar na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, contra a exploração infantil ocasionada pelo trabalho infantil irregular, como parte da comemoração do Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil. E, mais uma vez, deparo-me com esse tratamento de excepcionalidade à atuação na mídia ao ouvir na matéria do “Bom dia Rio”⁶⁶, em 13 de junho:

⁶⁵ Magistrado que se tornou conhecido pela atuação – entre 1991 e 2004 – como juiz titular de duas das principais Varas da Infância e da Adolescência no Rio de Janeiro. Atualmente é desembargador.

⁶⁶ Depois de assistir à reportagem, recorri à internet em busca de um registro da mesma e encontrei-a no link: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/06/combate-ao-trabalho-infantil-chega-praia-de-copacabana-no-rio.html>.

Nem todo o trabalho infantil é irregular [...]. O trabalho artístico também é aceito.
– O trabalho infantil artístico é possível desde que sejam observados alguns requisitos: tem a autorização judicial, tem acompanhamento, tem a questão de que a criança não seja prejudicada na escola, que não haja prejuízo para a sua formação moral, psicológica, física. (Gabriela Maciel, promotora do Ministério Público do Trabalho).

E torno a me perguntar se só é difícil mesmo carregar pedras ou se as dificuldades são distintas... Mas não guardei a pergunta para mim:

Assistimos juntos aos dois vídeos que foram gravados do Programa Sílvia Santos e que veiculam cenas em que Maísa chora e bate com a cabeça numa câmera.

Pesquisadora – A gente terminou o encontro anterior com o João Marcelo dizendo que o problema de um trabalho para criança é ter que carregar peso. Então a gente assistiu a esses dois vídeos e eu pergunto depois de termos visto: Maísa não carrega peso no trabalho dela de aparecer na televisão, mas mesmo sem carregar peso tem coisa difícil no trabalho dela? Eu digo, é um trabalho fácil, difícil ou mais ou menos o dela?

Gabriela – É difícil. E a mãe dela nem aparece para ajudar.

Vitória – Mas eles não deixam...

Pesquisadora – Quem não deixa?

Vitória – As pessoas do programa do Sílvia Santos não deixam a mãe dela aparecer... É difícil, não é legal fazer isso com ela.

Do mesmo modo que não penso ser produtivo lidar com todas essas questões de modo dicotômico, tampouco poderia furtar-me de atuar em relação a elas de modo a instaurar questionamentos sobre certezas que pareciam estabelecidas. Investida do desejo de atuar no campo de modo a intervir no que parecia “dado”, instaurando reflexões, vivi cada momento de encontro e ainda trago comigo questionamentos dessa empreitada. Esses não se esgotam, mas este trabalho, este registro, precisa de ponto final. Apesar de que prefira pensar em reticências...



Suzy Lee

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ENTRE O VER E O SER VISTO: ESPECTADORES INFANTIS E SUA PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS NA TELEVISÃO

Toda pesquisa só tem começo depois do fim.

Marília Amorim

Durante a escrita desse trabalho – que envolve não só a colocação das letras no papel, mas um exercício intenso de reflexão, escuta e análise – é difícil precisar quantas vezes lastimei não ter feito tal pergunta em determinado momento. Ouvia o registro fonográfico de uma oficina e repetidamente pensava em coisas que não passaram pela minha cabeça no momento do encontro com as crianças, me indagando: por que não disse isso naquela hora?!

Não querendo justificar omissões que porventura possa ter vindo a cometer, me aquieto ao ler o que me parece ser a síntese do que percebo desse momento do percurso: não é possível apontar onde e quando começa um processo de reflexão (AMORIM, 2004). Talvez nem chegasse a formular o que a (re)escuta me levou a estruturar se não tivesse acontecido exatamente deste modo... Como saber?! O que se coloca, enfim, é a ideia de que a dissertação está próxima de sua finalização, mas a pesquisa, a colocação do tema como questão, está em plena atividade!

De todo modo, diante do que se intentou problematizar até aqui cabem considerações finais, apontamentos que de algum modo pretendem dar certo grau de acabamento ao que se estruturou.

E penso ser crucial iniciar esse ‘acabamento’ indicando minha percepção de afastamento das crianças, no que tange ao seu repertório, até o início desta empreitada. Apesar de atuar com crianças ininterruptamente há anos e de considerar minha atenção voltada a seus interesses e hábitos, surpreendi-me diversas vezes ao me deparar com meu total desconhecimento de um amplo repertório de preferências e assistência das crianças em relação à televisão. Não conhecia os nomes de boa parte das crianças e adolescentes que citavam, tampouco tinha ideia dos contextos de programação e veiculação de informação nos quais esses personagens-pessoas vêm inseridos.

Foi só a partir dos encontros diretos com os meninos e meninas, assim, que pude me aproximar desse universo, conhecê-lo um pouco, e me aproximar sobretudo da multiplicidade de significações que podem vir a forjar.

Nesse mergulho, reafirmei a ideia de que as crianças assistem à programação televisiva encontrando nela lazer e distração e, ao mesmo tempo, 'levando' dela diversos conteúdos. Parece-me ainda mais claro que a televisão é, pelo menos, parte do cotidiano de nossos meninos e meninas e que esse contato não é pura e simplesmente de recepção.

Enquanto a hipótese predominante na psicologia cognitiva do início dos anos 80 era a de que assistir televisão tomava o lugar da brincadeira imaginativa, as pesquisas mais recentes mostram, ao contrário, que o conteúdo da televisão é incorporado à brincadeira, sendo os heróis, heroínas e aventuras da tevê usados como matéria-prima da vida de fantasia das crianças. (GIRARDELLO, 1998, p. 141)

Mais do que atividade meramente passiva de receptores inertes, a assistência da televisão pelos sujeitos-crianças tem sido fonte de apreensão e de elaboração de conteúdos que são empregados não só na brincadeira e no jogo, na imaginação como demonstra Girardello em seu trabalho⁶⁷, mas também que são elementos que, compondo o repertório das crianças, potencialmente se combinam na estruturação de pensamentos e visões de mundo por parte delas.

Cabe destacar aqui, aliás, que apesar do foco de meu trabalho ter se restringido à televisão especificamente, não posso me furtar de apontar que ela hoje figura de fato como mais um veículo. O fenômeno de convergência das mídias faz com que uma variedade ainda maior de plataformas atue no sentido de fomentar cada vez mais informações acerca dos mesmos personagens; a televisão contemporânea, e seu conteúdo, é constantemente complementada pelos *sites*, pelas revistas, pelas redes sociais... Em contrapartida, e ao mesmo tempo, é ela mesma complementada com frequência por estas mídias também.

Mais do que "ligadas" à tevê e ao seu conteúdo de modo dissociado da vida, as crianças estão tratando dos temas que emergem dessa relação em seu cotidiano também quando estão distantes das suas telas: seja no contato com outros aparatos e veículos, seja através daquilo que nos pedem que adquiramos (para elas diretamente ou não), ou também naquilo que expressam das mais diversas

⁶⁷ "Televisão e imaginação infantil: histórias da Costa da Lagoa", de 1998, foi a tese apresentada pela autora à Escola de Comunicação e Artes da USP como requisito parcial para seu doutoramento. Referências completas ao final deste trabalho.

maneiras. Porque, definitivamente, o que está na TV não está apenas por lá, no “mundo da ficção”. Além de imersos nestes tempos de “*Reality Shows*”, de novelas e seriados que se propõem a ser cada vez mais verossimilhantes, a televisão não se encerra mais nela mesma, em sua única e exclusiva programação. Assim como na clássica questão de ‘se é a vida que imita a arte ou a arte que imita a vida’, ou na tradicional imagem do ovo ou da galinha, não é possível precisar se é a TV quem pauta as questões da vida cotidiana ou se é a vida cotidiana que demanda pautas para a programação da televisão contemporânea. Mais do que infrutífero, me parece que incorrer nessa discussão é atribuir poder demais à TV e de menos a outros veículos de comunicação, assim como desprezar a possibilidade de imaginação, de criticidade... descaracterizar os próprios sujeitos.

E ao privilegiar a análise da percepção das crianças dos personagens infantis da televisão, não foi apenas suas aceções acerca deles que se produziram: em seus relatos sobre o **ver**, sobre a assistência da TV e das crianças e adolescentes que nela atuam, as demandas do **ser visto** se estruturaram e revelaram um tanto a mais.

Para além dos gostos e preferências que notadamente se organizam, foi interessante perceber como, no diálogo, as crianças expressam de suas subjetividades que vêm sendo constituídas também por esse contato. A importância da partilha desses conteúdos no convívio social me pareceu relevante de ser assinalada. Além de ser uma temática comum, que agrega e traz elementos para a interação entre as crianças – todas sabem falar da tevê e do que nela é veiculado –, é de certo modo também fator de ‘classificação’. Explicando-me melhor, há em relação a esse contato formas socialmente organizadas de se conceber sua adequação. Entre as crianças com as quais conversei ficou claro que a assistência aos conteúdos televisivos não é indiscriminada, aliás, a enunciação dessa assistência não o é: há o que se ‘espera’, enquanto grupo social, que seja assistido e do mesmo modo o que se espera que seja rechaçado! O pronunciamento do que se assiste, assim, apareceu como relevante fator de aprovação ou desaprovação social entre uma criança e seus colegas.

E foi nessa direção de organização de pensamento que acompanhei os adolescentes “roubando a cena” das crianças televisivas. Os programas aos quais estão vinculados são os mais citados como preferidos, assim como são eles os personagens que inspiram maiores observações, maior identificação. Se crescer já é

por si marca de conquista no percurso de desenvolvimento que todos vivemos, diante da potência dos personagens adolescentes o desejo de fuga da classificação como criança colocou-se como algo que se potencializa significativamente para os meninos e meninas com os quais dialoguei.

No bojo das discussões estruturadas, esses meninos e meninas mais crescidos, que atuam sobretudo em seriados televisivos, se tornam ícones na estruturação de perspectivas e impressões sobre o mundo que rodeia nossas crianças. É nesse contexto que acepções sobre fama e beleza emergem de modo bastante vigoroso. E para além da constatação dos atributos nos personagens: os meninos e meninas falam destas nuances quase que como demandas do mundo contemporâneo. Não basta ver disso na tevê, é preciso ser como eles, **ter** do que eles têm.

Sim, porque nesse atravessamento de imagens e informações, a fama aparece tal qual o arco-íris – percorível como ponte – com o pote de ouro em sua extremidade! Não só a atração pela possibilidade de visibilidade é apontada nas falas das crianças, mas, talvez até sobretudo, a percepção da vinculação do sucesso com o dinheiro, e conseqüentemente demais bens materiais, é expressa como fonte de mobilização da sua atenção e também do seu desejo.

Nesse percurso todo, pensar com as telespectadoras as crianças da tevê como trabalhadoras constituiu desafio interessante, penso que o maior deles para mim. O contato com elas trouxe à superfície concepções de trabalho atravessadas por critérios bem distintos daqueles que trago comigo, acepções que revelaram muito de sua compreensão deste mundo no qual já nasceram imersas. E de algum modo também nos fizeram pensar em acepções de infâncias.

O que separa quem está do lado de cá de quem está do lado de lá da tela da TV?

Entre ver e ser visto estão essas questões, e certamente outras tantas. Mas todas elas – identidades, fama, estética, trabalho – não se colocam para as crianças apenas no contato delas com os personagens infanto-juvenis da televisão, se colocam?

Como nesta empreitada não tenho a menor intenção de responder assertivamente a nenhuma questão, considerando ser bastante mais fértil a reflexão que elas instauram, sigo pensando.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In: ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 119p.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004, 302p.

ANDRELO, Roseane. TV a cabo e a segmentação da comunicação. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre: PUCRS, nº20, abr. 2003, p. 88-97. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3207/2472>> Acesso em: 29 abr. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, 468p.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009, 203p.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, 155p.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.

BRAUNE, Bia; RIXA. **Almanaque da TV**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007, 307p.

BRASIL(1990). Lei Federal n. 8069/90 de 13/07/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: Magia e técnica, arte e política. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, 253p.

_____. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995, 279p.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009, 1.168p.

BIGAL, Solange. **Vitrine: do outro lado do visível**. São Paulo, Nobel, 2001.

BIZZO, Kátia de Souza e Almeida. **Crianças e telenovelas: diálogos silenciados**. 2009, 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BOLAÑO, César; BARROS, Charlini. Digitalização e movimentos recentes na TV segmentada brasileira. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo: ESPM, vol.2, nº5, p. 11-29.

Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/57/56>>
Acesso em: 29 abr. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, 143p.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008, 223p.

BRANDÃO, Cristina. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 37-55.

BRITTOS, Valério Cruz; Simões, Denis Gerson. A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil: do início aos dias de hoje**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 219-237.

BUCCI, Eugênio. A crítica de televisão. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 27-42.

BUSETTO, Áureo. Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Associação Nacional de História/ANPUH, v.27, nº54, dez. 2007, p. 177-196.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008, 94p.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, 228p.

CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecilia von (orgs.). **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002, 552p.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Uma teoria da Infância na contemporaneidade. In: CASTRO, Lúcia Rabello de (org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998, p.22-53.

_____. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lucia Rabello de e BESSET, Vera Lopes (orgs). **Pesquisa-intervenção na infância e na juventude**. Rio de Janeiro: NAU, 2008, p. 21-42.

COELHO, Maria Claudia. **A experiência da fama**: individualismo e comunicação de massa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, 148p.

DANIEL FILHO. **O circo eletrônico**: fazendo TV no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, 359p.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. s.l.: 2003, mimeo.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 238p.

DUARTE, Rosália. Introdução. In: DUARTE, Rosália (org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 17-40.

FALCÃO, Adriana. **Mania de Explicação**. São Paulo: Moderna, 2001.

FANUCCHI, Mário. **Nossa próxima atração**: O interprograma no Canal 3. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996, 228p.

FECHINE, Yvana; FIGUEIRÔA, Alexandre. Cinema e televisão no contexto da transmediação. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 281-311.

FEILITZEN, Cecilia von. Educação para a mídia, participação infantil e democracia. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia von (orgs.). **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002, p. 19-35.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003, 160p.

FUENZALIDA, Valério. **Programação infantil na TV, um modelo esgotado?** Disponível em <<http://www.midiativa.tv/blog/?p=495>> Acesso em: 15 fev. 2010.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e imaginação infantil**: histórias da Costa da Lagoa. 1998, 284 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

GOMES, Ana Maria Ribeiro. Outras crianças, outras infâncias? In: SARMENTO, Manuel e GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 82-96.

GOMES, Dias. Dias Gomes e o Macarthismo à Brasileira. In: SILVA JÚNIOR, Gonçalves. **Pais da TV**: a história da televisão brasileira contada por. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001, 399p. Mai. 1988/mar. 1999, p. 80-101. Entrevista.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 97-118.

HENRY, Georges. O maestro da TV. In: SILVA JÚNIOR, Gonçalves. **Pais da TV**: a história da televisão brasileira contada por. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001, 399p. Dez. 1998, p.148-165. Entrevista.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009, 1.986p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Editora Globo, 2003, 318p.

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 43-62.

KOHAN, Walter Omar. Infância e Filosofia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 40-61.

KONDER, Leandro. **A poesia de Brecht e a história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACOMBE, Renata Barreto. **A infância dos bastidores e os bastidores da infância**: uma experiência com crianças que trabalham em televisão. 2004, 133 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LEE, Suzy. **Espelho**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, 48 p.

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez Editora, 2008, p. 118-140.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. **O que as crianças cantam na escola?** Um estudo sobre infância, música e cultura de massa. Brasil, 2008, 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, 245 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilson de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 39-67.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, 356 p.

_____; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004, 182 p.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 72p.

MIRA, Maria Celeste. O moderno e o popular na TV de Sílvio Santos. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 159-175.

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In: SOUZA, Solange Jobim e (org.). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7letras, 2000, p. 99-116.

NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. A criança visível. In: **Revista Educação**. São Paulo: Editora Segmento, v.2, Educação e Psicologia, 2009, p. 44-53.

NOGUEIRA, Armando. O Estilista do Texto. In: SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **Pais da TV**: a história da televisão brasileira contada por. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001, 399p. Jun. 1998, p.18-39. Entrevista.

NOGUEIRA FILHO, Durval Mazzei. Há uma nova infância? In: **Revista Educação**. São Paulo: Editora Segmento, v.2, Educação e Psicologia, 2009, p. 06-17.

PASOLINI, Píer-Paolo. **Os jovens infelizes**: Antologias de Ensaio Corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. **Artes do dizer e do dizer-se**: narrativas infantis e usos de mídia. Projeto de Pesquisa. Faperj, 2008.

_____; SOUZA, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (org). **Infância e produção cultural**. Campinas: Papyrus, 1998, p. 25-42.

_____; PAULA, Maria Esperança de; SANTOS, Núbia de Oliveira. A beleza e o salão de beleza: apontamentos sobre infância e estética. In: IV Colóquio Franco Brasileiro de Filosofia da Educação, 2008, Rio de Janeiro. Anais.

_____; et alii. Ladrões de sonhos e de sabonetes: sobre os modos de subjetivação da infância na cultura do consumo. In: SOUZA, Solange Jobim e (org.). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7letras, 2000, p. 99-116.

PIZA, Daniel. Prefácio. In: SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **Pais da TV**: a história da televisão brasileira contada por. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001, 399p.

PRETA, Stanislaw Ponte. **Auto-retrato do artista quando não tão jovem**. Disponível em <http://www.releituras.com/spontepreta_bio.asp> Acesso em: 25 abr. 2011.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos**. Belo Horizonte: Miguilim, 1999, 15p.

QUINO. **Toda Mafalda**: da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 420p.

_____. **Cuánta bondad!** Buenos Aires: Ediciones de La Flor, 2009, 127p.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos. Televisão e história. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 07-11.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marcos (orgs.). **História da Televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 109-136.

RIBEIRO, Daniela Costa. **As novas tecnologias de comunicação e as transformações no processo de produção televisiva**. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14557.pdf>> Acesso em: 29 abr. 2011.

SANTOS, Núbia de Oliveira. **Intimidade e estranhamento na pesquisa com crianças**. Disponível em <<http://www.gpime.pro.br/grupeci/adm/impessos/trabalhos/TR172.pdf>> Acesso em: 03 out. 2010.

SARAIVA, José Eduardo Menescal. Do individualismo moderno ao narcisismo contemporâneo: a produção da subjetividade na cultura do consumo. In: SOUZA, Solange Jobim e (org.). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7letras, 2000, p. 47- 64.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006, 193p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 17-39.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **Pais da TV**: a história da televisão brasileira contada por. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001, 399p.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005, 293p.

SOBRAL, Adail. Ético e estético – Na vida, na arte, na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin** – Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008, 223p.

SOUSA, Mauro Wilson de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilson de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 13-38.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003, 387p.

VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de. Infância e Psicologia: marcos teóricos da compreensão do desenvolvimento da criança pequena. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). **Estudos da Infância**: Educação e práticas sociais. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008, p. 62-81.

ANEXO A
MODELOS DE MATERIAIS USADOS NAS OFICINAS

AINDA PENSANDO NA FAMA...

	CRIANÇAS/ADOLESCENTES	ADULTOS
VANTAGENS		
DESVANTAGENS		

ANEXO B
MODELOS DE AUTORIZAÇÕES ENTREGUES ÀS CRIANÇAS QUE
DEMONSTRARAM DESEJO EM PARTICIPAR DA PESQUISA

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Meu nome é Renata. Sou professora de crianças há 16 anos. Atualmente, faço Mestrado na UERJ, onde participo de um grupo de pesquisa preocupado com as relações contemporaneamente vividas entre a infância e a mídia. Dentro deste contexto temático, minha dissertação de mestrado pretende trazer a fala das crianças sobre um aparato midiático amplamente difundido entre elas: a tevê.

Para isso, preciso encontrar com as crianças, conversar com elas, criar espaço para que falem do que pensam sobre a televisão e, mais especificamente, sobre as crianças que veem na televisão.

Diante desta minha demanda de Pesquisa de Campo, a Escola XXXXXX disponibilizou espaço no horário de “Quintal” das crianças de 4º ano para que fizesse a proposta de encontros semanais (sempre às quartas-feiras) e seu(a) filho(a) manifestou interesse em participar do grupo de trabalho.

Os encontros serão em forma de oficinas quando, a partir de jogos, dinâmicas, assistência de cenas de televisão (planejadas por mim) etc., haverá espaço para conversarmos sobre o assunto. As oficinas serão audiogravadas, para posterior transcrição e análise de dados.

Este documento refere-se à autorização também de vocês, responsáveis, para a participação da criança na pesquisa. Caso estejam de acordo, por favor, preencham e assinem abaixo, assim como enviem este documento de volta à escola.

Eu, _____, portador de
identidade n° _____, responsável por
_____, autorizo
sua participação na pesquisa de campo realizada por Renata L. B. Flores e que será
vivida nas dependências da Escola XXXXXXXX.

assinatura

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Conforme conversamos, meu nome é Renata Flores. Sou professora e atualmente faço Mestrado na UERJ. Meu estudo por lá é sobre as relações vividas entre as crianças e a mídia, especialmente pensando no interesse e nas opiniões sobre as crianças e a televisão.

Para descobrir sobre esse assunto, preciso encontrar com vocês, que são crianças, e conversar: sobre o que vocês veem na televisão, do que gostam, do que não gostam etc.

Os encontros acontecerão uma vez por semana e na hora do “Quintal”. Serão em forma de oficinas quando, além de conversar, faremos jogos e dinâmicas. Gravarei as oficinas com um gravador digital para poder ouvir mais vezes as opiniões e pensamentos de vocês, o que ajudará na construção do meu trabalho, uma dissertação.

Este documento é para que fiquem registrados a sua autorização e o seu compromisso na participação da pesquisa. Caso esteja de acordo, por favor, preencha e assine abaixo.

Eu, _____, me comprometo a participar dos encontros com a Renata, que serão às quartas-feiras no horário do Quintal. Autorizo também o registro de falas minhas na dissertação de mestrado da Renata.

assinatura